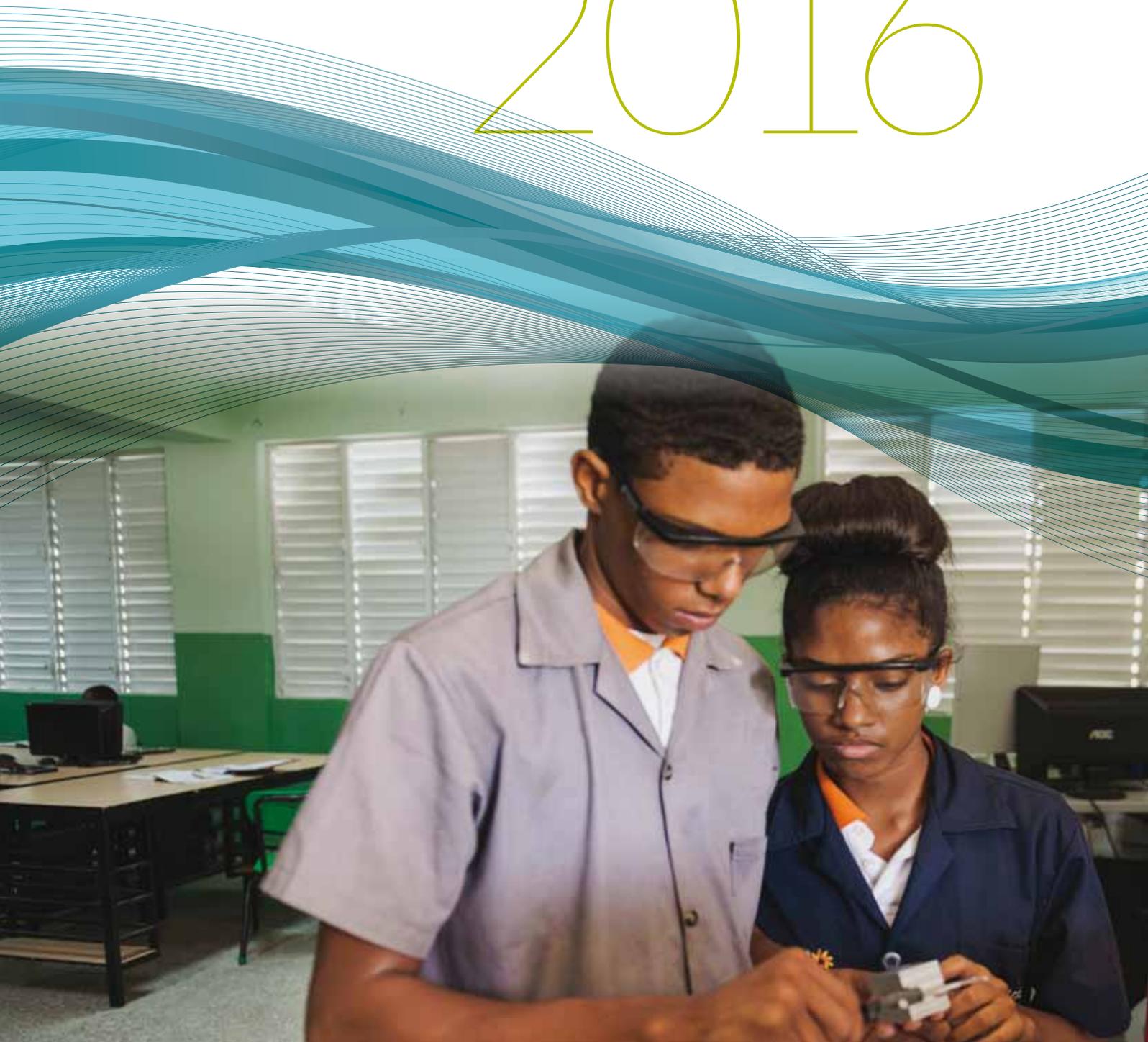


ORGANIZAÇÕES
DA POPULAÇÃO

AFRO DESCENDENTE

DE AMÉRICA LATINA

2016



As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade da autora e não comprometem as instituições às quais possa pertencer, nem refletem necessariamente os pontos de vista da SEGIB ou dos seus países membros.

O uso de uma linguagem que não discrimine nem marque diferenças entre homens e mulheres é uma das preocupações da Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB) e dos organismos que apoiam este documento. Neste sentido, devemos esclarecer que neste trabalho o uso do masculino refere-se sempre a todas e todos, mulheres e homens.

© Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB)

Paseo de Recoletos, 8
28001, Madrid

Copyright SEGIB
Outubro 2016

Autora

Silvia B. García Savino

Direção

Salvador Arriola
Secretário para a Cooperação Ibero-Americana
Martín Rivero Illa
Coordenador da Área de Coesão Social e Cooperação Sul-Sul

Coordenação geral

Luis Díaz Scharff
Técnico da Área de Coesão Social e Cooperação Sul-Sul

Imagens desta publicação:

AECID © Miguel Lizana

Desenho e produção:

Pablo Elorriaga
www.pabloelorriaga.com

Depósito legal: M-36877-2016

ORGANIZAÇÕES
DA POPULAÇÃO

AFRO DESCENDENTE

DE AMÉRICA LATINA

2016



Secretaría General
Iberoamericana

Secretaria-Geral
Ibero-Americana

Prefácio

O direito ao desenvolvimento da população afrodescendente continua a ser um desafio particularmente relevante na América Latina. Nesse círculo, e em contraste com o resto da população, verifica-se uma maior incidência de pobreza, desemprego, baixos níveis de escolaridade, piores condições de saúde e problemas de habitação. A tudo isto, acresce a discriminação em vários âmbitos e a falta de representação e participação política.

A partir da Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB), uma das principais orientações que se têm vindo a desenvolver, é a revalorização das contribuições que os afrodescendentes efetuaram e efetuam para a identidade ibero-americana. Por isso, uma das tarefas prioritárias é contribuir para a visibilidade do movimento organizado da sociedade civil afrodescendente.

No ano 2009, a SEGIB e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicaram o caderno *“Atualidade Afrodescendente na Ibero-América. Estudo sobre organizações civis e políticas de ação afirmativa”* como contributo para a luta contra a invisibilidade estatística da população afrodescendente na Ibero-América. A investigação apresentou novos dados, tais como o crescimento exponencial de organizações civis de afrodescendentes de 1980 a 2008, as suas atividades, o seu relacionamento com governos e organismos, bem como as suas principais necessidades de equipamento e formação. O estudo também revelou a existência de um movimento cada vez mais consolidado, que encontrou na via organizacional um caminho para expressar e consolidar a sua identidade. Nele também se analisam os progressos e desafios na implementação de políticas públicas de ação afirmativa, para depois refletir sobre as desigualdades raciais e de género que ainda persistem na região.

Por sua vez, a Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID), tem vindo a trabalhar com a população afrodescendente da América Latina a partir da sua criação, implementando valiosas experiências. Atualmente o seu *Programa de Cooperação com Afrodescendentes*, encontra-se em processo de renovação e, com o objetivo de discutir a proposta de documento estratégico, em setembro de 2015, reuniu em Cartagena das Índias (Colômbia), representantes de organizações afrodescendentes, governos e organismos bilaterais e multilaterais. Um dos resultados desta reunião foi o pedido, por parte dos representantes afrodescendentes de 12 países, de atualizar o estudo sobre organizações afrodescendentes de 2009, incluindo um mapeamento de agentes para criar uma rede de peritos e representantes. O presente documento é uma resposta decidida a este pedido que é financiado pelo Fundo Voluntário AECID-SEGIB.

Esta publicação realiza-se no contexto da Década Internacional para as Pessoas Afrodescendentes (2015-2024) e a partir de uma perspetiva de atualização, através de um inventário o mais completo possível e da investigação de fontes primárias. Depois de um exaustivo trabalho de investigação e de contacto com as organizações, conseguiram sistematizar-se mais de 200 formulários que serviram de base para a análise. Embora este número seja mais elevado que o do primeiro levantamento, no qual participaram 134 organizações, não devemos necessariamente concluir que há mais organizações na nossa região, mas sim que elas estão distribuídas de forma diferente conforme os países, tendo os

níveis de resposta sido também diferentes.

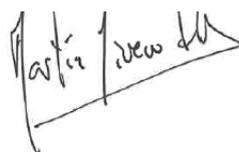
O documento sublinha que as organizações sofrem problemas semelhantes, porque a população afro-latino-americana é confrontada com situações parecidas, embora com algumas diferenças nacionais e regionais. Há organizações de perfil mais técnico e organizações orientadas para a incidência e mobilização social; têm objetivos diferentes, mas todas elas manifestam a necessidade de contar, tanto com recursos genuínos, quanto com mais formação em gestão para os seus líderes e membros. Neste sentido, regista-se a necessidade de gerar capacidades para profissionalizar os planos e projetos das organizações. Outra importante descoberta do estudo é a evidência do aumento nos últimos anos do número de organizações afrodescendentes de mulheres, de empreendedores, de microempresários, da comunidade LGTB, e de preservação do ambiente.

Merecem menção especial dois elementos distintivos destas organizações, que surgem claramente do levantamento efetuado. Em primeiro lugar, o fato característico da qualidade de liderança das mulheres afrodescendentes, sendo para tal significativo que 50% das organizações intervenientes sejam lideradas por uma mulher. Por outro lado, as organizações manifestam vantagens significativas em trabalhar em redes nacionais e internacionais. As redes internacionais mais mencionadas são a Rede de Mulheres Afro-Latino-Americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora, a Organização Negra Centro-Americana (ONECA), a Afroamérica XXI e a Rede de Escritórios Regionais para a Análise de Políticas de Equidade Racial (ORAPER).

Concluindo, tornam-se necessárias políticas públicas dirigidas à população afrodescendente, mas é igualmente importante a atribuição de recursos, e o investimento nas organizações da sociedade civil que trabalham diretamente com esta população. É evidente que as exclusões relacionadas com a raça, etnia, cor da pele, e outras, ultrapassam o nível de rendimentos e potenciam-se no caso da sua combinação com outras formas de exclusão, particularmente com a pobreza. Muitos desafios subsistem ainda no nosso empenho em alcançar uma comunidade ibero-americana mais inclusiva e coesa para todos e todas.



Salvador Arriola
Secretário para a
Cooperação Ibero-Americana



Martín Rivero Illa
Coordenador da Área de Coesão Social
e Cooperação Sul-Sul

Índice

1. Objetivos da análise	7
2. Metodologia	9
3. Análise da informação obtida	18
3.1. Ano de criação, natureza e âmbito das organizações	19
3.2. Número de parceiros e de pessoal	20
3.3. Acesso à Internet e equipamento tecnológico	21
3.4. Sedes das organizações, equipamento disponível e necessidades de equipamento	24
3.5. Objetivos das organizações	26
3.6. Atividade das organizações	29
3.7. Redes nacionais e internacionais	32
3.7.1. Redes Nacionais	34
3.7.2. Redes internacionais	37
3.8. Relação com organismos governamentais	40
3.9. Relação com organismos internacionais	44
3.10. Necessidade de estabelecer relações com outras organizações e com redes de organizações	47
3.11. Formação do pessoal das organizações	49
3.12. Necessidade de formação adicional	51
4. Entrevistas a líderes afrodescendentes	53
5. Conclusões e recomendações	81
6. Bibliografia	87
7. Anexos	91
7.1. Formulários. Carta de apresentação da SEGIB dirigida organizações	92
7.2. Organizações participantes	107

1.

Objetivos da análise



1. Objetivos da análise

A Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB) realizou o primeiro levantamento¹ das organizações da população afro-latino-americana em 2009 (PNUD e SEGIB, 2009). Numa reunião organizada pela Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID) com o objetivo de formular um programa de cooperação em matéria de população afrodescendente, que teve lugar em Cartagena das Índias, Colômbia, nos dias 8 e 9 de setembro de 2015, líderes afrodescendentes de 12 países pediram aos organismos internacionais presentes que se atualizasse o primeiro levantamento. Nesse contexto, a SEGIB, apoiada pela AECID e pelo Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), aceitou imediatamente esse pedido e dispôs-se a realizar o estudo que aqui se apresenta, para o qual estabeleceu os seguintes objetivos: “Objetivo geral: Atualizar o estudo sobre as organizações publicado em 2009. Objetivos específicos: (1) Realizar um mapeamento das organizações da população afrodescendente da América Latina. (2) Detetar e contabilizar boas práticas no uso das tecnologias da informação e da comunicação. (3) Fazer entrevistas complementares a representantes das organizações da população afrodescendente”.

O mapeamento das organizações realizou-se através da metodologia que se explicita no capítulo seguinte deste documento (primeiro objetivo específico); e no formulário enviado às organizações pedindo informação, entre outros pontos, sobre o equipamento tecnológico e a ligação à Internet de que dispunham (segundo objetivo específico). Tendo em vista a realização do terceiro objetivo específico, contactaram-se dirigentes históricos e novos para que o documento se enriquecesse com as suas opiniões sobre o futuro do processo organizacional da população afro-latino-americana e a sua atualização. Quase todos os contactados acederam a responder, via correio eletrónico, a seis perguntas preparadas pelos encarregados de implementar o estudo. Foram entrevistados²: Miriam V. Gomes da Sociedade Cabo-Verdiana de Dock Sud, Argentina; Jorge Medina do Centro Afro-Boliviano para o Desenvolvimento Integral e Comunitário (CADIC), Estado Plurinacional da Bolívia; Frei David Santos da EDUCAFRO, Brasil; Cristian Báez Lazcano da Organização Lumbanga, Chile; Juan de Dios Mosquera Mosquera da Organização Cimarrón, Colômbia; Burny Perea Gil da GEInnova, Colômbia; Quince Duncan Moodie, fundador da Organização Projeto Caribe, Costa Rica; Juan Ocles Arce, fundador da Organização Afro 29 de Junho, Equador; Teresa Mojica Morga, da Organização Afromexican@s, e Sergio Peñaloza Pérez da Organização México Negro, México; Dorotea Wilson T. da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afro-caribenhas e da Diáspora, Nicarágua; Cecilia Moreno Rojas do Centro da Mulher Panamenha, Panamá; Oswaldo Bilbao do Centro de Desenvolvimento Étnico (CEDET), Peru; Marco Antonio Ramírez da ASHANTI, Peru e Rafaelina Segura Vera da Jovens e Mulheres pela Mudança (JOMUCA), República Dominicana³.

¹ Conforme o dicionário da Real Academia Espanhola, a palavra levantamento remete para o “estudo de um terreno para analisar as suas características”. Neste trabalho, atribui-se ao termo um significado mais lato que o habitual: utiliza-se para designar o estudo de organizações orientado para analisar as suas características.

² Infelizmente, um dos caros líderes históricos que ia ser entrevistado, Celeo Álvarez Casildo, faleceu no dia 11 de abril em Tegucigalpa, Honduras, antes de responder à entrevista.

³ A todos eles, agradecemos, agora formalmente e por este meio, a sua disponibilidade e o tempo que dedicaram à entrevista. Quisemos entrevistar líderes de Cuba e o Uruguai, mas por diferentes motivos não nos foi possível receber as suas respostas.

2.

Metodologia



2. Metodologia

O processo de recolha de informação teve uma duração de quatro meses, aos quais se acrescentou mais um mês dedicado à análise da informação e à redação do documento.

Para conhecer a realidade das organizações — os objetivos, trabalhos e planos; as relações com outras organizações e com redes, bem como com organismos internacionais e governamentais; o equipamento, a disponibilidade de ligação à Internet e a formação dos seus membros, entre outros pontos que a seguir se relatam - e para que as próprias organizações se descrevessem e expressassem as suas realizações e dificuldades - pensou-se em contactá-las através do envio de correios eletrónicos dirigidos às organizações que tínhamos registadas⁴. Para isso, partimos de uma base de dados de organizações da América Latina fornecida pela SEGIB (cuja última atualização se tinha realizado em 2009) e de uma base de dados oriunda do projeto regional PNUD “População afrodescendente da América Latina” (cuja última atualização era de fevereiro de 2014). Em ambos os casos, as bases eram compostas por uma lista de organizações da população afrodescendente da América Latina, que incluía os correspondentes endereços de correio eletrónico e, nalguns casos, os números de telefone, endereços das sedes e nomes dos dirigentes; também continham dados de autoridades e funcionários estatais. Em primeiro lugar, fez-se a unificação das bases; além disso, retiraram-se as redundâncias e os contactos que correspondiam a indivíduos e a entidades governamentais e institucionais que não tinham porque participar nesta análise. Mantiveram-se os contactos mais recentes e rastrearam-se e corroboraram-se os dados de contacto em diferentes páginas web e motores de busca.

Posteriormente iniciou-se o envio de correios eletrónicos às organizações. Foi então quando a quantidade de correios eletrónicos que eram rejeitados (454 no total) manifestou que as bases de dados estavam muito desatualizadas. Isto deveu-se a vários motivos: o tempo decorrido a partir das últimas atualizações das bases, a enorme rotação dos dirigentes das organizações, a mudança de sede de muitas organizações e a curta vida de algumas delas. Começamos então a atualizar a base de dados, tarefa que se baseou no uso das redes sociais e na consulta a membros de organizações de toda a América Latina. Os correios eletrónicos rejeitados mostravam em que casos era necessário continuar a procurar. Finalmente, e tal como se pode observar no quadro 1, foi possível constituir uma base de 869 organizações de todos os países da América Latina.

⁴ Depois, observamos que este procedimento era insuficiente e então decidimos realizar também chamadas telefónicas, tal como a seguir se relata neste documento.

Quadro 1. Bases de dados de organizações da população afrodescendente da América Latina e número e tipo de contactos estabelecidos

	Organi- zações na base SEGIB ⁵	Organi- zações na base do PNUD	Base de dados actual	Correios eletrónicos enviados	Correios eletróni- cos inter- cambiados	Correios eletrónicos rejeitados	Organi- zações contac- tadas via Facebook
Argentina	2	7	28	48	37	23	18
Bolívia	1	3	6	8	14	5	11
Brasil	96	18	143	415	58	153	88
Chile	3	5	6	12	11	2	12
Colômbia	65	47	288	436	94	42	64
Costa Rica	1	9	11	17	17	2	4
Cuba	5	3	9	14	16	9	2
Equador	19	19	169	195	84	98	38
El Salvador	1	1	2	2	4	0	1
Guatemala	3	0	3	7	5	3	1
Honduras	7	8	16	21	14	9	2
México	5	3	8	0	28	0	4
Nicarágua	8	5	13	16	5	15	6
Panamá	11	16	30	52	23	23	8
Paraguai	2	3	3	2	4	0	5
Peru	7	16	68	75	22	53	15
R. Dominicana	12	1	13	18	23	8	11
Uruguai	4	14	51	26	22	9	10
Venezuela	0	2	2	2	2	0	3
Total	252	180	869	1.366	483	454	303

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

**115
chats
abertos**

Durante o processo de recolha de informações sobre as organizações da população afrodescendente da América Latina, no total foram enviados 1.366 correios eletrónicos, receberam-se 483 correios eletrónicos, abriram-se e responderam-se 115 chats/mensagens via Facebook (ver quadro 1), e fizeram-se 24 chamadas telefónicas e 96 chamadas por Skype.

⁵ Totais obtidos depois do processo de depuração da base de dados original. Do total, 112 organizações repetiam-se na base proporcionada pelo PNUD, que se utilizou para atualizar os dados de contacto.

Foi muito interessante observar como os endereços e os telefones originalmente disponíveis se iam modificando com o passar dos dias, e como cada vez iam tendo mais importância os dados retirados das redes sociais e da informação fornecida pelos dirigentes das organizações.

Quadro 2. Organizações contactadas mediante redes sociais e organizações incluídas na base de dados utilizada

	Redes sociais, contactos telefónicos, difusão	Org. incluídas na base de dados	Total
Argentina	1	13	14
Bolívia	5	1	6
Brasil	9	5	14
Chile	2	3	5
Colômbia	45	13	56
Costa Rica	17	2	19
Cuba	3	3	6
Equador	25	5	29
Guatemala	2	0	2
Honduras	2	5	7
México	13	2	15
Nicarágua	1	1	2
Panamá	4	4	8
Paraguai	0	1	1
Peru	0	7	7
R. Dominicana	3	2	5
El Salvador	1	0	1
Uruguai	2	3	5
Venezuela	1	0	1
Total	136	70	206

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

Com base no formulário empregue no primeiro levantamento, bem como com base na consideração dos objetivos da presente análise, e a fim de incluir alguns outros temas que se consideraram relevantes, passou-se à redação do formulário que posteriormente seria enviado às organizações. Através deste formulário, tentou-se conhecer as organizações em profundidade a partir da consideração dos seguintes elementos:

- i) O país e a zona geográfica em que atua.
- ii) A natureza da organização, estrutura orgânica e quantidade de parceiros e empregados com que conta.
- iii) Se tem acesso à Internet, equipamento disponível e participação da organização em redes sociais. Além disso, a sua opinião sobre a necessidade de contar com mais ou melhor equipamento.
- iv) Os objetivos da organização e as atividades que desenvolve.
- v) A sua relação com outras organizações, redes, organismos internacionais e governamentais; e a sua opinião sobre a possibilidade de alargar os vínculos com organizações semelhantes e redes.
- vi) A formação dos trabalhadores da organização e a opinião acerca da necessidade de que os empregados recebessem mais formação.

Em todos os casos, foram enviados correios eletrônicos — em castelhano e, no caso de organizações no Brasil, em português — para explicar em que consistiria a análise, qual o motivo da sua realização, quais os organismos internacionais envolvidos e os pormenores dos procedimentos. Anexou-se uma carta de apresentação assinada pelo Secretário para a Cooperação da SEGIB, bem como o formulário — nas versões em castelhano e português — para ser preenchido pelas organizações caso decidissem participar no levantamento⁶.

Mediante correios eletrônicos, chamadas telefónicas e mensagens enviadas através das redes sociais contactaram-se 869 organizações. De todas elas, aceitaram participar no levantamento, quer dizer, enviaram o respetivo formulário, 206 instituições, isto é, 24% do total das organizações incluídas na base de dados e 28% do total das organizações efetivamente contactadas⁷.

⁶ No anexo 1, incluem-se os formulários enviados às organizações, em castelhano e português e a carta de apresentação da SEGIB, assinada pelo Sr. Salvador Arriola, Secretário para a Cooperação desse organismo, também em duas versões.

⁷ 4% de diferença representa o total das organizações que apareciam na base, mas cujos endereços não eram corretos e, portanto, não puderam ser contactadas.

Mapa 1. Quantidade de instituições que preencheram e enviaram o formulário por país



Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

Dois dos 206 formulários recebidos não puderam ser incluídos no estudo, já que eram organizações que excediam o âmbito desta análise; num caso, tratava-se de uma empresa privada da Argentina, sem fins sociais conforme a informação recebida, e, no outro, o formulário provinha da Mesa do Povo Afrodescendente da Comunidade Andina (CAN), vertente do Equador, que lamentavelmente também não pôde ser tido em consideração nesta contagem pois trata-se de um organismo intergovernamental⁸.

⁸ A Mesa do Povo Afrodescendente da CAN foi criada no ano 2011 através da Decisão 758 da CAN. É integrada por dois representantes afrodescendentes de cada país membro da CAN, um delegado governamental e um delegado do Defensor do Povo de cada país membro.

Além disso, três formulários - dois da Colômbia e um do Equador - foram recebidos depois da análise estar concluída e o documento terminado; no entanto, foram incluídos na lista final de organizações participantes e tidos em conta nas considerações finais. Portanto, incluem-se no mapa 1 as 206 instituições cujos formulários foram recebidos, mas apenas foram consideradas para análise 201 organizações⁹.

Quadro 3. Organizações participantes no primeiro e no segundo levantamentos

	Formularios primer relevamiento	Formularios relevamiento actual	Diferencia 2009-2016
Argentina	6	13	7
Bolívia	3	6	3
Brasil	26	14	-12
Chile	2	5	3
Colômbia	47	56	9
Costa Rica	2	19	17
Cuba	0	6	6
Equador	15	28	13
Guatemala	0	2	2
Honduras	8	7	-1
México	2	15	13
Nicarágua	3	2	-1
Panamá	11	8	-3
Paraguai	2	1	-1
Peru	15	7	-8
R. Dominicana	5	5	0
El Salvador	0	1	1
Uruguai	10	5	-5
Venezuela	0	1	1
Total	134¹⁰	201	

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

⁹ No anexo 2 inclui-se a lista das 201 organizações participantes por país.

¹⁰ Tomado do quadro 1 do primeiro levantamento; ver PNUD e SEGIB, 2009.

O número final das organizações participantes e a sua distribuição por país diferem dos resultados do primeiro levantamento. Daí, não se deve concluir que há mais ou menos organizações em cada um dos países; simplesmente, os tempos políticos e organizacionais são diferentes. No quadro 3 podem observar-se as diferenças existentes a esse respeito entre os dois estudos.

Exceto nalguns casos — que se podem agrupar em quatro categorias — não se sabe o motivo pelo qual algumas organizações contactadas resolveram não participar. Os casos de que se conhecem os motivos invocaram as seguintes razões para não participar:

i) Algumas organizações expressaram — temos referências indiretas disso — ter participado no primeiro levantamento e noutros estudos e não ter obtido qualquer melhoria na sua situação, pelo que não encontram motivos para participar neste levantamento.

ii) Algumas organizações simplesmente expressaram não estar interessadas em participar — também isto se soube através de fontes indiretas.

iii) Uma organização afirmou de forma direta que não queria ter relações com os organismos internacionais, referindo também que não tinha tempo para preencher os formulários.

iv) Outra organização mencionou que não enviaria informação porque os seus membros se sentiam espiados e ameaçados.

Um caso especial é o do Brasil, o país que apresenta a maior proporção de população afrodescendente da América Latina¹¹, agrupada em centenas de organizações. Só contamos com algumas hipóteses não corroboradas para explicar por que houve pouca participação por parte das organizações desse país: uma delas está relacionada com a crise institucional aí vivida nos meses em que se recolheu a informação; a segunda, é uma razão mencionada por alguns membros de organizações, que já se referiu antes: trata-se do argumento que sustenta que as organizações não sentiram nenhuma melhoria por terem participado em convocatórias deste tipo. Em qualquer caso, apesar de todos os esforços realizados¹², lamentavelmente neste mapeamento institucional só participaram 14 organizações do Brasil.

Trata-se, portanto, não de um levantamento do universo completo das organizações da população afrodescendente da América Latina — nunca foi esse o objetivo —, mas de um inventário, o mais exaustivo possível, composto pelas organizações às quais se conseguiu aceder através de contactos estabelecidos por meio de chamadas telefónicas ou de comunicações via correio eletrónico e redes sociais, tal como já antes se mencionou e que livremente optaram por participar. É uma investigação baseada em fontes primárias porque são as próprias organizações as que falam de si mesmas, se descrevem e contam os seus objetivos, trabalhos, realizações e necessidades. Optou-se por não utilizar fontes secundárias para que fossem as próprias organizações e os seus dirigentes os que fizessem ouvir a sua voz.

¹¹ Conforme o último censo (2010), 50,74% da população autoidentifica-se com os afrodescendentes (“preto” e “pardo”).

¹² Como anteriormente se referiu, enviaram-se centenas de correios eletrónicos, para além de se ter intensificado a procura, sobretudo no caso do Brasil, por meio do envio de mensagens de Facebook, Whatsapp e Skype. No primeiro levantamento, como se pode observar no quadro 3, tinham participado 26 organizações brasileiras, ou seja, novamente poucas relativamente às centenas de organizações existentes e à quantidade de população afro-brasileira.

Não se trata de uma amostra estatística, já que, embora se procure inferir propriedades mais ou menos gerais a partir do conjunto das organizações estudadas, esse conjunto não é estatisticamente representativo da totalidade pois: i) não se conhece com exatidão o número total de organizações da população afrodescendente de toda a América Latina, e ii) a consulta não foi dirigida a um certo número de organizações estabelecido conforme critérios previamente concebidos, mas foi enviada à totalidade das organizações cujos dados se encontravam disponíveis ou puderam ser obtidos, e essas organizações tiveram a possibilidade de participar livremente e reenviar o formulário de participação para que outras organizações, desconhecidas até então dos encarregados deste estudo, também pudessem participar. Portanto, não se considera que este trabalho se baseie numa amostra, pois, pelo que se acaba de mencionar, tratar-se-ia de uma amostra distorcida. Assim, este estudo é uma análise exploratória.

Alguns formulários foram enviados sem terem sido totalmente preenchidos. No entanto, dado que a quantidade de casos desse tipo é, em geral, pequena e assistemática, mencionar-se-á, em cada pergunta, quantas organizações responderam à respectiva resposta.

O formulário continha perguntas abertas e fechadas; portanto, quando se realizou a contagem das respostas obtidas para cada pergunta aberta, o resultado final das respostas correspondentes a cada pergunta deu em muitos casos um número superior ao número total das organizações intervenientes.

Depois da primeira leitura atenta da informação recebida utilizou-se um motor de busca baseado em critérios de investigação específicos através do qual se revelou, a partir de palavras chave previamente identificadas, a quantidade de vezes que determinados termos foram mencionados; quer dizer, utilizou-se um mecanismo de zoom aplicado a termos que foram identificados como importantes para a análise.

3.

Análise da informação obtida



3. Análise da informação obtida

3.1. Ano de criação, natureza e âmbito das organizações

Foram tidas em conta as organizações¹³ legalmente constituídas — de acordo com a legislação de cada país — mas também outras que ainda não tinham, na altura do envio do formulário, a sua inscrição concluída. Nalguns países a inscrição de organizações em registos públicos exige não só tempo, mas também dinheiro para se dirigirem às cidades onde se encontram os registos e, tal como mencionam reiteradamente os dirigentes das organizações, são, em geral, tempo e dinheiro, entre outros recursos, aquilo que falta às organizações e aos seus dirigentes.

No quadro das 201 organizações participantes deste estudo de descrição e análise, adverte-se um arco temporal muito vasto relativamente ao ano de início das atividades das organizações, que inclui desde a Sociedade de Socorros Mútuos União Cabo-Verdiana da Argentina, criada em 1932, até cinco organizações — da Guatemala, Honduras, México e República Bolivariana da Venezuela — cuja fundação data de 2016. No entanto, e como não podia ser de outra forma, adverte-se a criação de uma maior quantidade de organizações que representam a população afrodescendente depois da Conferência Mundial contra o Racismo¹⁴, especialmente a partir do ano 2006: de 1932 até ao ano 2000 inclusive criaram-se 67 organizações, enquanto que de 2001 a 2016 se fundaram 122.

Quanto à natureza das organizações, há 11 organizações que não responderam a esta pergunta e uma organização do Uruguai que se definiu como associação, rede e movimento social¹⁵. Do total dos que responderam à pergunta, 101 deles autodefiniram-se como associações, 29 como fundações, 16 como movimentos sociais, 13 como redes de organizações e 5 como instituições académicas; 28 organizações escolheram a opção “outra”, categoria na qual se incluem corporações, organizações não governamentais, conselhos, federações (duas federações de organizações e uma confederação) e algumas organizações por definir.

Conforme o âmbito de ação das organizações, predefinido no formulário, 44 organizações autodefiniram-se como locais, 26 como regionais, 81 como nacionais, 52 como internacionais e 8 organizações não responderam a esta pergunta¹⁷. Como era de esperar, há mais organizações nacionais e subnacionais que internacionais. Além disso, não há nenhuma característica especial por país que permita caracterizá-las de alguma forma particular segundo este indicador.

¹³ Referir-nos-emos sempre, à exceção dos casos em que se enuncie algo diferente, das organizações que participam neste estudo. Isto significa que quando se ler “as organizações” não se deverá entender que nos referimos a todas as organizações da população afrodescendente, mas apenas àquelas que decidiram participar nesta análise.

¹⁴ Conferência Mundial contra o Racismo, a Discriminação Racial, a Xenofobia e as Formas Conexas de Intolerância (Nações Unidas), que teve lugar em Durban, África do Sul, de 31 de agosto a 8 de setembro de 2001.

¹⁵ Pelo qual, caso se faça a soma sem ter em conta este dado, pareceria que o total das organizações que responderam a esta pergunta ascende a 203.

¹⁶ A Federação de Conselhos Comunitários de Comunidades Negras do Vale e outras Organizações da Colômbia, e a Federação de Comunidades e Organizações Negras de Imbabura e Carchi, do Equador; e a Confederação Nacional Afro-Equatoriana.

¹⁷ Uma organização do Brasil respondeu que o seu âmbito é local, nacional e internacional, e uma organização da Bolívia identificou-se como nacional e internacional, pelo que a soma total dá 204.

3.2. Número de parceiros e de pessoal

23 organizações não informaram sobre o número de associados ou membros com que contam. Nas restantes 178 organizações, observa-se uma vasta variedade relativamente a esse dado: o leque inclui desde uma organização da Colômbia que disse ter 2 associados até outra do Brasil com 63.670 associados. As federações e confederações têm, naturalmente, um grande número de associados, já que contam os associados de todas as organizações pertencentes a elas; a maior é a Confederação Nacional Afro-Equatoriana, com 670.000 associados.

Quase 16% das organizações disseram ter menos de 10 associados, e outras 16% referiram ter de 10 a 20 associados. 10% das organizações têm um total de 21 a 30 associados. 0,50% mencionou ter entre 31 e 50 associados. 5,50% tem de 51 a 70 associados. Quase 4% possui de 71 a 100 associados. Isto significa que 50% das organizações têm menos de 100 associados cada.

Entre as organizações que têm mais de 100 associados há 5 organizações da Argentina¹⁸; 1 do Estado Plurinacional da Bolívia, com 150 associados¹⁹; 5 do Brasil²⁰; 1 do Chile²¹; 14 organizações da Colômbia²²; 1 da Costa Rica²³; 1 de Cuba²⁴; 2 do Equador²⁵; 2 do México²⁶; 1 da Nicarágua²⁷; 1 do Panamá²⁸; 1 do Peru²⁹, e, finalmente, o Uruguai tem 1 organização com 500 associados³⁰. Em resumo, participaram neste levantamento 36 organizações com mais de 100 associados. Além disso, a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afro-caribenhas e da Diáspora conta com 400 associadas, e a rede de organizações Mundo Afro conta com 3.000 associados³¹.

Quanto à consulta sobre os trabalhadores remunerados e não remunerados que trabalham nas organizações, só 32% responderam a esta pergunta. Do total das organizações que responderam há poucas que tenham trabalhadores remunerados e, ao contrário do que se poderia pensar, o número de trabalhadores remunerados não está relacionado com a quantidade de associados que as organizações têm de atender; e, na maior parte dos casos, também não está relacionado com o número de trabalhadores em geral (remunerados ou não remunerados). Os dirigentes referiram que são os próprios associados os que realizam as tarefas administrativas das organizações³².

Pelas diferentes interpretações dadas à pergunta sobre os trabalhadores remunerados e não remunerados das organizações e, portanto, devido à variabilidade das respostas, considera-se que não é possível fazer inferências ou deduções relevantes sobre este ponto.

¹⁸ Trata-se da Associação Civil e Religiosa Ile Ase Osun Doyo, com 450 associados; da Associação Mutual Multiétnica, com 252 associados; do 19 Movimento Afro-cultural, com 150 associados; da Sociedade de Socorros Mútuos União Cabo-Verdiana, com 200 associados; finalmente, a mais numerosa, com 800 associados, é a Associação de Residentes Senegaleses na Argentina. Algumas organizações da Argentina não informaram sobre o número de associados.

¹⁹ É a Comunidade Cultural Afro-Boliviana Cochabamba, com 150 associados.

²⁰ A maior, EDUCAFRO, tem 63.670 associados; a União de Negros Pela Igualdade (UNEGRO) conta com 5.000 associados; o Centro de Tradições Afro-Brasileiras tem 400 associados; o Instituto Ganga Zumba, 350 associados e a organização Omi Ase Ofa Kare, 200 associados.

²¹ É a Rede de Mulheres Rurais Azapa e Lluta, que conta com 163 associadas.

²² A Associação Afrodescendente para o Progresso Zarzaleño, com 120 associados; a Associação Nelson Mandela, com 350; a Associação de Comunidades Negras, com 167; a Associação Juventudes Unidas, com 420; CIMARRÓN, com 3.500; a Associação Mutual para o Desenvolvimento Integral da Afro-Colombianidade e o Empreendedorismo (AMDAE), com 1.600; o Centro de Auto-Reconhecimento Afro-Colombiano (CENAFRO), com 2.784; o Conselho Comunitário de Comunidades Negras da vereda Gamboa, com 250; a Corporação de Educadores do Litoral Pacífico, com 235; Ancestros, com 150; a Fundação Afro-Colombiana de Mutuo Acordo de Zarzal, com 340; a Fundação Cívica e Social Promunicípio de Magui, com 250; a Fundação El Monta Imbili, com 136 e a Fundação Sempre Unidos, com 5.367 associados.

²³ É a Associação Afroherediana Invictus, com 325 associados.

²⁴ Trata-se da organização Movimento de Integração Racial Juan Gualberto Gómez, com 657 associados.

²⁵ A Associação de Artistas Afro-Equatorianos, com 251 associados, e uma rede de mulheres e unidade educativa, com 3.500 associados.

²⁶ A Associação de Mulheres da Costa de Oaxaca, com 439 associadas, e Mão Amiga da Costa Chica, com 300 associados.

²⁷ A organização Afros Voices Center of Nicaragua, com 250 associados.

²⁸ É a Sociedade de Amigos do Museu Afroantilhano, com 300 associados.

²⁹ A Rede Peruana de Jovens Afrodescendentes Ashanti Peru, com 250 associados.

³⁰ É a Organização Mundo Afro.

³¹ Dado que o número de associados das organizações é muito variável no tempo e, portanto, imprecisa, considerou-se desafortunado calcular a soma total de associados e relacioná-la com o número total de população afro-latino-americana. A este respeito, ainda não contamos com um dado preciso relativamente ao total da população afrodescendente da América Latina, embora da Conferência de Durban até hoje, se tenha avançado muito em termos da visibilidade estatística dessa população. Este ano realizar-se-á um censo de população da Colômbia, no qual se incluirá uma pergunta para o auto-reconhecimento da população afro-colombiana, e no próximo ano será o Peru o país que fará um censo da população. Os números totais de população e as percentagens estimadas com base em dados dos últimos censos podem ser consultados no PNUD (2012b).

³² Há alguns problemas para a interpretação dos dados. Por exemplo, há organizações que têm o mesmo número de associados que de trabalhadores remunerados e há uma organização que tem 10 associados, 2 trabalhadores remunerados e 200 não remunerados. Considera-se que estas dissonâncias resultam de um problema no preenchimento dos dados no formulário.

3.3. Acesso à Internet e equipamento tecnológico

Das 201 organizações, 5 não disseram se tinham ligação à Internet e uma referiu que não utiliza Internet; das restantes, 23 têm ligação à Internet só nalgumas alturas do dia e no caso de 41 organizações, os seus dirigentes só se ligam a partir das suas casas particulares. As restantes têm acesso à Internet durante todo o dia. Isto significa que 65 organizações têm algumas limitações no que se refere às suas ligações por motivos de tempo ou de localização.

Quadro 4. Acesso à Internet por parte das organizações

	Total organizações	Acesso à Internet durante todo o dia	Acesso à Internet em horários restringidos	Não utiliza a Internet	Ligam a partir de domicílios particulares	N/R ³³
Argentina	13	9	1	0	3	0
Bolívia	6	2	3	0	1	0
Brasil	14	12	0	0	1	1
Chile	5	2	0	0	3	0
Colômbia	56	35	7	0	12	2
Costa Rica	19	16	2	0	1	0
Cuba	6	1	3	1	1	0
Equador	28	17	1	0	9	1
Guatemala	2	1	0	0	1	0
Honduras	7	5	1	0	1	0
México	15	8	4	0	3	0
Nicarágua	2	1	0	0	1	0
Panamá	8	6	0	0	1	1
Paraguai	1	1	0	0	0	0
Peru	7	6	0	0	1	0
R. Dominicana	5	4	0	0	1	0
El Salvador	1	1	0	0	0	0
Uruguai	5	3	1	0	1	0
Venezuela	1	1	0	0	0	0
Total	201	131	23	1	41	5

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

³³ Respostas que não correspondem ou sem respostas para a pergunta.

Tal como se pode observar no quadro 5 e conforme a informação proporcionada pelas organizações, 158 têm, pelo menos, um computador pessoal ou portátil, 113 dispositivos móveis e 120 impressora com ou sem scanner.

Quadro 5. Equipamento tecnológico das organizações

	Computador (possui pelo menos um)	Dispositivos móvel	Impressora/ Scanner	N/R
Argentina	11	6	9	0
Bolívia	4	4	2	1
Brasil	13	9	7	1
Chile	2	1	2	2
Colômbia	43	36	37	8
Costa Rica	16	13	13	2
Cuba	4	2	1	2
Equador	21	15	12	3
Guatemala	1	2	2	0
Honduras	6	4	5	1
México	12	7	11	2
Nicarágua	2	1	2	0
Panamá	7	4	6	1
Paraguai	1	0	1	0
Peru	5	3	5	1
R. Dominicana	4	4	4	0
El Salvador	1	0	0	0
Uruguai	4	1	1	1
Venezuela	1	1	0	0
Total	158	113	120	25

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

Quanto aos sistemas operacionais utilizados pelas organizações, a tendência é para o uso de sistemas operacionais da Microsoft sendo o uso de Linux e Mac muito reduzido (só 5 organizações dizem utilizar Linux e outras 5 o Mac). 25% das organizações utilizam Windows XP e versões anteriores, pois, tal como se pode observar no quadro 6, quase 50% manifestaram ter equipamentos com Windows 7. O uso de sistemas desatualizados³⁴ leva a problemas de segurança informática e de integridade dos dados. É de supor que estas obsolescências respondem ao uso de equipamentos que se mantêm em funcionamento pela impossibilidade de os substituir por versões mais modernas.

Quadro 6. Sistemas operacionais utilizados pelas organizações

	Computador (possui pelo menos um)	Windows Vista / ME / XP	Windows 7/8/10	Linux	Mac
Argentina	11	3	6	0	0
Bolívia	4	1	4	0	0
Brasil	13	4	8	2	1
Chile	2	0	2	0	1
Colômbia	43	12	32	2	0
Costa Rica	16	8	6	0	1
Cuba	4	1	4	0	0
Equador	21	4	17	0	1
Guatemala	1	0	0	0	0
Honduras	6	4	4	0	0
México	12	5	8	1	1
Nicarágua	2	1	1	0	0
Panamá	7	2	7	0	0
Paraguai	1	0	0	0	0
Peru	5	2	4	0	0
R. Dominicana	4	1	3	0	0
El Salvador	1	1	2	0	0
Uruguai	4	0	0	0	0
Venezuela	1	0	0	0	0
Total	158	49	108	5	5

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

Continuando com a análise das ferramentas utilizadas para estabelecer comunicações e ligações, e quanto a aplicações de mensagens instantâneas, 156 organizações manifestaram utilizar a aplicação Whatsapp, enquanto que 106 afirmaram utilizar o serviço de mensagens do Facebook e 29 disseram que utilizam os Hangouts do Gmail. Além disso, 62 organizações têm um portal web, 33 um blog e 17 utilizam ambos os serviços.

Relativamente às redes sociais, 123 utilizam o Facebook, 39 o Twitter e 32 têm ambos os serviços. Há 18 organizações que manifestaram utilizar outras redes sociais: Instagram, Flickr, Tumblr — opções apresentadas no formulário — e também o YouTube.

Em conclusão, as organizações comunicam através do uso de aplicações instaladas nos seus smart phones; isso permite que os seus membros se possam manter em contacto e acompanhar as informações que recebem através das redes sociais, sem que tenham necessariamente de estar no escritório. Uma vez que o trabalho nas organizações não representa a principal fonte de receitas da maior parte dos associados ou dos dirigentes, nem é um trabalho a tempo inteiro, a partir dos dados com que contamos, supõe-se que eles aproveitam as possibilidades tecnológicas que os telefones oferecem para continuarem a trabalhar na administração da organização a partir desses dispositivos. Além disso, essa é a forma mais rápida e eficiente de entrarem em contacto com os associados, independentemente de onde vivam.

3.4. Sedes das organizações, equipamento disponível e necessidades de equipamento

Nem todas as organizações que participaram no estudo responderam à pergunta sobre se lhes faltava algum tipo de equipamento. No caso das que responderam à pergunta, identificam-se 5 que manifestaram não necessitar de nada para alcançar os seus objetivos e implementar as suas atividades, e 17 que afirmaram necessitar de tudo.

A necessidade de contar com um local é grande, já que só quatro organizações disseram ter um local próprio. As organizações funcionam em casa de algum dos seus membros (18 organizações) ou em locais alugados ou cedidos em comodato (10), ou nas instalações de alguma instituição que lhes empresta ou lhes cede o espaço (7), ou partilham a sede com outras instituições (11); há 2 que necessitam de arranjar ou aumentar as suas instalações.

O principal pedido das organizações corresponde à área de som e vídeo (microfones, altifalantes, projetores, ecrãs e equipamentos semelhantes): 101 organizações manifestaram a necessidade de equipamento deste tipo. Além disso, outras 16 organizações indicaram que precisam de máquinas fotográficas e câmaras de filmar para realizarem o seu trabalho. Finalmente, quatro organizações referem a necessidade de televisores.

A segunda maior necessidade centra-se no equipamento tecnológico (computadores de mesa e portáteis, memórias externas, impressoras, scanners, gravadores e equipamentos relacionados); muitas das 88 organizações que mencionaram esta necessidade precisam de mudar os seus equipamentos envelhecidos ou já sem uso, por estarem avariados e não poderem ser reparados dada a sua obsolescência³⁵. Outras 11 organizações disseram que precisam de telefones fixos e celulares e de equipamentos de comunicação em geral. Finalmente, nesta rubrica, também se pedem quadros eletrónicos.

Há 81 organizações que aludiram à necessidade de terem algum tipo de veículo (automóvel, camioneta todo o terreno, camião, autocarro, nalguns casos com GPS) para realizarem as suas funções de uma forma mais eficiente, quer porque as áreas onde vivem ou onde têm de chegar para realizar atividades

não dispõem de serviço de táxi por questões de segurança, quer porque diretamente não têm transportes públicos, ou porque nessa região não há serviços especiais de transporte, ou são muito caros. Uma organização manifestou a necessidade de ter de uma motocicleta. Além disso, quatro organizações disseram necessitar de algum tipo de embarcação para cobrir a área geográfica onde realizam os seus trabalhos. Finalmente, duas organizações disseram que, para levar a cabo as suas atividades, precisam de autocarros para o transporte de crianças, jovens e crianças deficientes.

A carência de móveis de escritório é generalizada; de facto, 70 organizações pediram todo o tipo de equipamento de escritório (cadeiras, mesas, secretárias, arquivadores e mesas para computadores), e algumas, poucas, também indicaram que precisam de material de papelaria e de equipamento básico de escritório. Três organizações manifestaram precisar de ar condicionado e ventoinhas e, uma delas referiu que necessita de um refrigerador.

Há algumas necessidades especiais, relacionadas com as atividades das organizações: as que se dedicam ao teatro expressaram que carecem de uma sala (1 organização), luzes especiais (4) e vestuário (2); as que se dedicam a lecionar aulas de música ou a organizar comemorações e festividades disseram precisar de instrumentos musicais porque atualmente não os possuem ou porque os que possuem já esgotaram a sua vida útil (9). Algumas organizações que se dedicam a lecionar aulas precisam de material didático em geral, de livros em particular e de materiais e mesas para dar aulas de pintura. Há duas organizações que indicaram ter necessidade de peçoal especializado na elaboração de páginas web e bases de dados, e que precisam de um software de contabilidade para realizar a sua própria contabilidade.

A fim de poderem oferecer informações aos seus associados e pelo tipo de território que desejam abarcar, há três organizações que manifestaram a importância de poderem contar com equipamento relativo a meios de comunicação: um canal de televisão, uma rádio comunitária e uma antena de rádio.

Algumas organizações destinadas a atividades de produção afirmam precisar de ferramentas de todo o tipo, desde máquinas de costura, máquinas de refrigeração, máquinas de carpintaria, equipamentos para retirar óleo de sementes, toldos para mostrar os produtos fabricados pela comunidade e equipamentos para embalar os produtos alimentares fabricados pela comunidade, até insumos odontológicos e medicamentos, para além de profissionais que organizem certas áreas de trabalho.

Em suma, as carências são variadas e abarcam desde a absoluta e imperiosa necessidade de contar com uma sede própria alugada, cedida ou comprada – algo básico para o normal desenvolvimento de qualquer organização –, equipada para funcionar corretamente e com meios para comunicarem de alguma forma com os associados (remota ou presencialmente), até necessidades específicas conforme os objetivos, as atividades e o território que cada uma das organizações abrange.

Em todos os países, há organizações que contam com mais ou menos equipamento, e que referem uma maior ou menor necessidade; pelo que não se pode identificar um padrão de necessidades conforme os países considerados ou conforme o tipo de organizações.

3.5. Objetivos das organizações

As organizações podem ser classificadas conforme os objetivos que querem alcançar. No entanto, dado que normalmente têm mais de um objetivo, não é possível realizar uma classificação unívoca. Dos objetivos mencionados pelas próprias organizações, é possível deduzir o que a seguir se refere e analisa neste capítulo.

Há objetivos comuns à maioria das organizações, independentemente do país. Esses objetivos estão relacionados com o desenvolvimento inclusivo; os direitos humanos; a preservação das tradições, os valores e a cultura africana e afrodescendente nas suas diferentes variantes e géneros (música, arte, poesia, danças, alimentação, ritos, medicina); a visibilidade da população afrodescendente; a erradicação da discriminação, o racismo e os preconceitos; a procura de incidência política e a promoção de políticas públicas focalizadas; a procura de liderança, especialmente no caso das mulheres; a educação a todos os níveis — quer presencial quer online e a capacitação.

A maior parte das organizações tem por objetivo oferecer serviços de alguma natureza: os sociais, jurídicos³⁶, educativos³⁷ e de saúde³⁸ são os mais frequentes, mas também oferecem serviços de cuidados às crianças para que as mães possam trabalhar³⁹, desportos como atividade recreativa, cursos de formação política a jovens e realizam tudo isto graças a uma grande quantidade de voluntários⁴⁰ que oferecem o seu tempo, conhecimentos e trabalho.

Há um grande número de organizações, novas e antigas, que têm finalidades artísticas específicas, tais como a dança, arte, teatro, criação e manutenção de museus⁴¹, e a cultura em geral; nalguns casos, as suas atividades artísticas correspondem a âmbitos geográficos específicos (por exemplo, a poética afroamazónica).

Há também organizações entre cujos objetivos se destacam o cuidado e a restauração do ambiente e o uso sustentável dos recursos naturais. As organizações procuram alcançar estas metas através de atividades de diferente tipo e incluem os temas nos cursos e nas capacitações⁴².

Dado que o movimento da população afrodescendente da região cresce conforme as suas próprias exigências específicas, foram aparecendo organizações da população afrodescendente com outro tipo de especificidade agregada. Trata-se de organizações que agrupam pessoas com características comuns de tipo muito diferente e, portanto, com objetivos particulares que as caracterizam. Referimo-nos às seguintes organizações:

i) Organizações de mulheres que lutam pelos seus direitos, contra o sexismo e os preconceitos e que oferecem capacitação em ofícios e em liderança. O número de organizações de mulheres afrodescendentes (a elas somam-se as organizações que não são exclusivamente de mulheres mas que têm entre os seus objetivos a luta contra todas as barreiras que impedem que as mulheres se possam desenvolver de forma igualitária)⁴³ responde certamente à necessidade de se protegerem e de continuar a lutar pelo reconhecimento e a realização dos seus direitos básicos: das 201 organizações

³⁶ Destacam-se os serviços proporcionados a migrantes, para além da assessoria jurídica habitualmente oferecida a mulheres vítimas de violência e com problemas familiares, a jovens pertencentes a grupos com problemas, a pessoas sem teto e a vítimas de atos de racismo e discriminação.

³⁷ Há 73 organizações que oferecem algum tipo de serviço educativo: algum nível de educação, capacitação em ofícios, cursos; ou seja, 36% das organizações participantes.

³⁸ Há pelo menos nove organizações que oferecem serviços na área da saúde no Brasil, Colômbia, Honduras, México e República Dominicana. A maioria delas dedicam-se à prevenção e ao cuidado a doentes com VIH/SIDA, entre outras doenças.

³⁹ Entre outras, uma organização do Equador.

⁴⁰ O tema do voluntariado nas organizações será retomado no seguinte capítulo deste documento.

⁴¹ Um na Argentina, um no México e um no Panamá.

⁴² Entre elas, há 20 organizações do Brasil, Colômbia, Honduras, México e República Dominicana.

⁴³ Como se sabe, no caso das mulheres afrodescendentes acrescentam-se dois e, nalguns casos, até três tipos de preconceitos: são mulheres, são afrodescendentes e, além disso, por vezes encontram-se em situação de pobreza.

que participaram neste levantamento, quase 25% delas são organizações e redes constituídas por mulheres, e 101 organizações de todo o tipo têm uma mulher como autoridade máxima.

ii) Organizações de jovens (sete) – para além das organizações de adultos que têm entre os seus objetivos melhorar as condições de vida dos jovens excluídos – entre as quais se encontram as organizações de estudantes que oferecem bolsas de estudo e serviços, e as de empreendedores jovens⁴⁴.

iii) Organizações de pessoas que se autodefinem como LGBT. São relativamente recentes e os seus objetivos encontram-se quer nas organizações inteiramente dedicadas a este tema, quer noutras entre cujos objetivos está a luta contra a homo-lesbo-transfobia.

iv) Organizações de empreendedores e micro-empresários, que promovem o fomento da população afrodescendente e oferecem capacitação, entre outras, nas áreas dos negócios, dos projetos produtivos e da produção agropecuária, piscícola e mineira⁴⁵.

v) Organizações com objetivos religiosos e, relativamente a esse objetivo, as que protegem, resgatam e cultivam ervas que são utilizadas em cerimónias religiosas⁴⁶.

A seguir, mencionam-se algumas outras particularidades encontradas:

i) Há poucas organizações que se dediquem especificamente às crianças e, em geral, estas são mencionados pelas organizações de mulheres.

ii) Há organizações que têm por objetivo tanto a população afrodescendente quanto a população indígena em pelo menos três países da América Latina⁴⁷.

iii) Há poucas organizações que têm por objetivo o desporto pelo desporto, mas também como meio para apoiar jovens com problemas de qualquer tipo ou para desanuviar a situação em zonas de conflito⁴⁸.

iv) Há poucas organizações que contemplem entre os seus objetivos funcionar como sociedades de socorros mútuos⁴⁹.

Embora a população afrodescendente de toda a América Latina partilhe preocupações e, portanto, objetivos, também se observa uma certa diferenciação – não exclusiva e não determinante – que frequentemente responde a certas características ou a dificuldades particulares da região ou do país onde as organizações se encontram. Para dar apenas alguns exemplos, deve assinalar-se o seguinte:

i) Apesar das organizações da população afrocolombiana serem numerosas e diversas, na sua grande maioria mencionam como objetivo contribuir para o financiamento da luta armada e a consecução de uma paz duradoira. Outra característica é que se trata do país da América Latina com mais organizações de população afrodescendente dedicadas a empresários, empreendedorismo e projetos de produção.

⁴⁴ Entre outros, na Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras e Peru.

⁴⁵ Presentes, por exemplo, no Estado Plurinacional da Bolívia, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador y Guatemala.

⁴⁶ Entre outras, no Brasil, Colômbia e Peru.

⁴⁷ Entre elas, nove organizações do Brasil, México e Panamá.

⁴⁸ Pelo menos cinco organizações da Colômbia e Costa Rica.

⁴⁹ São quatro organizações da Argentina, Estado Plurinacional da Bolívia e Colômbia.

ii) Na sua maioria, as organizações da população afrodescendente do México têm entre os seus objetivos o reconhecimento constitucional da população afromexicana.

iii) Todas as organizações de afrochicanos mencionam entre os seus objetivos atuar contra o racismo, a discriminação racial e a desigualdade.

iv) Nesta análise só se incluem duas organizações constituídas por migrantes chegados, num caso, no último decénio a partir do Senegal: a Associação de Residentes Senegaleses na Argentina; e, no outro caso, chegados há quase 30 anos à Argentina a partir do Equador, o Grupo de Arte Afro Equatoriano Bejuco. Embora se saiba que há outras organizações semelhantes em quase todos os países considerados, só se pôde conseguir a participação de duas organizações formadas por migrantes africanos e afrodescendentes, estando ambas radicadas na Argentina⁵⁰.

O facto de que haja organizações que trabalhem para promover a realização dos direitos humanos, a inclusão social e, em geral, o desenvolvimento da população afro-latino-americana; que lutem contra o racismo e a discriminação em geral, e que atuem para que a população afrodescendente tenha uma incidência e uma participação política real e baseada na liderança de pessoas afrodescendentes parece natural e óbvio considerando a situação socioeconómica na qual a maior parte dessa população vive: a população afrodescendente da América Latina conta com um maior número de pobres e indigentes que outros grupos populacionais; frequenta a escola durante menos anos e tem menos diplomas universitários; tem rendimentos mais baixos; os jovens afrodescendentes estão sub-representados nas universidades e sobre-representados nas prisões; a maioria das mulheres afrodescendentes realizam trabalhos que requerem pouca especialização e são mal remunerados; e a referida população tem muito poucos representantes nos poderes Executivo, Legislativo e Judicial dos países. Tudo isto se vê agravado quando os dados se desagregam por área de residência — a população rural tem ainda menos acesso a serviços — por género e por idade. Em 2013, a pobreza continuava a ser mais extrema no caso das crianças, mulheres e populações indígenas e afrodescendentes. Para referir apenas alguns exemplos, em países como o Equador, Guatemala, México, Paraguai e Peru, a taxa de pobreza da população afrodescendente e da população indígena, consideradas em conjunto, representava o dobro do resto da população. As diferenças eram grandes, embora algo menores, no caso do Estado Plurinacional da Bolívia e Brasil⁵¹.

Ainda que a América Latina tenha crescido economicamente de 2003 a 2012 com taxas inusualmente altas e apesar de que nesse período se tenha verificado uma grande redução da pobreza⁵², isso não foi suficiente para mudar o mapa das desigualdades horizontais imperantes; ou seja, as condições iniciais de exclusão e de vulnerabilidade de certas populações, tais como a população afrodescendente, são tão marcadas relativamente às do resto da população, que tornam certas melhorias alcançadas em pouco significativas e marginais.

⁵⁰ Na Argentina há: i) população descendente de pessoas escravizadas que foram trazidas para o atual território na época colonial; ii) descendentes de migrantes que começaram a chegar de Cabo Verde, África, no final do século XIX e, principalmente, na década de 1920 e na de 1950, e iii) tal como em muitos países da América Latina, migrantes relativamente recentes também chegados de África, sobretudo na última década e migrantes afrodescendentes provenientes de outros países da América Latina. Estes fazem parte da diáspora africana no mundo. Neste documento usa-se a noção de “pessoa afrodescendente” de forma extensa, para designar não só as pessoas descendentes daquelas que foram trazidas de forma forçada para a América Latina no período do escravagismo colonial, mas também as que, tendo chegado à América Latina a partir de África ou de outros países mas com origens africanas, pertencem à diáspora africana e sofrem racismo e discriminação. Todos eles constituem um movimento caracterizado por um forte processo identitário.

⁵¹ Dados recolhidos a partir de publicações do PNUD citadas in extenso na secção de bibliografia: PNUD (2010a; 2010b; 2011; 2012a; 2013a e 2013b). Embora os documentos contenham dados de há alguns anos, esses dados e as conclusões ainda têm validade pois não houve novos censos nos países considerados.

⁵² A partir dessa altura, o processo de redução da pobreza estancou-se. Ver a este respeito CEPAL (2016).

3.6. Atividade das organizações

Só nove organizações não responderam à pergunta sobre as atividades que realizam habitualmente. As 192 organizações restantes, de uma ou de outra forma e com diferentes modalidades, informaram que desenvolvem atividades relacionadas com a formação e a capacitação: cursos, aulas, palestras, círculos de reflexão, seminários e workshops sobre temas relativos a direitos, mulher, violência familiar e gênero, migração, liderança, história da população afro-latino-americana e as suas expressões culturais, desenvolvimento em geral e desenvolvimento sustentável, discriminação e racismo, alimentação em geral e alimentos de raiz africana, dirigidos a públicos de todas as idades; e capacitação em ofícios muito diversos, entre eles, fabrico e arranjo de instrumentos musicais, artesanato, cerâmica, móveis, roupa e alimentos. Trabalham nas suas próprias sedes, mas também em escolas primárias e secundárias, com crianças e jovens, para educar sobre os temas mencionados e difundir conhecimentos. Uma atividade também educativa, menos frequente, mas presente, é a investigação antropológica e das raízes culturais de diversas expressões da população afrodescendente⁵³. As escolas de liderança são muito frequentes nas organizações de toda a América Latina e em muitos casos são próprias das organizações de mulheres; costumam ter tanta formação e experiência que algumas das organizações chegam a conceber os seus próprios manuais. Também estão presentes as atividades de apoio escolar dirigidas a crianças e jovens, realizadas por membros das organizações.

As atividades educativas realizam-se de forma presencial – em escolas, colégios, museus, sedes das organizações, igrejas e acampamentos educativos – e à distância. Oferecem-se palestras, seminários, cursos, mas também se veem filmes que se debatem em cineclubes e se leem livros que se discutem em todo o tipo de locais. Entre as atividades educativas, a etnoeducação constitui uma das mais mencionadas pelas organizações de quase todos os países da América Latina⁵⁴. Outra atividade relacionada é constituída pelas consultorias sobre o tema étnico-racial realizadas por várias organizações.

Também se relacionam com a educação as atividades artísticas ⁵⁵, lúdicas, de recreação e desportivas que a maior parte das organizações oferecem às suas comunidades. Em vários casos, as organizações indicaram que através destas atividades também se ensina cultura para a convivência pacífica e a resolução de conflitos . Uma atividade concomitante é o acompanhamento que algumas organizações oferecem às organizações juvenis.

Relacionadas com a atividade educativa mas também ligadas às atividades solidárias, encontram-se os trabalhos de voluntariado ⁵⁶ desempenhados por jovens e adultos em atividade ou por aposentados, que se realizam de forma presencial e também à distância (através de plataformas online), para apoiar processos educativos e oferecer acompanhamento a jovens e a crianças. Os voluntários também acompanham as vítimas de violência e de racismo a realizar denúncias às autoridades pertinentes.

Outra atividade muito frequente relaciona-se com a incidência política em questões relevantes para a vida das comunidades: o lobbying em geral, visita a dependências oficiais, elaboração de propostas

⁵³ Sobre este tema, uma organização da Costa Rica desempenha uma atividade muito específica: a recuperação de petróglifos na Costa Rica.

⁵⁴ Com efeito, este tema está muito estendido e bem tratado, a tal ponto que o projeto regional PNUD "População Afrodescendente da América Latina", quando organizou a feira do conhecimento "Somos afro" (Cali, Colômbia, de 11 a 14 de agosto de 2010), com o objetivo de reconhecer as organizações que realizavam boas práticas favoráveis à população afrodescendente, premiou entre outras, duas organizações dedicadas à etnoeducação: a "Corporação de docentes e professores etnoeducadores da educação", da Colômbia, e a Fundação de Desenvolvimento Social e Cultural Afroequatoriana AZÚCAR, do Equador.

⁵⁵ Na área artística relacionada com a educação e a promoção de jovens e crianças, na feira "Somos afro" (ver nota de rodapé anterior) também se reconheceram duas organizações colombianas: Champeta Criolla, de Cartagena e Sankofa, de Medellín.

⁵⁶ Já mencionado no ponto anterior.

de lei e de projetos, organização de campanhas e marchas, e a participação em reuniões nacionais e internacionais, são atividades habituais na vida de alguns membros das organizações. Quanto à incidência política, mas também à educação, há organizações que administram e ajudam a administrar bolsas de estudos e créditos para estudantes.

Há organizações que desempenham atividades na área da administração e das questões jurídicas⁵⁷; por exemplo, acompanham as famílias na inscrição dos filhos no registo público a fim de que possuam o seu documento de identidade⁵⁸, oferecem proteção social a migrantes e defensores de direitos humanos⁵⁹, proporcionam apoio e orientação a vítimas de racismo⁶⁰, e oferecem acompanhamento nos processos de titulação de terras⁶¹. Outra atividade que liga as áreas de educação e de administração relaciona-se com a introdução de um software livre nas organizações e com a capacitação para o seu uso⁶².

As organizações com objetivos religiosos têm como atividade central — embora não única, porque também são ativas na área da educação — a celebração de missas e ofícios religiosos. Incentivar o cultivo de plantas medicinais e das plantas utilizadas nas cerimónias, preservá-las e transformá-las em subprodutos utilizados pela medicina ancestral constitui outra atividade⁶³.

As comemorações de dias pátrios e de feriados tradicionais e religiosos também constituem atividades frequentes e, nelas, muitas organizações mostram o que realizaram e prepararam ao longo do ano e dão a conhecer o trabalho realizado com jovens e crianças.

As atividades relacionadas com os meios de difusão, tais como a administração de rádios; a produção de programas de rádio; a realização de vídeos em geral e de documentários em particular; a produção de discos e a publicação de revistas, artigos e livros, são tarefas que as organizações implementam com persistência e graças e um grande esforço⁶⁴. Há outro trabalho relacionado com os meios de comunicação que assume uma especial importância com vista à consecução de sociedades menos excludentes: uma das organizações da Colômbia ensina os meios de comunicação a emitir mensagens sem traços racistas ou discriminatórios.

As atividades solidárias — entre as quais se encontram as de socorros mútuos da população afrodescendente, embora tenham algumas características diferentes — são realizadas com frequência pela maioria das organizações, que oferecem Internet gratuita; distribuem alimentos e brinquedos; desenvolvem atividades de saúde e de prevenção de doenças; realizam visitas a prisões e a doentes que se encontram nos hospitais; oferecem albergue gratuito aos familiares dos doentes; constroem casas; doam instrumentos musicais; emprestam livros; doam sementes e ferramentas e oferecem assessoramento para o desenvolvimento de hortas urbanas e rurais; ensinam a construir fogões que poupam lenha; concedem microcréditos e oferecem serviços funerários. Há organizações cuja tarefa mais visível, embora não única, consiste em distribuir informação entre os seus associados sobre postos de trabalho, bolsas e créditos universitários e, em geral, em difundir informações úteis para a melhoria da vida dos seus associados⁶⁵.

Uma rubrica aparte e presente em todos os países considerados neste estudo é constituída pelas

⁵⁷ Em geral, mencionam atividades relacionadas com a área jurídica as organizações da Argentina, Brasil, Colômbia, Equador, Honduras, México, República Dominicana y Uruguai.

⁵⁸ Entre outras, organizações das Honduras.

⁵⁹ Entre outras, organizações das Honduras e da República Dominicana.

⁶⁰ Por exemplo, organizações das Honduras e do Uruguai.

⁶¹ A titulação de terras é uma atividade mencionada, entre outras, por organizações da Colômbia e do México.

⁶² Uma organização do Brasil tem-na entre as suas atividades.

⁶³ Mencionada, pelo menos, por organizações do Brasil e da Colômbia.

⁶⁴ Entre outras, organizações da Argentina, Estado Plurinacional da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador e México.

⁶⁵ Um exemplo disto, com milhares de correios eletrónicos enviados a centenas de associados, é o da CENAFRO da Colômbia.

atividades relacionadas com a capacitação de empreendedores⁶⁶, produtores e pescadores; a difusão de oportunidades de negócios; a capacitação em autogestão e o assessoramento em matéria creditícia e bancária em geral. Há organizações de mulheres que oferecem capacitação para que as mulheres entrem no mundo dos negócios e inclusivamente oferecem-lhes pequenos créditos⁶⁷. Em geral, proporcionam capacitação em matéria de formulação, avaliação e execução de projetos, planos e programas, coaching empresarial e análises de planos de negócio. Há organizações de produtores que têm por atividade a fabricação e comercialização de pão e sobremesas, ou de produtos fabricados com mandioca e com coco, ou que têm criadouros de iguanas e veados⁶⁸. As organizações de pescadores realizam atividades de recolha de caranguejos e conchas e de capacitação no cuidado de mangais⁶⁹, tarefa que se relaciona com o cuidado do ambiente, questão à qual a seguir faremos referência.

Há organizações que realizam atividades dirigidas à manutenção do ambiente e à sua restauração; tarefas de reflorestação, agricultura orgânica e agroecologia⁷⁰; campanhas para desincentivar o uso de agroquímicos⁷¹; limpeza de praças e praias e recolha de lixo⁷²; reciclagem⁷³; capacitação em desenvolvimento sustentável; avaliação de projetos ambientais e desenvolvimento de agricultura sustentável.

As organizações dedicadas a promover a vida saudável desenvolvem atividades relacionadas com a saúde e com a educação: oferecem palestras sobre VIH/SIDA, saúde sexual e reprodutiva e nutrição saudável; realizam atividades dirigidas à prevenção de doenças; realizam bioterapia para idosos; proporcionam ajuda odontológica; oferecem acompanhamento a doentes; fazem a gestão de medicamentos e promovem atividades de sensibilização do pessoal de saúde⁷⁴.

Finalmente, para garantir a sua própria sustentação, as organizações também realizam atividades, tais como venda de alimentos, organização de festas e comemorações, concursos, organização de circuitos turísticos aos quais se acrescentam o serviço de acompanhamento a turistas para que conheçam determinadas áreas das cidades ou de zonas mais vastas⁷⁵.

Como se pode verificar neste capítulo, o engenho e a imaginação desenvolvidos para oferecer diversos tipos de serviços e de apoio e para concretizar esse apoio parecem não ter limites nas organizações; tudo serve — desde as atividades tradicionais até às mais inovadoras e sofisticadas, destinadas a todos os segmentos etários da população — para atenuar as necessidades da população-alvo. Não é possível quantificar as atividades por país pois essa contagem significaria introduzir uma distorção na investigação, uma vez que, tal como atrás se mencionou, o número de organizações que participam nesta análise varia muito dependendo do país; mas, podemos afirmar que em todos os países há atividades variadas, urbanas, rurais, de jovens, adultos e idosos aposentados, que respondem inequivocamente às necessidades da população à qual as organizações se dirigem e cujo desenvolvimento promovem. As atividades, bem como os objetivos das organizações, não fazem mais do que assinalar, de novo, as necessidades de uma população que, como se disse, se encontra — salvo exceções — juntamente com a população indígena, entre a mais empobrecida da região.

No que se refere às atividades artísticas que as organizações implementam, bem como às relacionadas

⁶⁶ Este tema tão importante para a população afrodescendente também foi reconhecido na feira do conhecimento "Somos afro" (mencionada na nota de rodapé 54), onde se reconheceu uma boa prática de uma organização de jovens colombianos empreendedores e inovadores, GEInnova.

⁶⁷ Entre outras, uma organização do Equador.

⁶⁸ Mencionada, pelo menos, por duas organizações do México.

⁶⁹ Presente, por exemplo, em organizações da Colômbia e Equador.

⁷⁰ Em organizações da Colômbia, Honduras, México e Panamá.

⁷¹ Uma organização do Chile menciona esta atividade.

⁷² Organizações da Colômbia e Equador.

⁷³ Por exemplo, uma organização da República Dominicana.

⁷⁴ Esta atividade está muito estendida e presente em organizações do Brasil, Colômbia, Equador, Honduras, México e Peru.

⁷⁵ Por exemplo, uma organização do Uruguai leva os turistas a conhecer a cidade de Montevidéu; uma organização da Colômbia acompanha turistas que realizam um determinado circuito e uma organização da Guatemala acompanha a empresas que fazem turismo comunitário garífuna.

com a cozinha tradicional africana e afro-latino-americana e com a medicina ancestral, é necessário mencionar que essas atividades também constituem uma expressão de sobrevivência cultural, já que promovem uma maior visibilidade cultural da população afrodescendente. A invisibilidade, uma forma de discriminação encoberta, faz com que ainda se subestimem ou desconheçam as contribuições de África para a América Latina. Por exemplo, ainda há poucos estudos sobre as contribuições das línguas africanas para o castelhano e os recursos linguísticos da população afrodescendente, e sobre as características africanas presentes na literatura latino-americana; sabe-se menos do que seria necessário da sabedoria comunitária que geralmente se ensina através da música e da dança, e que está patente na tradição oral. Embora se desconheçam, as contribuições culturais afro-latino-americanas estão presentes em coisas tão quotidianas como nos ingredientes que são utilizados para cozinhar e nos alimentos resultantes deles, ou nas formas de organização⁷⁶. Portanto, uma vez mais a conclusão é que as atividades das organizações respondem às necessidades da própria população afrodescendente; neste caso, à necessidade de reconhecimento da sua história, trajetória e legado.

3.7. Redes nacionais e internacionais

A informação proporcionada pela maior parte das organizações permite observar que a pertença a uma rede, quer nacional quer internacional, é nelas uma constante. Infelizmente, algumas organizações afirmaram pertencer a redes, mas não disseram a quais.

As organizações pertencem não só a redes de populações afrodescendentes, mas, como é natural, a um conjunto mais vasto de redes relacionadas com os seus objetivos centrais. Além disso, de novo se observa que as mulheres são especialmente ativas; levam muito em conta as redes, fazem parte delas e, em geral, relatam esse facto informando com pormenor.

Neste capítulo, analisaremos em primeiro lugar a pertença das organizações a redes nacionais e, a seguir, a sua pertença a redes internacionais; como se verá, há organizações que pertencem quer a umas quer a outras. Entre as nacionais, podemos referir organizações de segundo grau — as federações, por exemplo — e de terceiro grau — as confederações. Entre as internacionais, há organizações que têm instâncias nacionais, regionais e sub-regionais.

Quadro 7. Redes às quais as organizações pertencem

	Pertence a uma rede nacional	Pertence a uma rede internacional	Pertence a redes do âmbito nacional e internacional	Pertence a uma rede, mas não específica de que âmbito	Pertence a uma rede, mas não específica de que âmbito
Argentina	8	6	4	1	2
Bolívia	3	2	1	0	2
Brasil	9	2	0	0	2
Chile	1	2	0	0	1
Colômbia	23	9	4	5	23
Costa Rica	4	5	1	4	7
Cuba	2	1	0	1	2
Equador	17	4	2	0	9
Guatemala	1	1	0	0	0
Honduras	2	5	1	0	1
México	9	1	0	0	5
Nicarágua	0	2	0	0	0
Panamá	5	7	4	0	0
Paraguai	1	0	0	0	0
Peru	3	5	2	0	1
R. Dominicana	5	1	1	0	0
El Salvador	0	1	0	0	0
Uruguai	2	4	2	1	0
Venezuela	0	0	0	1	0
Total	95	58	22	13	55

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

3.7.1. Redes nacionais

No caso das organizações da Argentina que participam neste levantamento, a rede mais mencionada foi a da Assembleia Permanente de Organismos e Organizações da Argentina (APOOA).

As organizações do Estado Plurinacional da Bolívia mencionaram como rede nacional o Conselho Nacional Afrobolíviano (CONAFRO) e, além disso, uma das organizações pertence a seis redes nacionais que aglutinam camponeses, trabalhadores, mulheres e população originária e que lutam pela consecução dos direitos humanos⁷⁷.

As organizações do Brasil referiram que trabalham em rede com organizações quer nacionais quer estaduais, regionais e internacionais. As redes mais citadas estão relacionadas tanto com temas gerais da população afrodescendente — é, por exemplo, o caso do Coletivo de Entidades Negras, do Movimento Atitude Afro, do Fórum Paranaense de Umbandistas e Afro Religiosos — quanto com questões mais específicas, tais como a cultura e os direitos culturais, os direitos das mulheres, a saúde e a segurança alimentar⁷⁸. Na grande variedade de redes brasileiras, há redes regionais e estaduais, tais como a Rede Amazônia Negra (RAN) — com organizações nos nove Estados Amazônicos do Brasil —, a Rede Amazônica de Comunidade de Tradições Afro-Amazônica (REATA), a Rede Amazônia de Tradições de Matrizes Africanas e o Fórum de Amazônia Oriental.

Duas organizações do Chile mencionaram pertencer a redes nacionais, em ambos os casos de mulheres: a Rede Chilena contra a Violência de que são alvo as Mulheres e a Associação Nacional de Mulheres Rurais e Indígenas (ANAMURI).

As organizações da Colômbia estão em rede com um grande número de organizações de segundo e de terceiro nível. A Colômbia é um dos países onde se identifica uma maior quantidade de organizações de segundo grau que agrupam organizações de mulheres⁷⁹, jovens⁸⁰, municípios e departamentos⁸¹, empreendedores⁸², camponeses⁸³ e docentes⁸⁴, que procuram alcançar objetivos específicos, tais como a consecução da paz⁸⁵, a pastoral⁸⁶, a dança⁸⁷ e, naturalmente, têm por objetivo promover o desenvolvimento da população afrocolombiana⁸⁸. Os conselhos comunitários do Vale do Cauca também trabalham em rede através da Federação de Conselhos Comunitários de Comunidades Negras do Vale e de outras Organizações da Colômbia (FECCOVA).

⁷⁷ O Conselho Nacional de Ayllus e Markas del Qullasuyu; a Confederação de Povos Indígenas da Bolívia; a Confederação Nacional de Mulheres Camponesas, Indígenas, Originárias da Bolívia; a Confederação Sindical Única de Trabalhadores Camponeses da Bolívia; a Confederação Sindical de Comunidades Interculturais da Bolívia, e a Vertente Boliviana de Direitos Humanos.

⁷⁸ Para dar apenas alguns exemplos: Fórum Permanente de Cultura; Conselho Nacional de Políticas Culturais; Fórum Nacional de Mulheres Negras; Articulação de Organizações de Mulheres Negras Brasileiras; Fórum Brasileiro de Soberania e Segurança Alimentar e Nutricional; Rede Nacional de Controle Social e Saúde da População Negra; Rede Saúde nos Terreiros (RENAFRO); Rede Nacional Feminista de Saúde, Direitos Sexuais e Direitos Reprodutivos; Coordenação Nacional de Associações Quilombolas; Coordenação Estadual Rurais Quilombolas.

⁷⁹ Apenas alguns exemplos: Rede Departamental de Mulheres, Escola Política de Mulheres Pacíficas, Confluência Departamental de Mulheres, Mesa Municipal de Mulheres (Cali), Rede de Mulheres KAMBIRI.

⁸⁰ A Rede de Jovens pela Paz e a Plataforma Distrital de Juventudes.

⁸¹ Devemos, por exemplo, referir a já mencionada Rede Departamental de Mulheres, a Rede de Organizações Comunitárias de Medellín, a Mesa de Concertação Afro de Cali, a Rede de Organizações Culturais de Cartagena, a Corporação Região Pacífico e a Federação Colombiana de Colônias do Pacífico.

⁸² Por exemplo, a Rede Departamental de Empreendimentos do Chocó. Também se incluem organizações de trabalhadores, tais como o Conselho Laboral Afrocolombiano.

⁸³ Por exemplo, a Organização Municipal de Utentes Camponeses de Tadó (ANUC-Tadó).

⁸⁴ Por exemplo, a Fundação Rede de Docentes ELEGUA.

⁸⁵ Por exemplo, a Rede Nacional de Democracia e Paz, O Conselho Nacional de Paz Afrocolombiano e a Organização Minga Afro Vallecaucana pela Vida.

⁸⁶ Por exemplo, a Corporação da Pastoral Afro Nacional (CEPAN).

⁸⁷ Por exemplo, a Rede de Dança.

⁸⁸ Por exemplo, Cimarrón, Rede de Organizações Afrocolombianas.

A Cimarrón é uma organização colombiana que serve também de núcleo a uma rede de organizações da população afrocolombiana. O Conselho Nacional de Organizações Afrocolombianas (CNOA) e a União Nacional de Organizações Colombianas (UNOAFRO) foram mencionadas por várias organizações, tais como as redes nacionais a que pertencem.

A Afroamérica XXI⁸⁹ é uma organização internacional com sede em Washington D.C. que tem as suas instâncias nacionais nalguns países da América Latina; é o caso da Colômbia: muitas das organizações deste país integram a rede nacional (segundo nível) desta organização internacional de terceiro nível e também a rede internacional.

Sete das organizações da Costa Rica referiram que não integram nenhuma rede e outras três indicaram que pertencem a alguma, mas não a mencionaram. As organizações de mulheres estão mais envolvidas em redes nacionais, tais como o Fórum Nacional da Mulher Afrocostarricense e a Agenda Nacional de Mulheres. Outras estão a trabalhar em rede dentro do Movimento de Culturas Vivas, na Rede Cultural Vida Comunitária. Finalmente, uma organização faz parte da Federação Costarricense de Basquetebol, o que está em perfeita consonância com os seus objetivos e atividades.

As organizações de Cuba que fazem parte de redes, participam nelas de forma ativa. As redes mencionadas são a Rede Barrial Afrodescendente, a Rede de Educação e Educadores Populares, a Rede Mapa Verde e a Rede Cultura e Paz. A Rede Barrial, por sua vez, referiu que faz parte de outras redes.

Embora várias organizações afroequatorianas tenham referido que não pertenciam a redes nacionais e, noutros casos, afirmaram que pertenciam a redes, mas sem as mencionar, o Equador é outro dos países onde se observa uma grande atividade em rede: as organizações pertencem a federações que, por sua vez, fazem parte de confederações. Tal como na Colômbia e no Brasil, também há redes por regiões e por províncias, como por exemplo, a Associação de Afrodescendentes do Cantão La Libertad, a Federação de Comunidades e Organizações Negras de Imbabura e Carchi e a Rede Cantonal de Etnias, Povos e Nacionalidades; ou a Federação de Organizações e Grupos Negros de Pichincha (FOGNEP) que, por sua vez, faz parte da Confederação Nacional Afroequatoriana (CONAFRO). Para dar uma ideia da força das redes, basta apenas saber que esta Confederação agrupa 324 organizações de 21 províncias do Equador e 38 federações.

De novo se observa que as mulheres, neste caso as mulheres afroequatorianas, são muito ativas no que respeita ao seu trabalho em redes; mencionaram a Federação de Mulheres Afroequatorianas (FEMUAFRO), a Coordenadora Nacional de Mulheres Negras (CONAMUNE) e o Movimento de Mulheres Negras do Equador. Também trabalham temas específicos – como, por exemplo, as microfinanças – com a Rede de Microfinanças de Esmeralda.

A organização continental Afroamérica XXI também está presente no Equador. Contém, por sua vez, a Rede de Pacto Ético e a Rede Pluralista de Organizações da Sociedade Civil.

⁸⁹ Voltar-se-á a referir esta rede no capítulo seguinte, quando se tratarem as redes internacionais. Foi fundada em 1996, por ocasião de uma reunião organizada pelo Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) em Washington D.C. intitulada "Fórum sobre o alívio da pobreza de minorias da América Latina e do Caribe". A organização encabeça a rede de organizações da Argentina, Estado Plurinacional da Bolívia, Brasil, Colômbia, Equador, Honduras, México, Nicarágua, Peru, Uruguai, República Bolivariana da Venezuela e Estados Unidos. Neste documento mencionam-se as relações que as próprias organizações reconhecem com a Afroamérica XXI. Veremos que não se dispõe do registo de organizações de todos os países mencionados.

As organizações afroequatorianas também trabalham em redes específicas, conforme os seus objetivos; por exemplo, a Rede de Gestores Culturais Afroequatorianos, a Rede Cantonal de Prevenção do VIH/SIDA e a Associação de Artistas Afrodescendentes. Além disso, várias organizações pertencentes a diversas regiões do Equador integram a rede constituída à volta da Mesa do Decénio Afrodescendente.

As duas organizações da Guatemala que participam neste levantamento pertencem a redes nacionais: a Rede de Praticantes de Resiliência Comunitária e a secção da Guatemala da Afroamérica XXI.

No caso das organizações das Honduras, são mais uma vez as mulheres as mais ativas nas redes; elas mencionaram a Rede de Mulheres Indígenas e Afrohondureñas, a Rede de Mulheres Negras das Honduras e a Federação de Associações Femininas das Honduras.

No México também há, por um lado, as redes de organizações afrodescendentes, com forte presença na Rede pelo Reconhecimento Constitucional do Povo Negro do México – tema presente nos objetivos da maioria das organizações afromexicanas, como já antes se referiu – mas também na Frente de Organizações Afromexicanas, Coletivo Nacional Afromexicano, México Negro – que embora se trate de uma organização, funciona como rede diretora para algumas organizações afromexicanas – a Rede México Profundo e a Rede Afromex. Além disso, as organizações afromexicanas também trabalham em rede sobre temas específicos, tal como no caso da Rede para o Desenvolvimento Rural e da Associação Mexicana de Comunicação e Oratória (AMCO).

Das duas organizações da Nicarágua que participam neste estudo, uma delas não manifestou fazer parte de qualquer rede e a outra, a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora, é uma rede internacional em si mesma, pelo que faremos de novo referência a ela.

As organizações do Panamá estão associadas a redes tanto internacionais quanto nacionais. As nacionais são o Centro da Mulher Panamenha, a Rede de Mulheres Afrodescendentes do Panamá, o Fórum Afropanamenho, a Coordenadora Nacional da Etnia Negra e o Fórum de Organizações Afrodescendentes do Panamá. No Panamá também está presente a vertente nacional da Afroamérica XXI. Uma das organizações está associada à Rede de Centros de Visitantes e Museus, devido a que ela própria integra o Museu Afroantilhano do Panamá.

A única organização do Paraguai que participa neste estudo pertence à Rede Paraguaia de Afrodescendentes.

As organizações do Peru mencionaram a Rede Peruana de Luta contra a Pobreza; a Mesa de Trabalho Afroperuana; redes específicas de mulheres, tais como Mulher Negra e Desenvolvimento, Diálogo de Mulheres Afroperuanas e redes religiosas, como a Pastoral Afroperuana.

As cinco organizações da República Dominicana afirmaram pertencer a redes: Rede de Poder Cidadão, Rede de Encontro Dominicana Haitiana Jacques Viau e Mesa Nacional para as Migrações.

El Salvador participa apenas numa organização com ligações internacionais⁹⁰.

No Uruguai a rede Organizações Mundo Afro está presente em todos os departamentos do país. Além disso, as organizações de mulheres pertencem à Rede Nacional de Mulheres Afrouruguaias e à Rede de Educação Popular entre Mulheres.

A única organização da República Bolivariana da Venezuela que participa neste levantamento informa que pertence a uma rede mas não esclarece a qual delas.

São evidentes as vantagens do trabalho em rede. Como vários dirigentes referiram, das redes se recebe – e também se lhes oferece – informações, mas sobretudo é o trabalho em rede que permite conhecer projetos e boas práticas úteis para resolver problemas comuns em menos tempo, e além disso atuar rápida e solidariamente face à presença de algum problema ou ameaça. No entanto, retomando um tema já tratado, devemos assinalar que para trabalhar em rede é preciso que as organizações contem com maior conectividade e melhor equipamento para além daquele que atualmente algumas delas dispõem.

3.7.2. Redes internacionais

Sobre este ponto, devemos apresentar alguns comentários gerais: em primeiro lugar, observa-se que, em geral e com todas as reservas do caso, as organizações afro-latino-americanas têm menos ligações com redes internacionais do que com redes nacionais. Mais adiante voltaremos a tratar este ponto, quando analisarmos as respostas à pergunta número 18 do formulário⁹¹.

Em segundo lugar, a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora (RMAAD)⁹² é a rede mais mencionada. Trabalham com ela as organizações que participaram neste levantamento: da Argentina, Estado Plurinacional da Bolívia, Brasil, Chile, Colômbia, Cuba, Costa Rica, Equador, Guatemala, Honduras, Nicarágua, Panamá, Peru e Uruguai. A segunda rede mais mencionada é a Organização Negra Centro-Americana (ONECA)⁹³. São também referidas a Afroamérica XXI, a Rede de Escritórios Regionais para a Análise de Políticas de Equidade Racial (ORAPER)⁹⁴ e a Plataforma da Cúpula Mundial de Afrodescendentes, com sede nas Honduras.

Se considerarmos algumas particularidades por país, devemos referir que as organizações da Argentina mencionaram a RMAAD, uma rede internacional que agrupa instituições cabo-verdianas disseminadas pelo mundo e a Federação de Senegaleses da Diáspora.

As organizações do Estado Plurinacional da Bolívia referiram, para além da RMAAD, a Articulação Regional Afrodescendente da América Latina e do Caribe (ARAAC) e a Rede da ORAPER.

As organizações do Brasil que participam neste levantamento estão ligadas a redes internacionais com temas específicos: Rede de Saúde das Mulheres da América Latina e do Caribe e a Rede Teia Africanarte.

⁹¹ A pergunta é a seguinte: Considera que a sua organização deve manter uma maior relação com organizações semelhantes de outros países ou com redes de organizações similares (internacionalizar-se)?

⁹² Esta organização – que daqui em diante será mencionada como RMAAD neste documento – foi fundada em 1992 e a constituição da rede afrodescendente data de 26 de agosto de 2010. Tem presença em 30 países e a sede da sua coordenação regional está situada em Manágua, Nicarágua.

⁹³ A ONECA foi fundada em 25 de agosto de 1995 e tem 31 organizações membros de Belize, Guatemala, Honduras, Costa Rica, Panamá e organizações de imigrantes nos Estados Unidos. A sua sede encontra-se em San Pedro Sula, Honduras.

⁹⁴ A Rede da ORAPER foi fundada no ano 2000 em San José da Costa Rica e tem a sua sede operacional em Montevidéu, Uruguai.

As ORAPER e a plataforma da Cúpula Mundial de Afrodescendentes também foram mencionadas como as redes internacionais com as que uma organização do Chile trabalha.

Várias organizações da Colômbia não fazem parte de redes internacionais, ou não o especificam. As que afirmaram que integram redes estão mais ligadas a redes nacionais do que internacionais. Para além de trabalhar com a RMAAD, trabalham com a Afroamérica XXI (instância internacional), a Rede Continental de Organizações Afroamericanas⁹⁵ e o Movimento Social Afrodescendente das Américas. Também estão ligadas as redes que trabalham em temas específico, tais como, por exemplo, Festivais Internacionais e a Rede Latino-Americana e do Caribe para a Democracia.

Para além da RMAAD, a rede internacional mais mencionada pelas organizações da Costa Rica é a organização sub-regional ONECA. Tal como em quase todos os países, as organizações afrocostarricense também trabalham em rede com organizações internacionais dedicadas a temas específicos como, por exemplo, a Confederação Centro-Americana de Basquetebol, e a Rede Universitária Medgar dos Estados Unidos.

As organizações de Cuba disseram que trabalham em rede, para além de colaborarem com a RMAAD e com a já citada Articulação Regional Afrodescendente para as Américas e o Caribe (ARAAC).

As redes referidas pelas organizações do Equador, e só em poucos casos, são a RMAAD, a plataforma da Cúpula Mundial de Afrodescendentes, a Rede Andina de Organizações Negras e a Coligação de Cidades Latino-Americanas e Caribenhas contra o Racismo.

Na Guatemala, as organizações trabalham com a RMAAD, verificando-se o mesmo nas Honduras. Neste este último país, trabalha-se também com a plataforma da Cúpula Mundial de Afrodescendentes e com a ONECA.

A única organização internacional mencionada por uma das organizações do México é a Rede Ibero-Americana de Organismos e Organizações contra a Discriminação (RIOOD).

A Nicarágua é a base da coordenação central da RMAAD, que agrupa cerca de 400 organizações com representantes em cada país. Esta Rede, por sua vez, participa em redes regionais e internacionais, tais como a Rede de Feministas da América Latina e do Caribe, a Association for Women's Rights in Development (AWID) e a Rede Ibero-Americana de Organismos e Organizações contra a Discriminação (RIOOD).

Para além da RMAAD e da ONECA, as organizações do Panamá trabalham em redes internacionais, tais como a Afroamérica XXI (secção continental); o Comité da América Latina e do Caribe para a Defesa dos Direitos da Mulher (CLADEM) e o International Authors Forum.

A única organização do Paraguai que participa neste levantamento não referiu participar em qualquer rede internacional.

⁹⁵ Esta Rede foi fundada em 1994 em Montevideo, por ocasião do Primeiro Seminário contra o Racismo e a Xenofobia. É liderada pela organização afrouruguaia Mundo Afro e conta com a adesão de organizações da Argentina, Brasil, Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras, Paraguai, Peru, Uruguai e Estados Unidos.

As organizações do Peru, para além da RMAAD, trabalham com redes especializadas, por exemplo, com os jovens da organização ASHANTI, a Rede Ibero-Americana de Juventudes Indígenas e Afrodescendentes (REJINA), a Rede de Jovens Afrodescendentes da América do Sul e uma organização com objetivos religiosos que participa na rede do Conselho Episcopal Latino-Americano.

Apenas uma das organizações da República Dominicana que participam neste estudo mencionou as redes internacionais que integra: trata-se da Rede Regional de Organizações Cívicas para as Migrações (RROCM), a Social WATCH e a Rede Internacional para os Direitos Económicos, Sociais e Culturais (Red-DESC).

A organização de El Salvador integra a ONECA.

Várias organizações do Uruguai fazem parte da RMAAD; uma outra organização é muito ativa no seu trabalho em rede, já que participa na Rede Continental de Organizações Afro-latino-americanas e Caribenhas, Rede Aliança Estratégica de Organizações Afro-latino-americanas e Caribenhas, ORAPER e Aliança Regional Afrodescendente.

Finalmente, a única organização da República Bolivariana da Venezuela que participa neste estudo mencionou que faz parte de uma rede, mas não referiu o seu nome.

As redes internacionais⁹⁶ são imprescindíveis para que as organizações elaborem estratégias comuns relativas a temas globais, organizem reuniões internacionais e façam pedidos aos governos e às instituições internacionais. A incidência política e a visibilidade, quer da população afrodescendente quer das suas exigências, tem sido maior graças à existência de redes de organizações que, a partir das reuniões preparatórias da Conferência de Durban, atuam com intensidade e compromisso, para além das diferenças naturalmente existentes entre elas⁹⁷.

⁹⁶ Cabe assinalar que se sabe da existência de outra rede, a Aliança Global Latinocaribenha, surgida em Nova Iorque em 1999, mas esta não foi mencionada por nenhuma das organizações que participam nesta análise.

⁹⁷ Ver Cassiani Herrera (2015).

3.8. Relação com organismos governamentais

Nem todas as organizações que participam neste levantamento informaram ter ligações com organismos governamentais. Na realidade, 28% não tem ou não informou ter nenhum tipo de relação ou atividade com organismos governamentais a qualquer nível⁹⁸. Pelo contrário, as organizações que referiram algum tipo de ligação com esses organismos referem que estabeleceram diferentes tipos de relações com dependências dos governos dos seus respetivos países, dependências essas nacionais, departamentais, provinciais ou municipais. Caso se considerem todos os países incluídos nesta análise, as dependências mais mencionadas são — com nomes diferentes dependendo dos países — os ministérios da cultura, as dependências oficiais cujos objetivos são a luta contra a discriminação, o racismo e a xenofobia e os gabinetes ou dependências relacionadas com a realização dos censos e estatísticas. Como se poderá observar neste capítulo, nalguns países a relação com os organismos departamentais e municipais é mais intensa do que noutros.

A segunda característica da relação com os organismos governamentais é que, na maior parte dos casos, as organizações da população afro-latino-americana recebem apoio logístico que se concretiza no empréstimo de salas e equipamento, mas não necessariamente apoio económico direto. Além disso, também há organizações que prestam serviços a dependências governamentais, pelos quais naturalmente recebem o pagamento de honorários.

Também se mencionam relações com universidades estatais no caso de organizações da Argentina, Brasil e México.

Finalmente, a relação das organizações com o Poder Legislativo dos seus respetivos países é pouco intensa; só se verifica nos relatórios das organizações da Argentina, Costa Rica, México, Paraguai e Peru.

Quadro 8. Relação das organizações com organismos governamentais

	Sim	Não	N/R
Argentina	12	1	0
Bolívia	4	2	0
Brasil	6	1	7
Chile	4	0	1
Colômbia	40	6	10
Costa Rica	14	0	5
Cuba	2	1	3
Equador	20	4	4
Guatemala	2	0	0
Honduras	6	0	1
México	11	1	3
Nicarágua	1	1	0
Panamá	8	0	0
Paraguai	1	0	0
Peru	5	1	1
R. Dominicana	4	1	0
El Salvador	1	0	0
Uruguai	3	2	0
Venezuela	0	0	1
Total	144	21	36

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

As organizações da Argentina mencionaram, para além das dependências governamentais nacionais⁹⁹, a Direção de Pluralismo e Coletividades e a Direção de Dependências do Governo da Cidade de Buenos Aires.

Os ministérios da Cultura, Turismo, Saúde, Educação, Obras Públicas, Justiça e Comunicação são os que estabeleceram mais relações com as organizações do Estado Plurinacional da Bolívia.

A dependência governamental mais mencionada pelas organizações do Brasil foi a Secretaria de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (SEPPIR), juntamente com os ministérios da Saúde, Cultura, Desenvolvimento Social e Combate à Fome (MDS) e Desenvolvimento Agrário (MDA). Além disso, as organizações referiram as ligações estabelecidas com os governos estaduais e municipais¹⁰⁰, a Fundação Cultural Palmares e a Universidade Federal do Pará.

As organizações afrochilenas têm vínculos com o Serviço Nacional da Mulher, com os ministérios da Agricultura, Saúde e Educação e com o Instituto Nacional de Estatística. Também afirmaram que mantém ligações com o governo regional de Arica e com intendências e municípios, embora não especificassem os seus nomes.

No caso das organizações da Colômbia, também o Ministério da Cultura foi o mais mencionado, seguido do Instituto Colombiano de Bem-Estar Familiar e dos Ministérios do Interior, Educação, Agricultura e Desenvolvimento Social e, com uma única menção cada um deles, o Ministério do Trabalho, a Direção Nacional de Planeamento, a Procuradoria Geral da Nação, o Defensor do Povo, o Instituto do Bem-Estar Social e a Corporação para o Desenvolvimento Colombiano. Foi igualmente mencionada a Presidência da Colômbia. Acresce que as organizações afrocolombianas mantêm fortes vínculos com os governos¹⁰¹, as prefeituras e os municípios¹⁰².

No caso das organizações da Costa Rica, o Ministério da Cultura desse país foi a dependência governamental nacional mais referida, seguida do Instituto Nacional da Mulher (INAMU), Instituto Nacional de Estatística e Censos (INEC) e Ministério da Educação Pública. As organizações da Costa Rica também referiram ter vínculos com os ministérios de Planificação, Relações Exteriores e Saúde, bem como com o Comissariado de Assuntos da Afrodescendência da Presidência, Instituto Nacional de Aprendizagem (INA) e a Assembleia de Administração Portuária e Desenvolvimento Económico da Vertente Atlântica (JAPDEVA). A Assembleia Legislativa também mantém relações com as organizações afro-costarriquenses e há uma intensa ligação entre as referidas organizações e os governos municipais¹⁰³.

No que respeita às organizações de Cuba, são três as dependências governamentais com as quais essas organizações estabelecem relações de trabalho ou de apoio: a Federação de Mulheres Cubanas, o Grupo de Reflexão e Solidariedade Oscar Arnulfo Romero e a Associação Cubana de Audiovisual. Os ministérios mais mencionados pelas organizações do Equador ao referirem as suas ligações com organismos governamentais foram os da Educação, Cultura e Património, Inclusão Económica e Social, Bem-Estar Social e Agricultura e, com uma só referência cada um, os ministérios do Desporto, Relações Exteriores, Coordenação Política, Trabalho, Justiça e Turismo. A Corporação de Desenvolvimento

⁹⁹ Os ministérios da Cultura, Saúde, Desenvolvimento Social e Justiça; e o Instituto Nacional contra a Discriminação, a Xenofobia e o Racismo (INADI). Para além da Biblioteca do Congresso Nacional, Fundo Nacional das Artes, Instituto Nacional do Teatro e Fundação do Banco da Nação Argentina. Mencionam também duas universidades nacionais: a Universidade de Avellaneda e a Universidade Tecnológica Nacional.

¹⁰⁰ Por exemplo, o governo do Estado de Espírito Santo, a Prefeitura de Manaus e o Município de Belém.

¹⁰¹ Sublinha-se o Governo do Valle del Cauca, seguido pelo Governo de Bolívar, o de Córdoba e o do Norte de Santander.

¹⁰² Entre outras, as de Cali, Bogotá, Zarzal e Ingenio Riopaila, San José de Cúcuta, Cartagena, Medellín, Jurado, Alto Baudó, Nuquí, María Labada, Buenaventura, Tumaco, e Arboletes. Uma organização refere manter relações com 16 municípios do Valle del Cauca.

¹⁰³ Entre outros, com os municípios de Matina, Heredia, Siquirres, Limón, Bagaces, Talamanca, Guápiles e Guácimo.

Afroequatoriano (CODAE) e múltiplos conselhos e secretarias são organismos que também mantêm relações com as organizações. As entidades governamentais municipais e territoriais foram mencionados, mas apenas em três ocasiões¹⁰⁴.

No caso da Guatemala referiu-se o município de Livingston.

As organizações das Honduras têm vínculos com o Fundo Hondurenho de Investimento Social, com institutos nacionais¹⁰⁵ e com a Secretaria da Saúde.

No México, as organizações informaram que mantêm relações sobretudo com organismos¹⁰⁶ dos estados de Guerrero e Oaxaca, o que é natural, pois esses são os estados onde há uma maior concentração de população afro-mexicana¹⁰⁷. Além disso, têm uma relação muito ativa com as universidades¹⁰⁸.

Uma única organização da Nicarágua reportou ter vínculos com dois institutos nacionais – o da Cultura e o do Turismo – e com a Prefeitura Municipal de Bilwi.

100% das organizações do Panamá assinalaram que se relacionam com organismos do governo nacional através do Ministério da Educação, Instituto Nacional da Cultura, Secretaria Executiva da Etnia Negra, Autoridade de Turismo e Defensor do Povo (com três referências cada uma), seguidos pelo Instituto Nacional da Mulher (INAMU), Ministério da Saúde, Ministério do Desenvolvimento Social (duas referências cada) e outras dependências oficiais¹⁰⁹. Ao nível municipal relacionam-se com as prefeituras de Colón, Los Santos e Darién.

A organização do Paraguai que participa neste estudo afirmou que tem vínculos tanto com o Poder Executivo – através da Secretaria da Cultura – quanto com o Congresso Nacional.

As organizações do Peru mencionaram manter relações com o Ministério da Mulher e Populações Vulneráveis (quatro referências), Ministério da Cultura (três referências), Secretaria Nacional da Juventude (duas referências), bem como com os Ministérios da Saúde e da Educação e o Defensor do Povo. Têm, além disso, relação com o Congresso Nacional.

As organizações da República Dominicana estabeleceram relações com os Ministérios da Cultura, Educação, Saúde Pública e Interior. Mantêm também vínculos com uma entidade municipal, a Prefeitura de Santo Domingo Este.

A organização de El Salvador que participa neste estudo referiu que se relaciona com a Secretaria da Cultura e com a Prefeitura de Zacatecoluca.

As organizações do Uruguai têm vínculos de trabalho e de associação tanto a nível da presidência quanto ministerial – ministérios da Educação, Cultura, Desenvolvimento Social, Relações Exteriores, Defesa, Turismo e Habitação –, e municipal, com a Intendência de Montevideu. Uma das organizações, por exemplo, oferece cursos à Escola Nacional da Polícia.

¹⁰⁴ O município de Quito, o Conselho Provincial de Pichincha e a Associação de Municípios Equatorianos.

¹⁰⁵ Como, por exemplo, o Instituto Nacional Agrário, Instituto de Antropologia e História e o Instituto Nacional da Mulher.

¹⁰⁶ Entre eles, as Secretarias de Assuntos Indígenas e Afro-mexicanos, da Culturas e das Artes, e do Desenvolvimento Social e Humano.

¹⁰⁷ Segundo o Inquérito Inter-Censo realizado no México no ano 2015 pelo Instituto Nacional de Estatística e Geografia (INEGI), 1,2% da população reconhece-se como afro-mexicana, embora haja estados nos quais a percentagem de população que se autoidentifica como afro-mexicana seja muito maior: por exemplo, em Guerrero essa percentagem ascende a 6,5%; em Oaxaca, a 4,9%; em Veracruz, a 3,3%; e no Distrito Federal, a 1,8%.

¹⁰⁸ Por exemplo, com a Universidade Mesoamericana Campus Puebla Sul e a Universidade Nacional Autónoma do México (UAM).

¹⁰⁹ Tais como o Ministério da Presidência, Ministério do Desenvolvimento Agropecuário, Conselho Nacional de Desenvolvimento Sustentável (CONADES) e Autoridade da Micro, Pequena e Média Empresa.

3.9. Relação com organismos internacionais

Importa fazer uma primeira observação acerca do significado que neste documento será dado ao conceito de organismo internacional: neste contexto, para dar cabimento a todos os organismos e às organizações internacionais mencionadas neste estudo, adotar-se-á uma aceção ampla do conceito de organismo internacional; quer dizer, em vez de utilizar o conceito que remete para os organismos regidos pelo direito internacional público, surgidos a partir de acordos ou tratados, cujos membros são Estados soberanos ou outros organismos intergovernamentais, alargar-se-á o sentido a fim de incluir também organizações internacionais de imigrantes, fundações internacionais e organizações internacionais relacionadas com religiões. Como é natural, também serão tidas em conta as agências de cooperação bilateral e os bancos multilaterais.

Praticamente 45% das organizações referiram que têm ou tiveram algum tipo de relação com organismos internacionais; as restantes organizações não têm vínculos com este tipo de organismos, ou não os mencionam. Observa-se uma atividade intensa de cooperação internacional — pelo número de organizações que estabeleceram ligações com organismos internacionais, mas também pela quantidade de vínculos internacionais que cada uma dessas organizações tem — sobretudo no caso do Estado Plurinacional da Bolívia, Colômbia, Costa Rica, Equador, Honduras e Peru. Conforme o mencionado pelas organizações que participaram nesta análise, essas relações tiveram início em 1980¹¹⁰ e intensificaram-se a partir do ano 2000, sobretudo depois de 2008. Além disso, as organizações referiram que elaboraram planos de ação em conjunto com organismos internacionais que se alargam até 2017.

¹¹⁰ Uma organização da Argentina, a Comedia Negra de Buenos Aires, estabeleceu uma primeira relação de trabalho com as embaixadas da Nigéria e da Costa do Marfim na Argentina.

Quadro 9. Relação das organizações com organismos internacionais

	Sim	Não	N/R
Argentina	4	5	4
Bolívia	3	2	1
Brasil	2	6	6
Chile	2	0	3
Colômbia	22	13	21
Costa Rica	9	2	8
Cuba	1	3	2
Equador	15	5	8
Guatemala	2	0	0
Honduras	6	0	1
México	3	6	6
Nicarágua	2	0	0
Panamá	7	1	0
Paraguai	0	0	1
Peru	6	0	1
R. Dominicana	1	4	0
El Salvador	1	0	0
Uruguai	4	1	0
Venezuela	0	0	1
Total	90	48	63

Fonte: Elaboração própria com base na informação recebida das organizações.

Dos organismos e programas do sistema das Nações Unidas, o mais mencionado foi o PNUD (12 vezes), seguido pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) (7 vezes), Entidade das Nações Unidas para a Igualdade de Género e o Empoderamento das Mulheres (ONU Mulheres) (6 vezes), Fundo de População das Nações Unidas (UNFPA) (5), Alto Comissariado para os Direitos Humanos (3), Organização Pan-Americana da Saúde (OPS) e Organização Mundial da Saúde (OMS) (2), Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO) (2), Fundo Global de Mulheres e Programa Conjunto das Nações Unidas sobre o HIV/SIDA (ONUSIDA), Gabinete do Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados (ACNUR) e Comissão Económica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) (1 vez cada). A Organização das Nações Unidas como organismo global foi mencionada duas vezes. Fora das Nações Unidas, a Organização Internacional de Migrações também foi referida duas vezes.

Os organismos ibero-americanos também têm ligações com as organizações afro-latino-americanas: cinco delas mencionaram as relações estabelecidas com a Organização dos Estados Ibero-Americanos para a Educação, a Ciência e a Cultura (OEI) e três fizeram referência a vínculos com a SEGIB.

Dos organismos regionais e sub-regionais, cinco organizações afro-latino-americanas informaram ter estabelecido vínculos com a Organização dos Estados Americanos (OEA). Também se fez referência à Comunidade Andina (CAN) e ao Sistema de Integração Centro-Americano (SICA).

Os bancos multilaterais de desenvolvimento também destinam fundos à cooperação técnica; nesse quadro, o Banco Interamericano de Desenvolvimento (BID) foi mencionado seis vezes e o Banco Mundial cinco vezes (conforme as organizações, este último teria contribuído com fundos pelo menos a partir de 1999).

De todas as agências bilaterais de cooperação, a que estabeleceu mais relações com as organizações participantes neste levantamento foi a AECID; 17 organizações de vários países têm vínculos com a cooperação espanhola e esses vínculos foram duradouros. Quanto ao número de menções, a AECID é seguida pela cooperação proveniente dos Estados Unidos – a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID) é mencionada nove vezes e a InterAmerican Foundation¹¹¹, cinco –, a cooperação proveniente da União Europeia (citada dez vezes), a Deutsche Gesellschaft für Technische Zusammenarbeit (GTZ) (citada quatro vezes), a cooperação do Canadá, Dinamarca, Itália e Holanda (duas referências em cada caso), e a cooperação proveniente da Finlândia, Suécia e Suíça (uma menção em cada caso). Além disso, os países doadores também destinam recursos às suas embaixadas que estabeleceram relações de colaboração com as organizações. É o caso do Canadá, Dinamarca, Estados Unidos, França, Holanda, Reino Unido da Grã-Bretanha e Irlanda do Norte, África do Sul e outros países de África.

Como já antes se referiu, as organizações internacionais relacionadas ou financiadas por igrejas de diferentes credos são muito ativas na América Latina; entre elas citaram-se a American Jewish World Service, Diakonia, Ação Luterana Mundial, Episcopal Relief & Development, Christian Aid, Conselho Mundial de Igrejas, Conferência Episcopal dos Estados Unidos, Fundo Diocesano de Solidariedade, Visão Mundial e World Association for Christian Communication.

As grandes organizações privadas ou quase privadas de ajuda têm vínculos em toda a região; entre elas, devemos citar a Fundação Ford e a Fundação W.K. Kellogg (cinco menções cada uma); Oxfam, especialmente a sua secção da Austrália, com quatro referências; e a Fundação Konrad-Adenauer (duas menções). Foram também citadas as seguintes instituições: Fundación AVINA; Afroamérica XXI; Children Affected by AIDS Foundation; National Endowment for Democracy; Huairou Commission (rede que por sua vez integra sete redes); Soleterre; Organization of Africans in the Americas; Fundação Bernard van Leer da Holanda; Youth Union of People with Initiative, de Portugal; Visão Mundial; Global Fund for Women; Organização Global Association Internationale des Étudiants en Sciences Économiques et Commerciales (AIESEC), e Planet Water Foundation.

Referiu-se igualmente uma vez uma organização internacional de cabo-verdianos que mantém ligações com a Argentina.

Acresce que algumas organizações referiram ter estabelecido vínculos com universidades situadas fora dos seus países. Foram mencionadas universidades dos Estados Unidos (Harvard e Medgar) e da Alemanha (Bayreuth). Também confirmaram diferentes tipos de relações com a Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (FLACSO).

3.10 Necessidade de estabelecer relações com outras organizações e com redes de organizações

Das 201 organizações que participaram neste levantamento, apenas 6% não respondeu à pergunta acerca da sua necessidade de estabelecer relações com outras organizações semelhantes de outros países ou com redes de organizações e nenhuma respondeu negativamente. No entanto, algumas das que responderam de forma positiva, não explicitaram os motivos pelos quais consideram necessário ter vínculos com outras organizações semelhantes ou com redes.

Ao analisar as respostas, observou-se que todas as organizações se manifestaram entusiasmadas com os resultados da internacionalização das suas atividades, e várias respostas correspondentes a organizações de diferentes países coincidiram. A resposta mais frequente (quase 35%) é a que se refere, de diferentes formas, à necessidade de intercambiar e partilhar informações, conhecimentos, experiências, boas práticas, estratégias, projetos e trabalhos. Esta resposta complementa-se com outra, também frequente, na qual as organizações expressam que querem aprender, conhecer, atualizar-se e saber o que fazem outras organizações para resolver problemas comuns, afirmando que desejam partilhar projetos e trabalhos, bem como estabelecer alianças que as ajudem a saber implementar melhor as suas tarefas. Nalguns casos, as organizações oferecem conhecimentos — algumas possuem muita experiência nos seus campos de ação e contam com profissionais e técnicos entre os seus associados — e, noutros casos, apenas expressam o desejo de saber mais, mas, em todas as situações, o objetivo último é lutar contra o racismo e a discriminação (objetivo mais mencionado), lutar pelos direitos humanos e justiça para todos, melhorar a vida das comunidades e dos jovens afrodescendentes que nem estudam nem trabalham, melhorar e prolongar a vida do planeta, colmatar as lacunas da desigualdade, “re-humanizar” o mundo, conseguir que os jovens terminem o ensino secundário,

fortalecer as comunidades, tornar os sistemas de saúde mais inclusivos, promover a igualdade étnico-racial e de género; ou seja, os fins estão relacionados tanto com a consecução de um maior bem-estar da população afrodescendente quanto com a consecução de um maior bem-estar geral.

Algumas organizações (pouco mais de 10%) referiram que a internacionalização lhes permitia conseguir recursos para as suas organizações e para intensificar e aprofundar o seu trabalho. Também referiram a falta de fundos provenientes dos governos e o trabalho de voluntariado implementado por muitas delas.

Há várias organizações a referir que a internacionalização lhes permite fazer alianças para levar avante uma estratégia global contra o racismo e conseguir fundos para implementar o Plano de Ação de Durban e o Decénio pela População Afrodescendente, ou seja, uma vez mais, o objetivo último da internacionalização relaciona-se com a consecução de mais justiça e mais desenvolvimento em geral.

Além disso, há organizações que se querem internacionalizar para conseguir objetivos específicos, diretamente relacionados com as suas próprias metas, para além de objetivos mais alargados, tais como, entre outros, a internacionalização que lhes permite desenvolver programas na área do ambiente, a implementação de programas educativos e de aprendizagem de música e dança e dar a conhecer a música própria.

Muitas organizações também referem que a internacionalização lhes deveria permitir ter contacto com a diáspora afrodescendente do mundo e não só com a da América Latina e do Caribe, mas também com a dos países de África de onde as comunidades são provenientes.

Em suma, de acordo com a opinião das organizações, conseguir a internacionalização mediante o estabelecimento de ligações online (escolas virtuais, por exemplo) e mediante a sustentabilidade dos recursos no tempo deveria ser o objetivo tanto dos governos quanto dos organismos internacionais, com vista a aumentar a incidência das organizações, produzir mais conhecimentos e boas práticas e lutar globalmente contra o racismo e a discriminação para alcançar sociedades mais justas e coesas.

3.11. Formação do pessoal das organizações

Dos 201 formulários recebidos, só em 7% dos casos não se respondeu a esta pergunta.

As respostas à pergunta sobre a formação do pessoal das organizações foram muito reveladoras para conhecer a realidade dessas organizações e descobrir que há muitos falsos preconceitos a circular. Em primeiro lugar, a maior parte delas (73%) conta com pessoal remunerado e não remunerado e com associados¹¹² de nível universitário com estudos de pós-graduação; também há quem tenha iniciado estudos universitários sem os ter concluído¹¹³. Muitos deles integram os conselhos diretivos das organizações e, em vários casos, são remunerados pelas suas tarefas. Noutros casos, são voluntários. Há 138 organizações que disseram contar com associados e empregados com estudos universitários; além disso, 4 delas contam com pessoal com estudos universitários por concluir e 11 com pessoal com estudos de pós-graduação.

Em segundo lugar, os voluntários — em geral, estudantes universitários, mas também estudantes do ensino secundário¹¹⁴, aposentados e até estudantes e pessoal com o ensino primário — estão presentes em 34 organizações, ou seja, em quase 17% das organizações e, na maior parte dos casos a sua colaboração é fundamental para o normal desenvolvimento das instituições¹¹⁵.

Em terceiro lugar, há 29 docentes¹¹⁶— de nível primário, secundário e universitário — entre as pessoas de alguma forma relacionadas com as organizações¹¹⁷. Finalmente, também há técnicos nas organizações¹¹⁸: segundo o que consta dos formulários, há 40 técnicos com diferentes formações.

Quanto ao nível secundário, 75 organizações mencionaram que entre os seus membros há pessoas que concluíram esse nível educativo, e outras 5 informaram que alguns dos seus membros alcançaram o nível secundário, mas não o concluíram. Além disso, há 11 organizações que contam com associados que completaram estudos terciários¹¹⁹.

Em resumo, quanto ao nível educativo em geral, 67,9% das organizações disseram ter pessoal com estudos universitários concluídos (se somarmos aqueles que terminaram estudos de pós-graduação o número eleva-se para mais de 73%) e 36,9% das organizações têm pessoal com estudos secundários.

Um total de 34 organizações referiram que todos os seus membros (associados e empregados)

¹¹² Perguntou-se pelo grau de formação dos trabalhadores remunerados e não remunerados das organizações. Felizmente, houve organizações que acrescentaram informação sobre os seus associados. Não se quis perguntar isto diretamente porque, em muitas organizações, para poder dar uma resposta, teria sido necessário realizar um censo dos associados, tarefa que teria exigido tempo e trabalho aos dirigentes que, na maior parte das vezes, já estão sobrecarregados.

¹¹³ As organizações referem indistintamente profissionais, universitários e académicos; para nos referirmos a eles utilizaremos a denominação "universitários". A fim de calcular os dados apresentados neste documento, consideraram-se "universitários" as pessoas já formadas.

¹¹⁴ Dadas as diferentes denominações outorgadas ao segundo nível de ensino (bachillerato, escola secundária, escola média) nos vários países da América Latina, e sem levar em conta as diferenças entre o total dos anos que compõem esse nível em cada um dos casos, neste documento faremos referência a esse segundo nível de ensino como "escola secundária".

¹¹⁵ Uma organização da Costa Rica conta também com voluntários, homens e mulheres, provenientes do Movimento Escuteiro da Costa Rica.

¹¹⁶ Denominados pelas organizações como maestros, docentes e professores. Neste documento utilizar-se-á a denominação "docentes".

¹¹⁷ Dado que nem sempre informam sobre o nível no qual o docente trabalha, quando se verificar que se trata de um docente universitário, este será incluído na categoria "universitário"; para calcular os dados apresentados neste documento, os restantes serão integrado na categoria de "docente".

¹¹⁸ Embora saibamos que há diferenças de formação entre os técnicos e os peritos tecnológicos, no quadro deste documento ambos os tipos de profissionais se agrupam na denominação de "técnico".

¹¹⁹ Aqui somaram-se as organizações que informaram ter pessoal e associados com nível terciário não universitário mais as que têm enfermeiras e secretárias, normalmente com estudos terciários, embora nem sempre.

concluíram o ensino primário e 8 organizações indicaram que alguns dos seus associados não puderam concluir esse nível de educação. Segundo uma das organizações, aqueles que não concluíram o ensino primário, são, em geral, pessoas com mais de 50 anos, dado este que coincide com os resultados das medições e estudos que referem que, com o passar do tempo, a conclusão do ensino primário aumentou no total da população da América Latina, embora não se tenha universalizado; mas, se levarmos apenas em conta a população afrodescendente e a população indígena o nível de escolaridade é menor¹²⁰.

Há também associados e empregados de organizações com formação em diversos ofícios – carpinteiros, artesãos, costureiras, cozinheiros, pescadores, agricultores, ourives, violeiros, operários, motoristas – com formação em ramos artísticos – pintores, músicos, cantores, atores, bailarinos, cineastas, fotógrafos – e com estudos de línguas.

A percentagem das matrículas nos vários níveis de escolaridade em quase todos os países da América Latina¹²¹ em que estes dados estão disponíveis, regista diferenças desfavoráveis quanto consideramos a população afrodescendente; em geral, esta apresenta taxas de analfabetismo mais elevadas¹²², uma menor taxa de matrículas na escola média e na universidade e uma menor quantidade de licenciados universitários. O que as organizações referem, apenas corrobora estes dados: parte dos seus associados não puderam terminar os seus estudos primários, secundários ou universitários, e a situação das mulheres e da população que vive nas áreas rurais é ainda mais desfavorável.

¹²⁰ Ver OREALC/UNESCO (2014).

¹²¹ Constituem exceções, em diferente grau e nível, a Colômbia, onde há uma leve diferença no ensino a favor da população afrocolombiana, e a Costa Rica, país no qual as mulheres que no último censo se auto-identificaram como sendo "negras" têm níveis educativos mais elevados do que outros grupos étnico-raciais, mas que simultaneamente registam um dos índices mais elevados de desemprego e as percentagens mais altas de mulheres que trabalham em ocupações que exigem pouca ou nula qualificação.

¹²² Por exemplo, a taxa de analfabetismo da população afroperuana praticamente duplica a da população mestiça. No Uruguai há mais analfabetismo entre a população afrodescendente, e as crianças e adolescentes afro-uruguaios apresentam níveis de permanência nos graus superiores da escola primária e menores níveis de acesso ao ensino médio, em comparação com os não afrodescendentes. No Equador, a percentagem de população não afrodescendente com mais de 12 anos de estudos duplica a percentagem da população afrodescendente que superou esse número de anos de estudo, e a taxa de população não alfabetizada é 20% mais elevada no caso da população afroequatoriana, em especial entre os que vivem em zonas rurais. Ver as publicações do PNUD sobre a situação socioeconómica da população afrodescendente da Colômbia, Costa Rica, Equador, Peru e Uruguai, citadas na secção de bibliografia deste documento (PNUD, 2010a, 2010b, 2012a, 2013a e 2013b).

3.12 Necessidade de formação adicional

Esta pergunta, muito relacionada com a anterior, foi respondida com entusiasmo e profusão pela maior parte das organizações. Apenas 33 delas não especificaram a sua resposta ou não responderam ao que se perguntava. Além disso, uma organização da Colômbia respondeu que, nesta altura, não precisava de continuar a formar a sua gente, e uma outra do Brasil mencionou que os seus membros estão em permanente formação.

A maior exigência das 166 organizações que responderam à pergunta consiste na conceção, formulação e gestão de projetos em áreas muito diferentes (projetos agrícolas, culturais, turísticos, de investimento público e privada), e, sobretudo, de projetos de cooperação internacional. De facto, 65 organizações manifestaram ter necessidade de receber formação neste tema e em temas relacionados com ele, tais como em cooperação internacional, acordos internacionais e, em geral, direito internacional público. As organizações relacionam este tema com a necessidade de aceder a recursos de cooperação que, na sua opinião, poderiam conseguir se apresentassem projetos corretamente concebidos conforme as regulamentações das diferentes agências de cooperação bilateral e multilateral.

A segunda maior exigência refere-se à área de administração das organizações (31 organizações mencionaram esta questão), mas também se registaram pedidos relativos à contabilidade (outras 14), criação de recursos (7) e desenvolvimento institucional (1).

Em terceiro lugar, sente-se a necessidade das organizações continuarem sua formação em direitos humanos (27 organizações), com algumas especificidades, tais como direitos da população afrodescendente (6) e direitos em geral (10). A questão do género e dos direitos da mulher foi mencionado em várias ocasiões e relacionada com diversas áreas.

Os empreendimentos e as questões empresariais são temas referidos por 22 organizações e neles figuram o marketing (7 organizações) e a comercialização (3). Também referenciaram questões ligadas às finanças, economia e bancos (7).

O tema da liderança em geral, e em particular o da liderança da mulher, foi mencionado por 21 organizações. Outras cinco organizações assinalaram a necessidade de se instruírem em matéria de participação e formação política (duas), e de políticas públicas (uma).

As tecnologias da informação e das comunicações (TICs) foram mencionadas por 22 organizações; a informática e os sistemas, por 19 e a gestão de redes sociais, por 9. Finalmente, nesta área, seis organizações referiram a necessidade de receber capacitação geral para o uso de programas (particularmente, Word e Excel).

O ambiente e a gestão dos recursos naturais constituem temas de formação em 12 organizações, com uma menção ao tema específico da bioconstrução.

A aprendizagem de línguas também foi considerada uma necessidade por 11 organizações.

Outras áreas nas quais as organizações manifestaram necessidades de formação, relacionaram-se com a arte – canto, teatro, música, escultura – (13 organizações); a televisão, cinema e fotografia (2); a escrita de guiões (1), e o desenvolvimento de material didático (1).

As organizações também expressaram a necessidade de que os seus membros concluam estudos universitários ou que diretamente os iniciem¹²³, bem como o desejo de que terminem ou realizem inteiramente os seus estudos primários, secundários e técnicos. Foram também citadas especialidades, tais como o desenvolvimento em geral e o desenvolvimento sustentável, prevenção de dependências, desenvolvimento comunitário, temas relacionados com a população afrodescendente em geral (cosmogonia africana, saberes ancestrais, medicina tradicional), oratória (seis), metodologia da investigação (cinco), e migrações (três). Além disso, na área da educação, as organizações assinalaram que requerem formação ulterior em etno-desenvolvimento, etno-educação e etno-turismo.

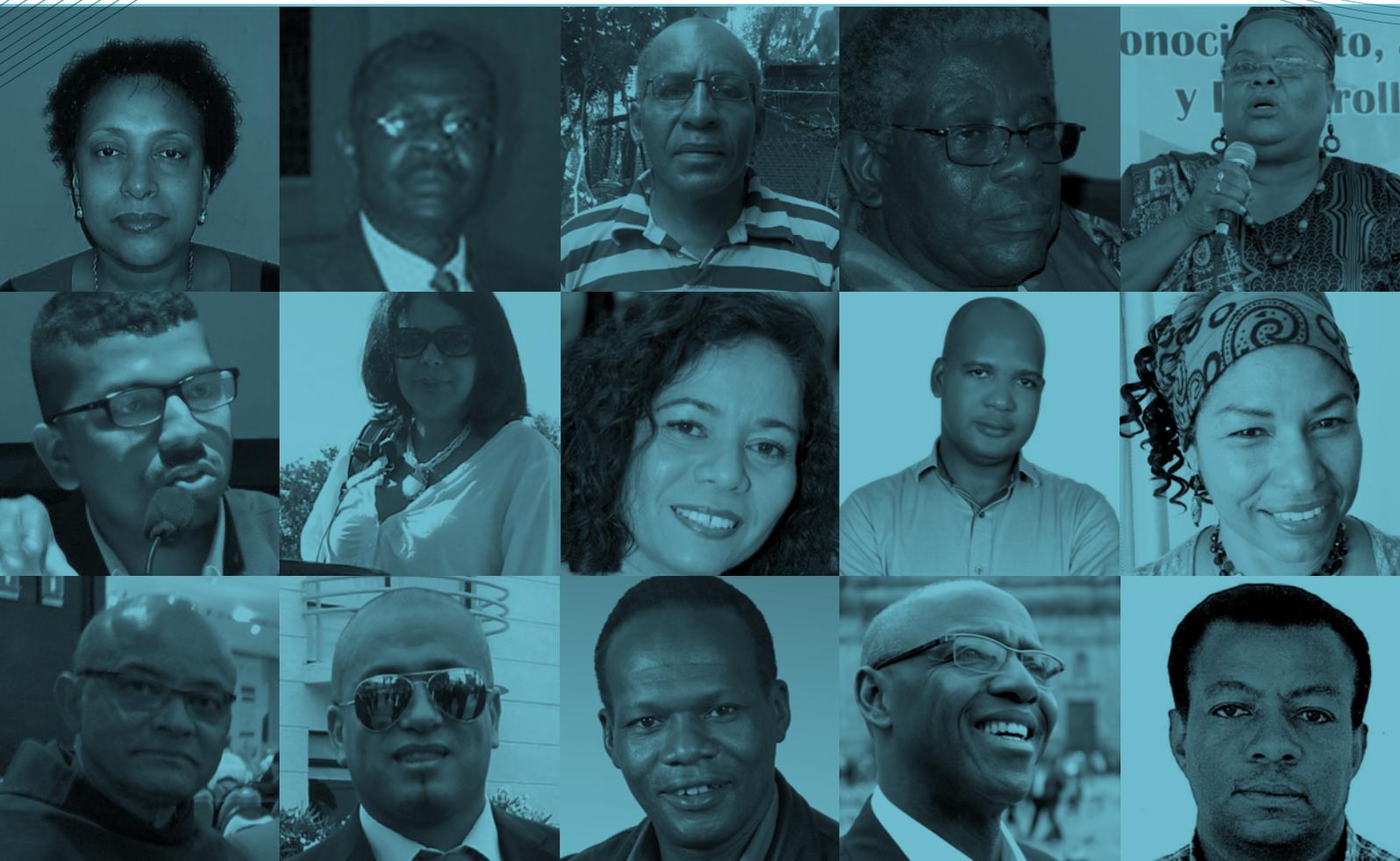
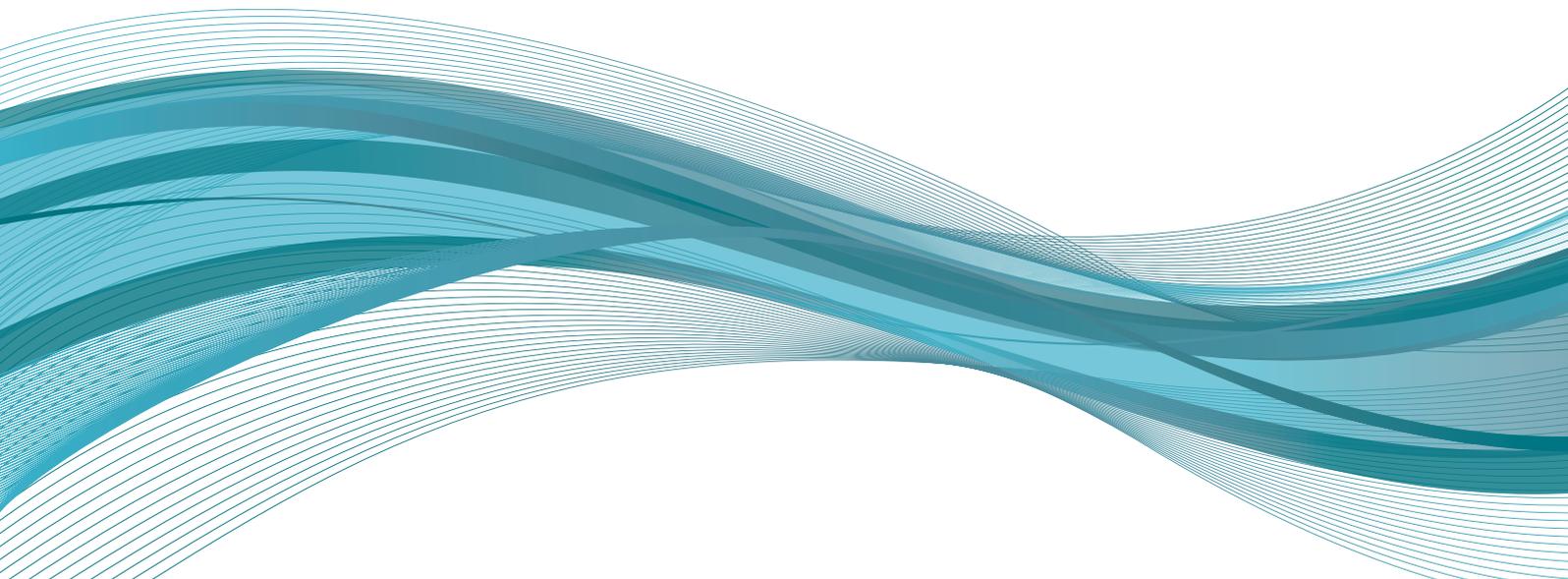
Finalmente, para o seu normal funcionamento, as organizações dizem necessitar saber mais sobre a organização de atividades (três), primeiros socorros (uma), gestão de grupos (uma), edição de jornais e publicações (uma), e ofícios vários¹²⁴.

¹²³ Mencionam, entre outras, os cursos de psicologia, trabalho social, educação, pedagogia, direito, biblioteconomia, pedagogia, jornalismo, antropologia, sociologia, história (em geral, mas também história de África, da arte e da população afrodescendente na América Latina e no Caribe), humanidades, gestão cultural e desenho gráfico, páginas web, relações humanas e relações públicas.

¹²⁴ Tais como a construção, artesanato, costura e questões agropecuárias.

4.

Entrevistas a líderes afrodescendientes



4. Entrevistas a líderes afrodescendentes

Como foi anunciado no primeiro ponto deste documento, foram feitas entrevistas a 15 líderes históricos e novos da população afrodescendente. Como se irá ver, as consultas foram acerca de questões pessoais – tais como quando começaram a colaborar e a fundar organizações e quais foram as suas motivações para isso –, o seu olhar sobre a evolução das organizações e dos seus associados, a sua opinião acerca da internacionalização das organizações e a sua visão de futuro. A seguir, e por ordem alfabética do país de origem da pessoa entrevistada, transcrevem-se as respostas às seis perguntas que foram feitas.

Entrevista a Miriam Victoria Gomes (Argentina)¹²⁵

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Comecei a participar na Sociedad Caboverdana de Dock Sud no ano 1984, ocupando desde esse momento e até agora diferentes cargos. Presidi a instituição em quatro ocasiões. Colaborei também na criação de várias organizações, entre elas, a ADEA-Associação de Estudos Africanos (1988), a Mesa de Apoio à Terceira Conferência Mundial contra o Racismo (2000), o Comité Argentino de Organizações Afro (2005), o Comité Organizador da Semana da África na Argentina (2006, 2007, 2008). Fui a primeira presidente da Organização da Diáspora Africana na Argentina (2007), hoje reformulada como DIAFAR; fiz parte da Comissão Organizadora do 8 de Novembro (“Dia Nacional dos e das Afroargentinos/as e da Cultura Afro” em 2015). Recentemente colaborei na redação do relatório sobre racismo e discriminação entregue ao relator especial da ONU sobre racismo, o Dr. Mutuma Ruteere (21 de maio de 2016).

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

As minhas motivações foram desde sempre sociais e políticas: inicialmente, no seio da minha comunidade e, depois de ouvir dos meus mais velhos a sua adesão ao movimento da Independência na Guiné e Cabo Verde, aderi quase imediatamente a esse ideário. E entendi que a minha maneira de contribuir para as ideias independentistas era trabalhar na minha instituição, a Sociedad Caboverdeana, para a fortalecer. Mais tarde, no ano de 1985, juntei-me ao Comité Argentino Latinoamericano contra o Apartheid, fundado por Enrique Nadal para a campanha internacional pela libertação de Nelson Mandela.

Anos depois, integrei as associações afroargentinas para lutar contra a invisibilização das comunidades negras na Argentina.

¹²⁵ A Sra. Miriam Victoria Gomes nasceu em Buenos Aires a 1 de janeiro de 1962. Divulgou de maneira intensa a presença afrodescendente na Argentina e denunciou atos de discriminação e racismo em numerosos fóruns. Publicou numerosos prólogos e artigos; entre eles, é autora do prólogo do livro *¿No hay negros argentinos?* de María Cristina Liboreiro, de 1999; do artigo “Los afrodescendientes en la Argentina y la solidaridad anti-apartheid”, em *Diez años de libertad. El fin del apartheid*, de María Luján Leiva (comp.) de 2005; do artigo “Apuntes para una historia de las instituciones negras en la Argentina”, em Picotti, Dina (comp.), *El negro en la Argentina. Presencia y negación*, 2001. Em 2006, no Fórum Afro do INADI, elaborou um programa de conteúdos históricos africanos e afroamericanos para manuais escolares de várias editoras. Por ocasião do Censo 2010, foi convocada para coordenar a campanha nacional de sensibilização para a variável afro. Desde 1984 é docente em escolas públicas da província de Buenos Aires e desde 1990 no ensino terciário e universitário.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Na minha opinião, a evolução das organizações afro no país foi bastante desigual, devido ao próprio caráter de cada uma delas. No entanto, posso arriscar um princípio de generalização: nos anos 1980, o envolvimento político era muito forte, provavelmente devido à recém-adquirida democracia. Na década de 1990, surgiram organizações mais ligadas à divulgação cultural, tentando tornar visíveis os contributos africanos para a sociedade argentina. A crise de 2001 – devido ao caos económico – provocou também uma reconsideração social acerca de quem somos os argentinos ou o que queremos ser. E julgo que nesse momento ocorreu uma identificação maior com os países da região e uma onda social e cultural mais latino-americanista.

Nos últimos anos, foram abertos canais de diálogo com o Estado e conquistaram-se alguns espaços; por exemplo, há ativistas afrodescendentes a coordenar programas na Secretaria dos Direitos Humanos da Nação, no Ministério da Cultura e no Instituto Nacional contra a Discriminação (INADI).

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Sem dúvida, existe uma maior diversidade entre os associados ou participantes nas diferentes organizações; no entanto isto não obrigou a uma mudança nos objetivos, mas, antes, a que as novas organizações se fossem criando de acordo com o perfil dos seus integrantes.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sem qualquer dúvida, a internacionalização das organizações e a interrelação com os seus pares do continente são fatores positivos dado que contribuem para o fortalecimento, o empoderamento e o progresso das organizações, num grau muito importante. Por exemplo, através da assinatura de acordos de cooperação mútua, trocas culturais e bibliográficas, a presença de especialistas de peso para formar os associados, uma maior tomada de consciência acerca da integração da perspectiva de género e etária (nomeadamente juvenil) em todas as ordens é importante. Neste sentido, a criação de redes é vital para chegar a alguns objetivos cujos alcances seriam muito limitados se apenas se circunscrevessem ao espaço nacional. Posso referir a realização da Terceira Conferência Mundial contra o Racismo, em Durban, África do Sul (2001), a sanção – pela ONU – do Ano Internacional dos Afrodescendentes (2011) e do Decénio Internacional dos Afrodescendentes com o lema: Reconhecimento, Justiça e Desenvolvimento (2015-2024). Estas foram as conquistas alcançadas pelo trabalho das redes e a sua incidência nos organismos internacionais.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

A evolução das organizações deveria ser impulsionada através da formação profissional dos seus membros, da integração de um maior número de mulheres e de jovens, da renovação das lideranças (julgo que isto é fundamental dado que se verificam casos de dirigentes que se perpetuam nos seus cargos durante décadas e não há dúvida de que com isso o progresso das organizações se ressentem), de uma ordem administrativa prolixa, da existência de uma Comissão Revisora de Contas em todas as organizações e da observância dos seus estatutos.

Entrevista a Jorge Medina Barra (Estado Plurinacional da Bolívia)¹²⁶

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Em finais da década de 1980 migrei da minha comunidade, situada na área rural, para a cidade de La Paz na esperança de continuar os estudos; já nessa altura comecei a colaborar. A 20 de outubro de 1988 fundei o Movimiento Cultural Saya Afroboliviano “MOCUSABOL”. A 24 de abril de 2006 fundei o Centro Afroboliviano para el Desarrollo Integral y Comunitario (CADIC).

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Quando cheguei a La Paz verifiquei que havia um grande desconhecimento da existência do povo afrodescendente na Bolívia, quase um vazio. Por isso, fundámos a organização “MOCUSABOL”, com o objetivo de reafirmar e dar visibilidade à nossa cultura no país.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Vejo as diferenças seguintes: agora conhecem e exigem os seus direitos; existe a participação massiva com identidade de género; há uma percentagem elevada de universitários/as; as crianças, adolescentes e jovens estão identificadas/os com a sua cultura, com a autoestima elevada, e estão mais comprometidos com a luta do nosso povo. Também é bom fazer notar que há muitas pessoas que não compreendem a questão coletiva da organização e criam organizações individuais para satisfazer os seus apetites pessoais.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Entendendo que o negro não é cor de pele mas sim pensamento, nas nossas organizações também há mestiços. No âmbito da interculturalidade e da pluralidade cultural, não se modificaram nem vão modificar os objetivos das nossas organizações com a finalidade de não perder o horizonte pelo qual foram criadas.

¹²⁶ O Sr. Jorge Medina Barra é líder e ativista do povo afroboliviano. Foi presidente do Movimento Cultural Saya Afroboliviano no período 2001-2005, coordenador nacional da Associação Nacional Afroboliviana em 2003-2004, editor de duas edições do boletim “Fortalecimento do Movimento Cultural Saya Afroboliviano na Sociedade Civil” (2003 e 2004) e assessor e responsável por projetos do Movimento Cultural Saya Afroboliviano no período compreendido de 2005 a 2009. Foi deputado do Estado Plurinacional da Bolívia no período 2010-2015, e projetista de várias leis contra o racismo e a discriminação. Atualmente é Diretor Executivo do Centro Afroboliviano para el Desarrollo Integral y Comunitario (CADIC).

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

É de muita importância e de utilidade necessária ter interrelações com organizações internacionais. A criação de redes iria permitir-nos fortalecer as nossas organizações e, através disso, trabalhar em vários eixos temáticos que nos afligem como diáspora, o qual também traria visibilidade noutra ótica aos afrodescendentes da América Latina.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Para conseguir uma evolução positiva e estrutural, as organizações deviam trabalhar mais no fortalecimento organizativo institucional e na formação de novas lideranças com inclusão de género.

Entrevista a Frei David Santos (Brasil)¹²⁷

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Em 1997 fundei a EDUCAFRO, que é sustentada pela FAEDIDH (Francisco de Assis Educação, Cidadania, Educação e Direitos Humanos) com o objetivo principal de promover a inclusão da população negra, em especial, e pobre em geral, nas universidades públicas e privadas com bolsas de estudo, através do serviço dos nossos voluntários/as nos núcleos de pré-vestibular¹²⁸ comunitários. Cada ano conseguimos que cerca de 1.000 pessoas obtenham bolsa de estudo ou entrem em faculdades públicas.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Não me considerava negro. Quando entrei no seminário sofri racismo por ser negro e, a partir daí, percebi que era negro e vi a exclusão do negro na sociedade. Então decidi que a minha vocação como Padre Franciscano era lutar em prol do empoderamento do povo negro.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Na minha opinião, no início tivemos muitas organizações que eram financiadas mas uma vez que o dinheiro externo terminou, não tiveram força para se manterem. Além disso, tinham uma visão de “democratização” que acabou por gerar muita disputa interna pelo poder. Os poucos que sobreviveram perderam o foco do plano para se dedicarem ao povo negro. A cooptação política feita pelos partidos brancos, de direita e de esquerda prejudicou o trabalho.

¹²⁷ O Sr. Frei David Santos, padre franciscano, é Diretor Executivo da EDUCAFRO; é mestrando em Teologia, com ênfase em inculturação étnica, pela Pontifícia Universidade Nossa Senhora da Assunção de São Paulo. Há mais de 20 anos que se dedica a trabalhos populares, principalmente na área da educação para afrodescendentes e população carenciada. Participa ativamente no debate sobre políticas de ação afirmativa para afrodescendentes nas universidades públicas, nos serviços públicos e na iniciativa privada. Destaca-se pela sua participação na implementação de quotas destinadas a pessoas afrodescendentes, carenciadas e com capacidades especiais nas primeiras universidades públicas brasileiras. Faz parte da comissão que está a trabalhar a proposta de um sistema de inclusão de população afrodescendente e indígena nos mestrados e doutoramentos a nível nacional.

¹²⁸ Curso preparatório para prestar o exame de acesso à universidade.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Por ser uma associação que segue os princípios de São Francisco de Assis, Zumbi e Nelson Mandela, a EDUCAFRO integra a luta dos negros e acolhe a luta de outros que sofrem e que não são negros. Temos uma diversidade enorme entre os nossos associados; temos associados negros, orientais, indígenas, brancos, etc. Com referência às religiões, temos pessoas evangélicas, espíritas, de religiões tradicionais de matrizes africanas e outras. Nós acolhemos todos com muito amor porque valorizamos a solidariedade independentemente de qualquer coisa.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sim. É importantíssimo fazermos alianças com organizações internacionais porque o nosso objetivo é que o povo se empodere em qualquer parte do mundo.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Sou consciente de que cada organização e os seus respetivos líderes devem focar-se nas grandes linhas comuns. Por exemplo, no Brasil apontámos para as quotas para negros nas universidades; num segundo momento, as quotas para negros no serviço público. O capitalismo é muito cruel e não está em sintonia com os valores da cultura negra e indígena.

Entrevista ao Sr. Cristian Báez Lazcano (Chile)¹²⁹

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Comecei a colaborar no ano de 2003 e sou o fundador da organização Lumbanga.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

O motivo foi económico dado que, no início, foi sempre voluntário.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Embora o nosso agrupamento tenha começado com o objetivo de resgatar e investigar para depois divulgar a nossa cultura, mais tarde começou a valorização cultural e hoje nasceram organizações com

¹²⁹ O Sr. Cristian Alejandro Báez Lazcano, azapenho afrodescendente, é licenciado em Gestão de Empresas, Diplomado em Liderança e Empreendimento, e em Direitos Humanos e Pedagogia da Memória; é investigador vivencial da cultura afrochilena. Fundador e coordenador geral da organização afrochilena Lumbanga. Atualmente é Coordenador Rural do Escritório Afrodescendente da Municipalidade de Arica. Obteve vários prémios: o prémio latino-americano concedido pelo BID Juventude com o projeto "Investigação, Resgate e Difusão dos afrodescendentes no Chile" (2004); o prémio regional e nacional de Ideias de Negócios do Sercotec com o projeto "A Rota do Escravo"; é um dos 100 líderes do Chile (2006); e é prémio internacional sobre boas práticas de etnoeducação com a Rota Patrimonial do Escravo. Criou "A mesa-redonda dos nossos avós afro". Publicou livros e artigos. Impulsiona também a agenda de incidência política das necessidades do povo afrodescendente no Chile.

procuras mais específicas tais como género, questões etárias, produtivas, de habitação e, por sua vez, foram reconhecidas comunidades ancestrais que promovem e mantêm o património imaterial cultural dos afrodescendentes nesta zona.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Sim, ela existe. Os objetivos foram-se modificando dado que, embora no nosso agrupamento a questão cultural tenha andado sempre de mãos dadas com a incidência política, social e económica, hoje e há já algum tempo que o político tem sido o que articula e associa as organizações.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sim, é claro, mas infelizmente o movimento afro a nível internacional desarticulou-se.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Nós próprios devíamos criar as nossas próprias agendas políticas de incidência e lá deviam entrar os vários organismos públicos e internacionais.

Entrevista a Juan de Dios Mosquera Mosquera (Colômbia)¹³⁰

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Em 1976 fundei com outros estudantes o Círculo de Estudos da Problemática das comunidades Negras da Colômbia SOWETO, do qual nasceu o Movimento Nacional pelos Direitos Humanos das Comunidades Afrocolombianas CIMARRÓN.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Motivou-nos a tomada de consciência sobre os atos racistas contra as pessoas afrodescendentes de pele negra e a situação de pobreza das comunidades afrocolombianas em todo o país.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

As organizações de hoje não possuem a mística ideológica e a militância comprometida, são também poucas as que têm programas de formação ideológica da liderança. A maioria das atuais na Colômbia

¹³⁰ O Sr. Juan de Dios Mosquera Mosquera é o fundador e ideólogo do Movimento Nacional CIMARRÓN, criador do "cimarronismo contemporâneo", pensamento da luta dos povos afrodescendentes na América. Autor, entre outros, de dois livros: "Racismo y discriminación racial en Colombia", "Las comunidades afrocolombianas" e "La etnoeducación afrocolombiana".

são pessoas jurídicas de grupos informais sem organização, associações sem associados nem ação social e comunitária, fundações sem fundos nem obras sociais, há uma grande individualização do ativista social à procura de pequenos recursos das municipalidades.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

No caso colombiano as poucas pessoas jurídicas com organização e trabalho social são temáticas: trabalham pelas vítimas do conflito armado, pelos direitos humanos, pelos direitos das mulheres, pelos direitos territoriais e os direitos dos camponeses. Os associados são beneficiários diretos e sujeitos dos objetivos da organização.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sim, a interrelação entre organizações de diferentes países é importante; é praticado o internacionalismo afrodescendente ou pan-africanismo. Se as organizações já têm estratégias fortes de comunicação, o internacionalismo fortalece-as na liderança, na exigibilidade dos direitos afrodescendentes e no fortalecimento institucional através da emulação. As redes nacionais e internacionais com um plano de ação e uma boa estratégia de comunicação possibilitam às organizações atingir mais rapidamente os objetivos das suas lutas.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

As organizações devem evoluir promovendo programas de sustentabilidade institucional organizativa, formulando planos de ação estratégicos a mais de 10 anos, que sejam ajustados anualmente, estabelecendo a área de planeamento e cooperação, e criando programas de formação permanente de liderança e estratégias de comunicação fortes.

Entrevista a Burny Perea Gil (Colômbia)¹³¹

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

No ano 2005 participei no Concurso Ventures – o concurso de planos de negócio mais importante da Colômbia – com o projeto GEInnova “Incubadora de Empreendimentos” e fui finalista. Isto transmitiu-me um grande entusiasmo pelo empreendimento e o desenvolvimento empresarial. Imediatamente depois de obter este reconhecimento, fiquei a saber que o Serviço Nacional de Aprendizagem (SENA) estava interessado em criar incubadoras de empresas nos territórios onde não existiam e o Departamento de Chocó era um destes territórios, portanto informei-me e, com o apoio de alguns

¹³¹ O Sr. Burny Perea Gil é um profissional com uma forte orientação e entusiasmo pelo empreendimento e o desenvolvimento empresarial, com um amplo percurso em atividades relacionadas com a formação de empreendedores sociais e de negócios, processos de incubação de empresas no Departamento de Chocó, e na gestão e coordenação de instituições económicas e sociais. Dirigiu também projetos e intervenções com população vulnerável afrodescendente e indígena no Departamento de Chocó, realizando o trabalho em coordenação com as suas autoridades, líderes e organizações de base, em questões relacionadas com a criação de rendimentos, a segurança alimentar, a atenção em emergência, a estrutura de estudos de pré-investimento e a elaboração e implementação de planos de negócio.

colegas próximos da iniciativa, começámos a trabalhar para consolidar a primeira Incubadora de Empresas de Chocó e obter o reconhecimento do SENA. No entanto, nessa altura não foi possível articular a participação institucional e obter o apoio da institucionalidade regional; nem nos dois anos subsequentes. Então, por recomendação da então Diretora do SENA Regional Chocó, a Dra. Betty Eugenia Moreno Moreno, tomámos a decisão de constituir legalmente uma organização que promovesse o empreendimento e o desenvolvimento empresarial e a 25 de janeiro registámo-nos na Câmara de Comércio de Quibdó e constituímo-nos legalmente. Assim nasceu a Corporación GEInnova, uma grande aposta: fui o seu principal impulsor mas nada teria sido possível sem a participação e o compromisso de destacados profissionais chocoanos, como: Alexis Faruth Perea Sánchez, Ali Gómez Rentería, Amy Del Mar Piñeres Salazar, Jhon Derlyng Cardona Delgado, Julio Ricardo Sanabria Botero e Ruby Esthela Lozano Audiverth.

Embora estivéssemos recentemente constituídos, obtivemos reconhecimentos tais como o da revista “Cambio a la Vocación Empresarial” (2008), o reconhecimento no American Diversity Report como o Social Entrepreneurship Colombia’s “April Issue: Diversity Tips, Video & Social Entrepreneurs” (2009) e do Projeto Regional PNUD, “Población Afrodescendiente de América Latina” como uma boa prática de inclusão social (2010).

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Tive várias motivações: por um lado, a forte orientação e o entusiasmo que tenho pelo empreendimento e o desenvolvimento empresarial; além disso, como chocoano considero sempre que o potencial do Departamento de Chocó se deve orientar para se conseguir um aproveitamento sustentável dos seus recursos naturais, que por sua vez contribua para aumentar o tecido empresarial e a capacidade de geração de valor agregado. Claro que a minha mãe também teve grande influência neste processo. Por outro lado, devido a razões profissionais: terminados os estudos de Gestão de Empresas, estabeleci alguns objetivos profissionais a curto, médio e longo prazo, e em torno deles impulsionei a minha ação: 1. contribuir eficientemente na organização de instituições económicas e sociais transformadoras que sejam artífices de soluções eficientes para os problemas do Departamento; 2. participar com liderança nas mudanças e nas transformações da província inspirando nas novas gerações o desenvolvimento empresarial e a renovação democrática; 3. desenvolver iniciativas e ações para implementar atividades industriais próprias, com a minha família, amigos e/ou parceiros estratégicos, que contribuam para intensificar a capacidade empresarial.

O GEInnova faz parte desta expressão e constitui uma alternativa para trabalhar pelo empreendimento e a criação de empresas, impulsionando a iniciativa e o esforço de empreendedores locais, que, apesar das dificuldades, apostam na criação de empresas e no desenvolvimento de projetos produtivos.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Em regiões como a nossa, onde o desenvolvimento empresarial é apenas incipiente e se conta com muito poucas referências de organizações privadas e iniciativas da sociedade civil bem-sucedidas e autossustentáveis, torna-se necessário fortalecer as competências e as capacidades de gestão de empreendedores sociais e de negócios, para que sejam capazes de promover a criação de empresas novas e inovadoras, capazes de marcar uma diferença e gerar valor social e económico nas suas organizações, população-alvo e comunidades de influência.

Hoje em dia muitos promotores e gestores sociais não têm clareza acerca da importância de se diferenciarem face a outras organizações para garantir a sua sustentabilidade e conseguir o cumprimento dos seus objetivos; também não dedicam tempo suficiente a conceptualizar e investigar sobre o tipo de organização que desejam impulsionar. Com a simples ideia, estão a criar organizações e propor serviços sem terem uma ideia clara da problemática e das necessidades da população-alvo ou o mercado que desejam atender.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

A Corporación GEInnova conta com um conselho diretivo diverso no qual participam mulheres e profissionais que se caracterizam pela sua condição multidisciplinar: Alexis Faruth Perea Sánchez (advogado), Ali Gómez Rentería (dentista), Amy Del Mar Piñeres Salazar (médica), Jhon Derlyng Cardona Delgado (engenheiro industrial), Julio Ricardo Sanabria Botero (engenheiro agrícola), e eu próprio (gestor de empresas), possuímos uma grande experiência em diferentes setores e, no setor privado, temos liderado os nossos próprios empreendimentos.

Além desta equipa gestora, trata-se principalmente de empreendedores que se têm consolidado na formulação e na elaboração de planos de negócio, tanto para empresas como organizações sociais, e que contam com grande experiência de trabalho de base com população afrocolombiana, indígena e mestiça vulnerável no Departamento de Chocó.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Considero que a interrelação e o contacto com organizações de diferentes países são importantes e oportunos; este tipo de trocas pode contribuir para partilhar experiência, lições aprendidas e boas práticas que contribuem para o desenvolvimento e o empoderamento da população afrodescendente para conhecer as suas boas práticas, bem como explorar e desenvolver mecanismos de cooperação e alianças de mútuo benefício e desenvolver sinergias que contribuam para promover a inovação, capacidades e recursos.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Uma organização sólida, de qualquer natureza, requer pelo menos um plano de negócios claro, específico, bem redigido e adequadamente formulado, isto é, um documento pormenorizado onde se esquematize cada uma das áreas importantes ou essenciais do trabalho organizacional. Esta é a melhor carta de apresentação para encontrar financiamento para instituições económicas e sociais, e para os projetos, programas ou planos de desenvolvimento que estas gerem.

Difícilmente um gestor considera seriamente uma empresa ou organização não-governamental como seu potencial beneficiário ou recetor de recursos se esta não apresentar documentação pobre e insuficiente, que não exprime de uma maneira concreta e ampla as suas áreas de desenvolvimento e impacte. Só as empresas e as organizações que observam estes aspetos são as que têm projeção nacional e internacional e se constituem como líderes importantes do desenvolvimento nos seus setores.

Os líderes da atualidade devem compreender claramente estes aspetos, apropriar-se das tecnologias da informação e da comunicação, estar em capacidade de desenvolver estratégias de trabalho em linha e cooperação com membros de outras organizações a nível nacional e internacional. Devem estar bem informados e ser conhecedores das oportunidades e das ameaças do meio, bem como das forças e fraquezas da sua organização, devem desenvolver as suas capacidades de gestão de negócios para estarem à altura dos desafios e serem capazes de promover e impulsionar as suas organizações com sucesso.

Entrevista a Quince Duncan Moodie (Costa Rica)¹³²

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Sou um dos membros fundadores da Asociación Proyecto Caribe; isso aconteceu a 6 de agosto de 1995.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

A motivação foi o meu compromisso com a situação dos afrodescendentes. Tinha estado a colaborar em diferentes projetos e a escrever sobre o assunto desde 1970.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Existe muito menos compromisso ideológico hoje em dia mas a diversidade de temas que ocupam as comunidades negras alargou muito.

¹³² O Sr. Quince Duncan Moodie é escritor, autor e coautor de mais de 40 livros, e ativista dos direitos humanos. Doutor Honoris Causa da Universidade St. Olaf, Estados Unidos. Fez parte de organizações nacionais e internacionais dedicadas à luta pelos direitos humanos. Atualmente é Comissário Presidencial para Assuntos da Afrodescendência da Costa Rica.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Não, eu penso que, em vez de adequar as existentes, foram fundadas outras que respondem a esses interesses setoriais.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Claro que ajuda. Tivemos a experiência da ONECA que agrupa organizações do Panamá, Costa Rica, Nicarágua, Honduras, Guatemala, Belize e centro-americanos residentes nos Estados Unidos. A organização é interlocutora no Sistema de Integração Centro-Americana, por exemplo; por isso, conseguiu levar a sua voz a estes governos e impulsionou projetos educativos na região, por exemplo, a série de textos chamados “Del Olvido a la Memoria” (“Do Esquecimento à Memória”). A declaração do Ano Internacional dos Afrodescendentes e agora o Decénio são produto da rede de apoio que as organizações foram capazes de estabelecer, dando força a Pastor Elías Murillo e à delegação colombiana.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Devíamos ser capazes de ultrapassar os nossos caciquismos. E perceber que o assunto não se resolve por uma aliança acrítica com algum partido político. O assunto transcende essas lutas partidárias. Devíamos ser capazes de perceber que, onde quer que estejamos, no movimento, um partido pol ou na organização oficial ou civil em que estivermos, devemos aproveitar todas as oportunidades para promover a causa: lutar pelo reconhecimento, pela justiça, pelo desenvolvimento, pela equidade, que é a luta contra o racismo que é o único problema específico que temos como povo afrodescendente. Nós e os indígenas. Todos os restantes problemas (género, pobreza, etc.) são consequências do sistema que partilhámos com tantos outros setores. Mas a discriminação racial é de facto algo específico.

Entrevista a Juan Ocles Arce (Equador)¹³³

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

No dia 2 de janeiro de 1992 entrei na Asociación de Negros del Ecuador ASONE, sendo Presidente Victor León Rodríguez; em 1995 fundámos as Juventudes Negras do Equador com Antonio Carabalí como Presidente; em 1996, fundámos a Asociación “Afro 29” de Junio “Por la Plena Vigencia de los Derechos Humanos”; finalmente, em 1997 foi fundada a Federación de Organizaciones y Grupos Negros de Pichincha (FOGNEP), da qual fui o primeiro presidente.

¹³³ O Sr. Juan Ocles Arce é guayaquileno de nascimento, Doutor em Jurisprudência, membro ativo do movimento afro-equatoriano como fundador da Asociación Afro-29 de Junio 1996, presidente fundador da Federación de Organizaciones y Grupos Negros de Pichincha 1997-2001, coordenador do Grupo Interinstitucional para a Elaboração do Relatório Periódico do Equador para o CERD em 2003, e coordenador do programa de desenvolvimento afro-equatoriano no município do distrito metropolitano de Quito, 2001-2014.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

No início a curiosidade, pois achei piada quando me convidaram para “uma reunião de negros”; pensei que nenhuma pessoa “racional” se reuniria como “negro”. Confesso que na escola e em alguns espaços tinha recebido atos de discriminação, mas nunca pensei que isso se chamasse racismo até que ouvir o senhor León Rodríguez. A partir desse momento, comecei a observar os comportamentos humanos, a investigar e a comprometer-me mais e mais porque tinha encontrado sentido para a “luta dos negros”, da qual já me sentia parte ativa.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Não há qualquer diferença quanto à forma, mas no fundo diferem muito porque antes o racismo era sentido e vivido de frente, direto, como um murro na cara; as pessoas não negras consideravam-nos ilegais e sentiam-se com todo o direito de humilhar, ofender, até assassinar. Hoje pensam muito isso e procuram a maneira de fazer o mesmo, mas sem deixar rasto, porque sabem que podem ser privadas de liberdade. É por isso que hoje as próprias organizações se viram obrigadas a criar outro tipo de estratégias a fim de combater o racismo que é mais forte, mas com diferente rosto.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Não, o que existe são “classes” de organizações e, portanto, “classes” de associadas e associados, existem organizações que são integradas exclusivamente por pessoas dos bairros e muitas delas mal sabem ler e escrever, e outras organizações de pessoas que se formaram ou têm os seus títulos académicos e que olham mal para as primeiras. Os objetivos continuam a ser os mesmos, lutar contra a discriminação e o racismo, gerar melhores condições de vida para as negras e os negros, divulgar com maior solidez os contributos das e dos afrodescendentes.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sim, absolutamente, e prova disso é a Declaração e o Plano de Ação de Durban (2001), a Relatoria sobre os Direitos das Pessoas Afrodescendentes e contra a Discriminação Racial (2005), o Ano Internacional dos Afrodescendentes (2011) e o Decénio Internacional para os Afrodescendentes e uma série de redes organizativas que fizeram com que as e os afrodescendentes se tornassem visíveis. Internacionalizar o problema das e dos afrodescendentes é torná-lo num problema humano.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Considero que, acima de tudo, todos os que fazemos parte do processo afro-equatoriano de uma ou outra maneira devemos ter presentes as palavras de Malcolm X quando dizia: “Forem onde forem, e façam o que fizerem, lembrem-se sempre de que continuamos a ser irmãos e irmãs, e que temos sempre o mesmo problema. Não percamos tempo em condenar-nos e combater-nos reciprocamente. Já perdemos demasiado tempo no passado”. Portanto, as organizações devem começar a profissionalizar as suas ações, criar planos, programas e projetos que lhes permitam subsistir no tempo e no espaço; deviam trabalhar num grande encontro nacional a fim de unificar visões, objetivos, estratégias e ações para fazer com que o Decénio para os Afrodescendentes, quando terminar, deixar como resultado homens e mulheres afro-equatorianos mais protagonistas, influentes na coisa pública e incidindo politicamente. A sua evolução vai depender de quão eficientes forem em unir esforços e cumprir compromissos.

Entrevista a Teresa de Jesús Mojica Morga (México)¹³⁴

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Há cerca de 4 anos comecei a participar no movimento afromexicano e, no fim de 2014, formei a Fundação Afromexicana Petra Morga AC.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Nasci numa aldeia afromexicana do Estado de Guerrero, México. Há 42 anos, a minha família foi deslocada desse sítio por delinquentes que roubavam aos meus pais o fruto do seu trabalho e que mataram o meu avô e o meu tio Juan, irmão da minha mãe. Havia falta de oportunidades e muita ignorância.

Cresci longe das minhas raízes, sem poder usufruir dos meus costumes afro e de parte da minha família, noutra região de Guerrero onde discriminavam a minha mãe, Petra Morga, por ser negra, mas ela nunca deu muita importância a isso porque o seu maior objetivo era dar ao meus irmãos e a mim educação e oportunidades de desenvolvimento para fazermos pela vida. Crescemos com a firme convicção de que não interessa de que cor somos para podermos ser pessoas de bem e termos sucesso na vida.

Em 2012 tive a honra de ser Deputada Federal do Congresso Mexicano, e isso permitiu-me regressar mais de 40 anos depois à minha origem, a Costa Chica de Guerrero. Voltar permitiu-me ver a grande pobreza, a marginalização e a discriminação que o povo negro do México continua a sofrer, pelo que administrei e levei apoios económicos e de infraestrutura, como ruas, parques infantis, centros de desenvolvimento comunitários com computadores, projetos produtivos mas, acima de tudo, integrei-me completamente no movimento afromexicano para obter o reconhecimento constitucional dos afromexicanos, como uma das três raízes culturais, históricas e sociais do país.

¹³⁴ A Sra. Teresa de Jesús Mojica Morga é Mestre em Alta Direção em Comunicação e Publicidade, e Licenciada em Publicidade; foi também deputada Federal pelo Estado de Guerrero, a primeira legisladora que se reconhece como afromexicana. Promoveu no Congresso da União a “Iniciativa de Reforma para Reconhecer Constitucionalmente os Afromexicanos” como uma das três raízes culturais, históricas e sociais do México. Organizou o “III Encontro de Afrodescendentes do Fórum de São Paulo”, em 2015 no Distrito Federal, e participou em vários fóruns, colóquios, cimeiras e encontros de afrodescendentes nos níveis nacional e internacional. Também organizou o colóquio “Afrodescendentes na América Latina, nas Caraíbas e na Diáspora: Reconhecimento, Justiça e desenvolvimento no século XXI”, na Cidade do México, em 2016.

Com o regresso às origens compreendi que era uma afrodescendente com sorte e que era minha obrigação e compromisso ajudar para que todos soubessem que no México existem negros e que os seus direitos humanos não são respeitados.

Fui a primeira Deputada Federal a reconhecer-se afromexicana e em setembro de 2013 realizei o Primeiro Fórum Nacional Afromexicano, no qual participaram mais de 500 afromexicanos de todo o país, organizações sociais, políticas e académicas. Posteriormente apresentei no plenário da Câmara dos Deputados a “Iniciativa de Lei para obter o Reconhecimento Institucional dos Afromexicanos”, que recebeu apoio público e foi assinada pelos coordenadores parlamentares de todos os partidos políticos; porém, até à data não foi aprovada.

Entendi que para continuar a lutar pelos direitos dos afromexicanos tinha de formar uma associação civil para criar cidadania e, através da Fundação Afromexicana Petra Morgia AC, promovemos e demos visibilidade à cultura e à história afromexicana com exposições pictóricas e fotográficas, gastronómicas, de música e de dança.

Atualmente, com a Fundação Afromexicana Petra Morgia AC, estamos a trabalhar na criação do Museu Afromexicano em Huehuetán, Guerrero, sítio onde nasci e de população negra.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Atualizaram-se graças a existir maior informação e ao facto de o movimento afromexicano e o movimento afrodescendente terem criado em geral um maior interesse e maiores expectativas entre os membros das organizações interessadas; também aumentou o número de organizações na esperança de através se poder beneficiar a população afrodescendente.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Os objetivos foram os mesmos – obter o reconhecimento para os afromexicanos e fazer parte das políticas públicas – mas, ao haver maior visibilidade do povo negro afrodescendente, há mais sensibilidade e defesa dos seus direitos; por isso as organizações devem criar mais cidadania e responsabilidade para que uma maior quantidade de pessoas ajude a consciencializar acerca da importância de atender, reconhecer e ajudar a desenvolver uma população tão marginalizada como a afrodescendente, que fez grandes contributos para a humanidade.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

A internacionalização das organizações é muito importante porque com elas internacionalizam-se as ideias, a visão do mundo, os projetos, os sonhos, os desejos, o empoderamento e as realidades.

Claro que a criação de redes contribui para atingir os objetivos; as redes fazem parte das alianças naturais que se vão formando através do tempo. A troca de experiências e apoios traz confiança para conseguir um maior desenvolvimento e a modernização das organizações.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Ter objetivos claros e atingíveis e interesses comuns, com uma comunicação eficiente organizacional e social, usando as novas tecnologias, a formação constante para todos os membros da organização e principalmente dos líderes; fazer relações públicas focalizadas e pelo menos uma ou duas vezes por ano fazer a avaliação do desempenho e o cumprimento de objetivos.

Entrevista a Sergio Peñaloza Pérez (México)¹³⁵

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Em 1997, convocados pelo Padre Glyn Jemott Nelson de Trindade e Tobago, fui um dos cofundadores da organização México Negro A.C.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Principalmente social, embora também tenha tido motivações familiares e étnicas, e a luta pelo reconhecimento constitucional leva-nos a uma motivação política.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

A México Negro é uma organização pioneira; com ela iniciámos o movimento afromexicano, tendo como objetivos: lutar pelo reconhecimento constitucional, combater as práticas discriminatórias, fazer pela inclusão da questão dos africanos e afrodescendentes no México Negro nos conteúdos de aprendizagem em todos os níveis do sistema de ensino oficial, e promover o desenvolvimento económico, cultural e social das comunidades afromexicanas.

A diferença entre umas organizações e outras é que algumas trabalham comprometidas com as comunidades afromexicanas e outras veem o movimento afromexicano como a possibilidade de poder aceder a um cargo no governo.

Os aspetos que mudaram são que no início as instituições públicas e privadas eram indiferentes à reclamação que fazíamos e agora mudaram de atitude. Por exemplo, o Instituto Nacional de Estatística

¹³⁵ O Sr. Sergio Peñaloza Pérez nasceu em 1953; é licenciado em ensino secundário. Em 1979 foi catedrático nas disciplinas de biologia e ecologia na Unidade Académica preparatória N.º 30 da Universidade Autónoma de Guerrero e, desde 1981, na Escola Secundária Teófilo Olea y Leyva da Secretaría de Educación de Guerrero. Atualmente está reformado e continua o seu trabalho pelo povo afromexicano como presidente da associação "México Negro". Participou em muitas e variadas reuniões, fóruns, mesas de trabalho, convocado por outras organizações e por instituições de ensino e governamentais. Cada ano, no mês de novembro, organiza na organização México Negro um encontro de povos negros; o próximo será a XVII edição.

e Geografia (INEGI) já incluiu de maneira específica uma pergunta na amostra intercensitária 2015; a Comissão Nacional para o Desenvolvimento dos Povos Indígenas (CDI) já realizou uma consulta nacional, e o Conselho Nacional para Prevenir a Discriminação (CONAPRED) editou e promoveu bibliografia para dar visibilidade, incluir e não discriminar a população afro-mexicana.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Sim, existe maior diversidade; há integrantes que não têm profissão e as suas atividades têm lugar no campo (agricultura), mas também há integrantes que como eu são professores e há outros com outras profissões. Se a pergunta se referir à diversidade étnica, a organização é apenas de afrodescendentes, embora interagimos com organizações indígenas.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Claro que sim, porque existem organizações afrodescendentes noutros países que têm mais antiguidade e mais experiência e podem apoiar-nos na nossa luta.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Trocando experiências em reuniões internacionais de intercâmbio e colaboração; integrando uma rede internacional de organizações; fazendo acordos e efetuando diligências conjuntas através de uma representação internacional, e elaborando e realizando um plano internacional (agenda internacional).

Entrevista a Dorotea Wilson Tathum (Nicáragua)¹³⁶

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

A nossa região é multiétnica, multilingue e multicultural; portanto, comecei em organizações que trabalham a questão dos direitos humanos das mulheres multiétnicas. Algum tempo depois, era preciso ter uma organização de mulheres negras e fundei o grupo Creole (1982), que era um espaço misto de homens e mulheres negras que impulsionava a arte e a cultura. Em 1998 fundei o “Voces Caribeñas”, um movimento de mulheres que impulsiona políticas municipais com abordagem de género na costa caribenha nicaraguense para a defesa dos direitos das mulheres. Os seus objetivos são avançar no processo de transformação democrática do exercício da autonomia, promover a participação ativa de líderes municipais, regionais e circunscricionais nos processos de eleições, numa perspetiva de género; integrar o direito das mulheres e jovens nas políticas públicas reconhecendo o seu papel como intervenientes e sujeitos de desenvolvimento económico, político, social e ambiental.

¹³⁶ A Sra. Dorotea Wilson Tahtum é do litoral nicaraguense; Msc. em Género e Desenvolvimento pela Universidade Centro-Americana (UCA). Herdou o legado de luta pelas mulheres afrodescendentes, que sofrem pela sua condição de género e pelo racismo. É ativista e militante pela defesa dos direitos humanos das mulheres afrodescendentes e caribenhas. Atualmente encontra-se a dirigir a Coordenação Geral da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora em 30 países do continente americano e, a nível nacional é coordenadora de “Voces Caribeñas”, movimento de mulheres que impulsiona políticas municipais com abordagem de género na costa caribenha nicaraguense. Pelo segundo período, é integrante do Grupo Assessor da ONU Mulheres.

A criação e a fundação da Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora (RMAAD) foi noutra contexto. Em 1992 foi criada essa Rede como um espaço de articulação do movimento de mulheres negras da América Latina e Caraíbas, para a construção e o reconhecimento de sociedades democráticas, equitativas, justas, livres de racismo e de discriminação racial. A nossa missão é fortalecer a RMAAD como espaço de desenvolvimento para a participação e a incidência política e social. Os nossos valores são o reconhecimento das identidades das mulheres afrodescendentes, o respeito pela diversidade, a solidariedade, a igualdade, a equidade, o compromisso e a responsabilidade.

Os nossos princípios: lutar pelos direitos das mulheres afrodescendentes no público e no privado; defender os direitos das mulheres afrodescendentes nos âmbitos individual e coletivo; lutar pela construção de identidades democráticas e participativas com igualdade de oportunidades e sem qualquer tipo de discriminação.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

A motivação foi social e política porque, quando nasci, a Nicarágua era governada por uma ditadura quase militar liderada pela família Somoza. No século XX quase toda a América Latina esteve governada por ditaduras; por isso, milhões de pessoas, homens e mulheres, tiveram de se mobilizar, lutar pelos seus direitos e as suas liberdades públicas. Nos diferentes países as mulheres são maioria; no entanto, a mulher é considerada como parte das minorias. Os fossos de género são enormes. Além disso, a população afrodescendente representa mais de 30% da população na América Latina e Caraíbas, segundo dados emitidos pelas Nações Unidas e organizações da sociedade civil. A maioria da população vive abaixo da linha de pobreza, com pouco acesso a recursos. Os diferentes estudos e diagnósticos realizados ao longo dos últimos anos também são conclusivos: as pessoas afrodescendentes e indígenas enfrentam importantes obstáculos em relação ao exercício e à garantia dos seus direitos civis e políticos, económicos, sociais e culturais. A subrepresentação e a fraca participação desta população na esfera política demonstram também impedimentos adicionais para aceder às estruturas do poder político e assim ter um papel ativo na criação de políticas públicas orientadas para melhorar a situação de discriminação estrutural, que afeta particularmente as mulheres.

Observámos que as análises realizadas nas instituições de governo não reconhecem a situação de discriminação múltipla com que as mulheres afrodescendentes e indígenas lidam – que se manifesta por motivos de sexo e raça –, pelo que as políticas que se elaboram não contam com a “abordagem diferencial” que permitiria focar-se nas suas necessidades particulares. Também se identifica a ausência de instituições especializadas, com recursos humanos com formação e recursos financeiros para avançar na abordagem diferencial, que permite identificar as especificidades das mulheres afrodescendentes e indígenas.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Nós mulheres tivemos de lutar constantemente para alcançar os nossos direitos ao longo dos anos e ainda continuamos na luta porque a violência racial estrutural afeta a maioria dos afrodescendentes

e manifesta-se em deslocações forçadas, criminalização de jovens, tráfico de mulheres jovens, negação do direito à inscrição e identidade jurídica, violência contra as mulheres e maiores índices de vulnerabilidade social. As mulheres afrodescendentes enfrentam discriminações adicionais por serem mulheres e afrodescendentes em sociedades onde predominam a desigualdade e a inequidade de gênero juntamente com a injustiça étnico-racial.

Nos nossos espaços e organizações, nós, as pessoas que participam, temos vindo a dar visibilidade à situação em que as mulheres vivem; portanto, propomos e exigimos políticas públicas, mudanças na legislação dos nossos países, bem como novas leis a nosso favor.

Na RMAAD, que presido atualmente como Coordenadora Geral, impulsionámos vários estudos e investigações sobre a situação das mulheres afrodescendentes da América Latina e Caraíbas, entre eles “Mujeres Afrodescendientes: la mirada trabada en las intersecciones de organización por raza y género” (publicado pela CEPAL em 2010), e um estudo sobre a situação dos direitos humanos das mulheres afrodescendentes da Região Latino-americana e das Caraíbas, no âmbito de Durban+10.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Atualmente a RMAAD é integrada por mais de 400 mulheres e organizações de 30 países da região a título individual e como organizações. A nossa rede é um espaço de articulação e empoderamento das mulheres afrodescendentes, para a construção e o reconhecimento de sociedades democráticas, equitativas, justas, multiculturais, livres de racismo, discriminação racial, sexismo, exclusão e promoção da interculturalidade. É um espaço de desenvolvimento, participação e incidência política e social do ponto de vista das mulheres afrodescendentes.

Não alterámos os nossos objetivos. Temos de continuar a impulsionar a construção e a consolidação de um movimento amplo de mulheres afro-latino-americanas, afrocaribenhas e da diáspora que integre as perspetivas étnicas, raciais e geracionais no continente; que dê visibilidade à realidade de discriminação e violação dos direitos humanos que as mulheres e jovens afrodescendentes vivem, nos âmbitos socioeconómicos, políticos e culturais; que incida em espaços governamentais e intergovernamentais para a formulação e a implementação de políticas públicas que afirmem modelos de desenvolvimento sustentado no reconhecimento e no respeito de identidades étnicas, raciais e de gênero. Devemos lutar pelo cumprimento de convenções e acordos internacionais que afirmem os direitos das mulheres afrodescendentes.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Temos uma aliança estratégica com as coordenadoras sub-regionais da Rede, para o desenvolvimento organizacional, bem como para o sistema de planeamento e a monitorização de atividades. Realizámos cursos de formação para o fortalecimento de lideranças; também temos comunicação horizontal que permite construir uma visão multicultural e intercultural, para dar visibilidade à população

afrodescendente e, em particular, às mulheres na sua história e situação atual. No nível regional, participamos noutros espaços como: na Rede Feministas da América Latina e Caraíbas, Rede Ibero-Americana de Organismos e Organizações contra a Discriminação – RIOOD –, o grupo de trabalho para dar seguimento ao CAIRO+20, AGENDA POST 2015-2030, BEIJING+20, Consenso de Montevideu (contribuímos ativamente para o Guia Operacional do Consenso de Montevideu CEPAL). Sou afiliada à AWID (Association for Women's Rights in Development) e integrante do Grupo Assessor da ONU Mulheres.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Deviam evoluir a partir do trabalho articulado entre organizações feministas defensoras dos direitos humanos; também deviam garantir uma coordenação e um posicionamento político, para contribuir para a realização de objetivos, e consolidar ideias numa perspetiva feminista. A América Latina tem enfrentado, nas últimas décadas, profundas transformações económicas, políticas, sociais e culturais. A região enfrenta uma série de mudanças políticas e económicas que podem afetar de maneira direta as políticas sociais e o exercício dos direitos humanos na região.

Entrevista a Cecilia Moreno Rojas (Panamá)¹³⁷

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Comecei a participar no movimento afro-panamense em 1977; desde esse momento participei em diversas ocasiões nos Congressos Nacionais do Negro Panamense organizados pelo Prof. Gerardo Maloney. Em 1992 fiz parte de uma delegação panamense que participou no Primeiro Encontro Regional de Mulheres Negras, onde é criada a Rede de Mulheres Negras da América Latina e Caraíbas, que em 1996 muda de nome para Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora.

Em 1996, após três encontros nacionais de mulheres negras, um grupo de mulheres fundou a Rede de Mulheres Negras do Panamá, chamada atualmente Rede de Mulheres Afrodescendentes do Panamá (REMAP). Desde a fundação da REMAP temos trabalhado em coordenação com a rede regional e em 1998 integrámos também a Organização Negra Centro-Americana (ONECA). Sou a Coordenadora Nacional desde a sua fundação. Atualmente somos um espaço de articulação de mulheres afrodescendentes de nível nacional.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Pode dizer-se que a minha motivação foi produto do processo de tomada de consciência das diversas

¹³⁷ A Sra. Cecilia Moreno Rojas é socióloga e comunicadora social, especialista em género e assuntos étnicos e afrodescendentes, licenciada pela Universidade Santa María la Antigua em 1995. É fundadora e Diretora Executiva do Centro de la Mujer Panameña. Integra a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora; é coordenadora da Rede de Mulheres Afropanamenses, e membro do Conselho Nacional da Etnia Negra Panamense desde 2006. É membro da Comissão Nacional contra a Discriminação do Panamá. Foi membro do Conselho Diretivo da ONECA e delegada pelo Panamá em inúmeras reuniões internacionais: a Cimeira da SEGIB sobre Afrodescendentes (2011), a Assembleia-Geral da OEA (2005, 2006 e 2008); a Conferência Mundial e Regional das Nações Unidas sobre a Mulher. Beijing +10. CSW. (2005 y 2010); a III Conferência Mundial das Nações Unidas contra o Racismo (2001); a Conferência Mundial das Nações Unidas sobre Direitos Humanos das Nações Unidas (1993). É autora de inúmeras publicações.

formas de discriminação que afetam as mulheres negras, dada a sua condição de gênero, a sua condição socioeconômica e a sua condição etnoracial; ou seja, trata-se de uma tripla discriminação. Esta consciência foi determinada pela minha formação como socióloga, como ativista do movimento afrodescendente e, principalmente, pela minha participação no movimento feminista latino-americano. Antes de promover a REMAP, fui a fundadora do Coletivo Oficina de Estudo da Mulher (1986), da revista “Mujer Hoy” (1986-1988) e do Centro da Mulher Panamense em 1990. A partir daqui teve início a minha preocupação pela condição das mulheres afro. Via que no movimento de mulheres não se dava visibilidade à problemática das mulheres negras, os problemas das mulheres eram apresentados de maneira homogênea. Isto foi mudando, há maior tolerância e foca-se mais a diversidade das mulheres indígenas, afrodescendentes, lésbicas, jovens, entre outras.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Desde que tenho consciência, o movimento afrodescendente foi evoluindo significativamente. Por exemplo, agora há um maior número de organizações, no início eram apenas uma ou duas. Evoluíram também nas suas abordagens; antes a maioria das organizações salientava a parte cultural-artística; atualmente as organizações têm uma abordagem mais política, de incidência política e de direitos humanos. Aumentaram as alianças entre organizações nacionais e internacionais. Atualmente, na maioria dos países as organizações elaboraram planos nacionais e têm uma agenda política. Pode dizer-se que o movimento se fortaleceu e foram identificadas situações específicas de direitos humanos a que os governos e os organismos internacionais devem responder, tais como a invisibilidade nos indicadores oficiais nacionais, a exclusão económica, o racismo estrutural e a necessidade de fortalecer a identidade cultural e a autoidentificação da população afrodescendente, negadas historicamente.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Diversidade em quê? Nas tonalidades da pele? Penso que a consciência da raiz do problema que parte da escravatura durante o período colonial até as atuais, subtis e dissimuladas formas de racismo estrutural, foram o que permitiu abrir o leque da diversidade. Cada dia surgem novas modalidades e características da mesma realidade que antes não tinham visibilidade. Hoje em dia admite-se que a maior ou menor pigmentação da pele não é o único traço que identifica a população afrodescendente; há também outros elementos históricos culturais e sociais que identificam a população afrodescendente: a pobreza, a invisibilidade, a falta de oportunidades e de representatividade no poder político e na tomada de decisões. Neste sentido parece-me que as alianças com diferentes setores se fortaleceram.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Estou convencida de que as alianças, as sinergias entre as organizações e as redes nacionais e internacionais são o único mecanismo que permitirá ao movimento afrodescendente progredir nas

suas reivindicações. Esta é uma lição aprendida em 2001 em Durban e continua até ao presente. Todas as conquistas obtidas a favor dos afrodescendentes são produto destes esforços coletivos nacionais, regionais e internacionais. À medida que as alianças se vão fortalecendo, observam-se novas conquistas.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Na minha experiência, a evolução das organizações dependeu muito da sua ligação a processos regionais e do nível de consciência sobre o problema e as soluções que os seus líderes encontram em cada região ou país. Considero que, infelizmente, a falta de comunicação e de informação entre as organizações, bem como a forte influência do paternalismo estrutural na cultura e na história da população afrodescendente fizeram com que o progresso e a evolução das organizações fossem um pouco lentos e ecléticos. Além disso, as poucas alianças que surgem no processo são frágeis e duram pouco tempo. Esta fragilidade, em parte, é consequência do egocentrismo e da falta de uma visão política a longo prazo. Parece-me que nós os líderes devíamos formar-nos um pouco mais em estratégias de incidência política, em alianças e em abordar as ações das organizações nas entidades de tomada de decisões nacionais e internacionais.

Entrevista a Oswaldo Bilbao Lobatón (Peru)¹³⁸

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

Comecei em 1992 no Movimento Negro Francisco Congo, quando se realizou o Primeiro Encontro de Comunidades Negras do Peru. Sou fundador do Centro de Desenvolvimento Étnico (CEDET), em 1999, como espaço técnico do Movimento Negro Francisco Congo.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

A motivação foi política por ser uma pessoa progressista de esquerda; também tive uma motivação familiar por fazer parte do grupo que sofre marginalização e racismo, e foi social porque a sociedade deve ser horizontal e igualitária. Não tive de fundar uma organização para começar a desenvolver o meu trabalho em prol dos afrodescendentes em geral.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

A diferença é basicamente o reconhecimento que existe atualmente da situação da população afrodescendente na América Latina da parte dos governos, dado que antes do ano 2000 se negava a situação de pobreza, marginalização e invisibilização da população afrodescendente. Mas os problemas

¹³⁸ O Sr. Oswaldo Félix Bilbao Lobatón é Diretor Executivo do Centro de Desenvolvimento Étnico (CEDET). É especialista em desenvolvimento social para a população afrodescendente, membro do comité político da referida Aliança Regional Afrodescendente da América Latina e Caraíbas (ARAAC), com estudos na Faculdade de Ciências Contabilísticas e Finanças Corporativas da Universidade Particular Inca Garcilaso de La Vega, e estudo em gestão de empresas. Tem sido convidado como orador em numerosas conferências a nível nacional e internacional sobre população afrodescendente.

de apoio são agora os mesmos ou piores do que antes uma vez que não há fundos para se manterem; antes podia-se ser voluntário, neste momento é difícil.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Em primeiro lugar, deve-se identificar que tipo de organização é. Se for uma organização de mobilização social, são os seus associados que estão de acordo com os objetivos institucionais, é uma organização aberta; portanto, não se devem alterar os objetivos da instituição ou, se forem alterados, é porque a maioria concorda. As organizações técnicas ou especializadas são habitualmente pequenas, têm objetivos precisos segundo a sua especialização e são integradas por alguns associados. Penso que é isto que as Nações Unidas deviam ter em conta e não meter todas as organizações no mesmo saco: os afrodescendentes têm dois tipos de organizações: organizações de mobilização social e organizações técnicas ou especializadas.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

A internacionalização é boa, desde que as redes sejam compostas por organizações que façam trabalhos reais no seu país, pois de nada servem as redes que não têm qualquer ressonância a nível local e apenas se fazem reuniões internacionais que não se repercutem no desenvolvimento da comunidade. Quanto a atingir os objetivos das instituições, isto pode ser relativo, pois pode-se chegar a objetivos da rede que são internacionais mas se a organização não tiver qualquer apoio nacional não atinge os objetivos.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

O grande problema é a sustentabilidade das organizações: não pode haver organizações que não tenham instalações, nem os meios mínimos para se poderem desenvolver; um dos grandes problemas é de que é que o dirigente vive, tem de ter outro emprego. Penso que tem de haver um grupo mínimo que dinamize a organização. Outra das coisas é a especialização das organizações, pois se forem organizações de mobilização social, é preciso especializá-las nisto e dar-lhes os recursos necessários para se desenvolverem como organização; isto significa dotá-las de coisas mínimas para operarem (das instalações ao pagamento de pessoal). Se forem organizações técnicas, é preciso dar-lhes a possibilidade de obterem fundos para desenvolverem os projetos na área da sua especialização com a população afrodescendente.

Entrevista a Marco Antonio Ramírez (Peru)¹³⁹

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

¹³⁹ O Sr. Marco Antonio Ramírez é advogado e especialista em Cidadania e Interculturalidade. Presidente da Ashanti Perú – Rede Peruana de Jovens Afrodescendentes. Diplomado do Programa “Líderes Políticos 2015” do Júri Nacional de Eleições – JNE. Foi convidado pela OEA e as Nações Unidas para espaços de incidência e de negociação política regional em defesa dos direitos dos povos indígenas e afrodescendentes da América Latina e Caraíbas.

Tive a sorte de me envolver no chamado “movimento afroperuano” no ano de 2006, aos 14 anos de idade. O meu pai fundou uma das principais organizações afrodescendentes do Peru, a Asociación Negra de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos (ASONEDH). Na minha adolescência participava nas suas oficinas de formação com dirigentes afrodescendentes, viajando pelas comunidades, ouvindo e compreendendo que a pobreza e a exclusão da minha população não era mera coincidência. Aos 17 anos tornei-me membro da Ashanti Perú – Rede Peruana de Jovens Afrodescendentes (fundada em 2004), rede nacional impulsionada pela ASONEDH, como uma plataforma de luta pelo exercício e o usufruto dos direitos de autor da juventude afroperuana. Consegui ser Coordenador da Região Callao, posteriormente Secretário de Organização e mais tarde Presidente até ao dia de hoje, com 24 anos de idade.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Definitivamente o meu pai – pelo seu amplo percurso como dirigente afroperuano, as suas aparições na televisão, as entrevistas na rádio e ao vê-lo organizar oficinas de direitos humanos nas comunidades afrodescendentes a nível nacional – foi a minha principal motivação. No entanto, convenci-me realmente da necessidade de fazer parte da solução e não do problema devido às constantes “piadas” e alcunhas racistas na minha sala de aula e no meu bairro de Ventanilla – Callao, primeiros espaços onde muitos afrodescendentes aprendemos desde crianças e adolescentes que somos diferentes e onde a defesa verbal e até física são por vezes as únicas armas que temos para nos sacudirmos de tanta violência sistemática.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

A Ashanti Perú, instituição na qual decidi envolver-me desde muito novo, nasceu como uma plataforma que agrupava jovens afroperuanos, filhas e filhos de altos dirigentes das comunidades afrodescendentes do Peru, como uma maneira de renovar o movimento afroperuano na luta pelos direitos humanos. Agora a Ashanti Perú tornou-se não só no único espaço de articulação juvenil afrodescendentes a nível nacional como também a principal maquinaria de formação de novos líderes jovens afrodescendentes com capacidade de negociação de programas e políticas públicas para a população afrodescendente a nível local, regional, nacional e internacional. Atrevo-me a afirmar que, ao contrário de muitas organizações, compreendemos que a melhor forma de construir desenvolvimento étnico não consiste na mera geração de campanhas de “não à discriminação” ou organizar conferências e seminários acerca da nossa realidade histórica, mas sim na aventura política e a aposta em ocupar cargos públicos e de tomada de decisões dentro da estrutura do Estado, na criação de espaços de negociação com os partidos políticos e as autoridades públicas.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Na minha opinião, penso que uma alta percentagem das organizações afroperuanas continua a manter o mesmo tipo, a mesma quantidade de membros, a estrutura da sua fundação e os seus objetivos. São muito poucas as que têm mulheres afroperuanas e jovens nos altos cargos de direção, e até a homofobia entre os membros das nossas organizações é um problema para incluir a população LGBTI afrodescendente como beneficiária dos nossos programas. A Ashanti Perú é a única organização afroperuana que tem na sua estrutura uma área de promoção para questões LGBTI, de Direitos Sexuais e Reprodutivos e outra de Infância e Adolescência, três eixos centrais da nossa instituição que reconhecem a existência de necessidades específicas dentro da heterogeneidade afroperuana para a execução de projetos diferenciados.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

Sim, sem dúvida que a socialização de práticas bem-sucedidas de luta contra a discriminação a nível regional entre organizações afrodescendentes e outras organizações dos mal chamados grupos vulneráveis (indígenas, com incapacidade, LGBTI, entre outros) é necessária para as aplicar nos nossos países respeitando os nossos próprios contextos; principalmente a interrelação com as organizações do Brasil e da Colômbia devido ao seu importante (mas ainda pouco) progresso na conquista de direitos das nossas populações. No entanto, penso que uma grande fraqueza radica no facto de ainda não termos conseguido consolidar uma plataforma regional com a força da concertação de prioridades a curto, médio e longo prazo, e de participação ativa e incidência nas Nações Unidas, OEA e outros espaços multilaterais para colocar as nossas exigências na agenda global, no âmbito do Decénio Afrodescendente.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

Penso que devemos deixar de ter medo de nos aproximarmos dos partidos políticos, dos cargos de eleição popular e do trânsito da sociedade civil para os papéis do governo. A incidência política, procurar alternativas de autofinanciamento sustentável e deixar de lado a dependência da cooperação internacional, a criação de alianças com outras organizações em estado de discriminação, além de conseguir vencer os nossos próprios desejos de protagonismo e o nosso egoísmo – tanto pessoal como das organizações afrodescendentes dos nossos países que por vezes nos impede de trabalhar em rede – são para mim os principais desafios que os líderes e os nossos coletivos afrodescendentes devem enfrentar no século XXI.

Entrevista a Rafaelina Segura Vera (República Dominicana)¹⁴⁰

1. Quando começou a colaborar numa organização da população afrodescendente? Fundou uma organização?

¹⁴⁰ Sra. Rafaelina Segura Vera é médica, diplomada em Fisiologia do Exercício e Nutrição; terapeuta sexual e de família, com estudos em gerontologia. Trabalhou no Departamento de Medicina Preventiva e Epidemiologia da Universidade Autónoma de Santo Domingo, e como investigadora social e comunitária em várias províncias da R.D. Colaborou no Centro de Integração do Migrante e no Centro de Integração da Mulher na Suíça, e noutras organizações de direitos humanos e proteção do ambiente. Membro da JOMUCA (Jóvenes y Mujeres por el Cambio), ONG que trabalha com populações vulneráveis da sociedade dominicana. Investigações de mulheres dominicanas que laboram como trabalhadoras sexuais na Suíça, sobre o aspeto psicossocial e o impacte da migração nas suas famílias. Membro do Comité de Solidariedade com dominicanos de descendência haitiana e outros comités.

Aos 14 anos, em 1978, comecei a trabalhar na minha província, La Vega, com comunidades excluídas: os Basora, Cutupú, Rio Verde. Foi a primeira comunidade onde trabalhei, onde se produz casabe. Lá comecei a trabalhar com mulheres, homens e jovens, organizando-os em associações para lidar com os problemas das comunidades (violência, álcool, desemprego, pobreza, etc.). Depois fiz parte da Caritas e, nessa ocasião, trabalhei com as donas de casa das comunidades e os camponeses. Depois passei a trabalhar com grupos sociais em zonas vulneráveis excluídas pobres, na área da consciencialização social. Pertencia ao Grupo de Formação Religioso Social (CEFORESO) que era dirigido pelos sacerdotes da Ordem Jesuíta da Companhia de Jesus. Depois, na universidade, juntei-me ao Grupo Centro Javier, que também era dirigido por jesuítas e onde fazíamos trabalhos sociais com grupos de jovens excluídos na capital, Santo Domingo. Mais tarde fui para a Suíça, onde trabalhei nos centros de atendimento ao migrante e na sua integração social.

2. Qual foi a sua motivação (familiar, social, política, outra) para começar a colaborar e/ou fundar uma organização?

Tive vários tipos de motivações. A nível familiar, cresci a olhar para todos os seres humanos como iguais em condição. A minha mãe contava-me como em 1937, quando o ditador Rafael Leónidas Trujillo assassinou milhares de haitianos e dominicanos de origem haitiana, o pai dela, isto é, o meu avô, ajudou dezenas de haitianos a esconderem-se na sua propriedade, onde os alimentou até o perigo passar. Isto despertou em mim um grande interesse nos grupos vulneráveis da sociedade. Via na minha mãe o seu desapego pelo material e a sua vocação de serviço, sempre a ajudar os outros sem se importar com o credo, religião, cor de pele ou classe social. Uma coisa que a mãe dela também fazia. Enfim, cresci no seio de uma família com valores, onde a solidariedade com os mais fracos era comum e o medo de andar com os “outros” (diferentes) tinha sido derrubado e não era um preconceito como noutras famílias.

Também tive motivações sociais. Sempre detestei as injustiças sociais dos sistemas políticos decadentes imperantes, e pergunto-me como é que um país ainda não produziu uma sociedade em que os nossos cidadãos possam ver claramente as causas da nossa pobreza e a segregação existente e, pelo contrário, contribuem para manter o mesmo ciclo vicioso, incapazes de fazer mudanças estruturais que eliminem as causas desses problemas e promover o bem comum. Uma sociedade classista, elitista, onde a tendência é ser mais parecido ao colonizador branco, em todos os aspetos (cor da pele, cultura, língua, etc.) Isto limita os processos de inserção e de mobilidade social, limitando assim a igualdade de direitos da diversidade, tal como tem acontecido no meu país. E acontece em muitos outros países.

Tenho também motivações políticas. No seguimento da Sentença 164-13 do Tribunal Constitucional do Estado Dominicano, apoiada pelo governo e os grupos políticos mais radicais da ultradireita, e até pelos chefes religiosos da alta hierarquia religiosa dominicana (Cardeal López Rodríguez e outros dirigentes de outras religiões), o país sofre uma divisão entre os que estavam a favor e os que estavam contra essa sentença de carácter racista contra a população haitiana que vive na República Dominicana e os seus descendentes, dominicanos de origem haitiana. Nesse momento, já a viver no meu país, identifico-me com as organizações que lutam contra essa aberração adotada supostamente pelos “estudiosos do direito” e apoiada por um segmento importante da população, até mesmo de intelectuais.

Também tenho motivações provenientes da área da educação. Penso que existe uma educação manipulada, capaz de deturpar a história e negar ou apagar a verdadeira história dos nossos antepassados; tenta-se negar que tenham sido os negros escravizados trazidos do continente africano que deram corpo e forma à nossa identidade. Toda esta falta de conhecimento da nossa realidade durante quase dois séculos elaborou uma ideia divorciada da verdade. Houve um objetivo malicioso de transmitir informações falsas; houve uma rede de intelectuais racistas anti-haitiana na época da independência dominicana, que foi ganhando corpo e vigor, até dar a sua máxima expressão nos 31 da ditadura de Trujillo e os 22 do regime sanguinário do também trujillista Joaquín Balaguer. Com tudo isto, forma-se na psique de muitos dominicanos uma construção histórica doentia baseada em elementos históricos falsos, distorcidos pelo ódio pela população haitiana e sem ter em conta os contributos solidários de muitos deles para os próceres independentistas e mais tarde para os Restauradores, na época da independência nacional. Também deram o seu contributo económico para o desenvolvimento dominicano no setor agrícola, o açucareiro e o da construção.

Também tive motivações religiosas. Lia a Bíblia e ficava fascinada com as parábolas de Jesus, principalmente a do bom samaritano e a de “ama o próximo como a ti mesmo”. Identificava-me com esse Jesus justo, bom, solidário, revolucionário e sempre do lado do mais fraco, sofredor, pobre e maltratado. Penso que esta foi a minha grande motivação inicial.

3. Segundo a sua opinião, em que se diferenciam as organizações atuais daquelas de quando começou a colaborar? Que aspetos mudaram?

Naquelas organizações não tínhamos as facilidades digitais de hoje, nem outros meios tecnológicos. Fazíamos tudo a escrever à mão e à máquina. Identificava-se o problema e trabalhava-se nele. A principal ação era ajudar e ser solidários onde fosse preciso; erradicar os problemas, o máximo possível, e transformar as comunidades, a partir da transformação dos seus habitantes, isto é, trabalhar as atitudes e as formas de ver e pensar os problemas quotidianos que se constituíam em barreiras.

Estar do lado dos mais vulneráveis, dos mais pobres e excluídos. Esses que não tinham voz nem maneira de chegar porque eram anónimos, sem nomes distintos, nem estatuto social ou familiar de renome e que, portanto, não tinha lugar na sociedade. Chegávamos aos grupos com o problema já identificado e fazíamos logo o necessário para trabalhar e erradicá-lo, isto é, para melhorar as condições de vida desse grupo. Trabalhávamos mais e falávamos menos. Fazíamos-lo mais de coração, por vocação de serviço.

Agora, há grupos de ajuda e colaboração que passam mais tempo em reuniões; às vezes falta a vontade e o acompanhamento. Não há uma ligação entre os habitantes e os trabalhadores desses grupos. A vocação não é intrínseca ao serviço, muitas vezes está ausente. Embora os problemas se identifiquem e os grupos estejam lá, a motivação económica é um obstáculo.

4. Existe uma maior diversidade entre os associados às organizações? Se assim for, os objetivos das organizações mudaram para contemplar essa diversidade?

Há uma maior diversidade. Os objetivos mudaram na base dessa diversidade. As populações empoderaram-se para serem visíveis e tidas em conta, e do seio desses grupos surgiram líderes que lutaram para sobreviver e serem respeitados numa sociedade adversa e prejudicada socialmente, e alienada no religioso, no ideológico, no social, no político, entre outros. Foram-se integrando esses objetivos que antes não os abrangiam, e foram alargando-se. Sendo assim geridos por grupos empoderados com enormes preocupações sociais nas suas áreas de aprendizagens e preparações académicas, com grandes visões; muitos deles provêm da população negra, indígena, LGBT, trabalhadoras sexuais, domésticas, etc.; incidem diretamente em várias disciplinas sociais (filosofia, teologia, sociologia, antropologia, entre outras) e têm grande interesse pelos saberes populares destes coletivos como parte da aceitação e integração. Têm assim a grande visão de transitar com os “outros”.

5. Segundo a sua opinião, a interrelação entre organizações de diferentes países tem alguma utilidade? A criação de redes contribui para atingir os objetivos das organizações mais rapidamente?

É de grande utilidade. As redes sociais foram muito importantes. A rapidez e a interrelação das organizações são positivas. Contribuem para atingir os objetivos mais rapidamente, dado que há uma comunicação constante e efetiva. Conseguimos conhecer-nos, interagir e discutir preocupações, assuntos comuns e trabalhar em conjunto podendo colaborar no que é de interesse comum do coletivo.

6. Como considera que as organizações e os seus líderes deveriam evoluir para serem o mais eficientes possível em relação ao cumprimento dos seus objetivos?

As organizações devem identificar os líderes naturais das comunidades que estão nas organizações por vocação de serviço uma vez que eles são capazes de fazer as grandes revoluções nas comunidades. Devem dar seguimento ao delineado no projeto e cada um dos integrantes do grupo deve ser fundamental, sem importar a sua formação académica, tendo sempre claro que cada um é um elo da cadeia da organização e que tem a sua função e espaço específico no percurso. Olhar para o individual como parte do todo, e para o todo como o nosso universo, em cujo interior estão todas as diversidades e é preciso movermo-nos no respeito e no mútuo acordo rumo a uma mesma direção, para poder conseguir um desenvolvimento integral das nossas organizações.

5.

Conclusões e recomendações



5. Conclusões e recomendações

Depois de criar uma base de dados composta pela informação correspondente a 869 organizações da população afrodescendente da América Latina graças às bases proporcionadas pela SEGIB (última atualização em 2009) e o PNUD (última atualização em 2014), bem como graças aos resultados da pesquisa feita nas redes sociais e ao valioso contributo de informação que os dirigentes de diversas organizações deram, e após o posterior envio de centenas de e-mails e de ter efetuado mais de cem apelos, 206¹⁴¹ instituições de todos os países da América Latina enviaram a informação solicitada no formulário que lhes foi enviado, das quais foram consideradas, pelos motivos esclarecidos no início deste documento, 201 organizações.

Este formulário incluiu perguntas relativas aos dados de contacto, ao local e equipamento de que dispunham, ao tipo e âmbito da organização, aos objetivos, atividades, formação dos dirigentes, o número de sócios e de trabalhadores, a participação em redes, à relação com entidades governamentais e com organismos internacionais e às necessidades. Esta enorme quantidade de informação constituiu a base da análise realizada.

Em primeiro lugar, o resultado mais evidente da leitura da informação recebida consistiu na confirmação de que a maior parte das organizações partilham objetivos – simplesmente porque a população afrodescendente lida com problemas semelhantes em toda a região –; desenvolvem uma enorme variedade de atividades; contam com o trabalho generalizado, muito valorizado e insubstituível de voluntários de todas as idades e com diversas formações, e manifestam fortes carências na maioria dos casos.

A enorme imaginação e a inventividade sem limite da maior parte dos dirigentes e dos associados das organizações só permitem suprir parcialmente as necessidades que qualquer organização enfrenta para cumprir os seus objetivos. Nas organizações são definidos os objetivos a ser atingidos e põe-se em prática uma vasta gama de atividades para os atingir; conta-se com motivação para realizar as tarefas requeridas; em muitos casos, mas não em todos, as organizações contam com quantidade suficiente de associados e, em geral, com dirigentes formados, mas são precisos serviços públicos e recursos para investir nas instalações, no equipamento tecnológico e na capacitação de dirigentes e associados, como referem os próprios líderes das organizações, para começar a inverter a situação. Prova disso são algumas organizações grandes e formais que, através da sua eficiência na procura de recursos e a sua chegada aos associados através de todo o tipo de serviços, conseguem alterar positivamente aspetos da vida dos seus associados.

A criatividade é bem-vinda, mas a ela devem juntar-se os recursos. Não é possível pensar, se não for como uma expressão de fragilidade, em organizações que, nesta altura do desenvolvimento

¹⁴¹ Das 206, não foram tidos em consideração um organismo nem uma empresa privada, pois não constituíam alvos desta análise; e 3 formulários chegaram tardiamente. No que se refere às organizações situadas em zonas caracterizadas por uma menor conectividade ou por maiores níveis de exclusão, que dificultam o acesso, considera-se que seria conveniente aceder a essas organizações pessoalmente, em vez de simplesmente tentar contactá-las através do correio eletrónico, redes sociais ou apelo telefónico. Deveria ser possível viajar até essas regiões e organizar lá mesmo reuniões para as conhecer mais e melhor e, principalmente, para ouvir as necessidades dos seus dirigentes e associados.

do conhecimento e da tecnologia, não contam com serviço de Internet durante todo o dia nas suas próprias sedes; ou em organizações que, devendo aceder a zonas problemáticas – pela geografia ou por conflitos de diferente natureza –, não contam com mobilidade, ou não disponham de equipamentos de comunicações ou do equipamento necessário para desenvolver as tarefas de acordo com os seus objetivos (maquinaria, instrumentos musicais, livros, material didático e medicamentos, entre tantos outros elementos).

Só aumentando a capacidade das organizações que representam genuinamente a população afrodescendente se poderão melhorar substancialmente as condições de vida dos seus associados, e esse objetivo só poderá ser atingido se se garantir o acesso das organizações a recursos genuínos e sustentados, bem aplicados ao desenvolvimento dessas organizações, e à implementação de planos e projetos sistematizados. Será preciso garantir o acesso aos recursos necessários até que as políticas de ação afirmativa e o reconhecimento e o cumprimento cabal dos direitos da população afrodescendente – particularmente das mulheres e das pessoas que habitam em zonas rurais – permitam pôr cobro à complexa situação de exclusão em que ainda se encontra boa parte dessa população.

Como foi referido, os objetivos e as atividades que as organizações propõem são por sua vez muito diversos e partilhados: proporcionam serviços jurídicos, sociais, educativos, entre outros; realizam atividades sociais, artísticas e com incidência política; atividades relacionadas com a administração e com questões jurídicas, com os empreendimentos e com a proteção do ambiente; ou atividades solidárias, lúdicas e desportivas, para referir apenas algumas delas. São atividades que respondem a necessidades materiais, mas também à necessidade de atingir o reconhecimento cultural da população afrodescendente, o reconhecimento da sua história e o seu legado.

No contexto atual, as atividades das organizações na área da educação são indispensáveis, pois é nessa área que se concentram as principais necessidades dos dirigentes e dos associados. Para dar só um exemplo, refira-se que, graças às bolsas oferecidas por uma organização do Brasil, 1.000 alunos por ano têm possibilidade de entrar numa universidade. Pense-se nos milhares de pessoas que beneficiam dos serviços educativos das organizações se às bolsas se acrescentarem, por exemplo, as tarefas dos voluntários na área da educação (e em muitas outras), os empréstimos solidários e a informação que se presta a centenas de associados sobre possibilidades de estudo, quotas e bolsas, entre outros serviços. No entanto, apesar de todos os serviços disponibilizados, ainda persiste uma das maiores necessidades na área da educação: dirigentes e associados reclamam poder concluir os estudos primários, secundários, universitários e de especialização (em áreas relacionadas com os direitos humanos, a liderança, o ambiente, a cooperação internacional, a formação na elaboração de projetos de cooperação técnica, as tecnologias da informação e as línguas, entre muitos outros campos); desejam formar-se nos ofícios de que precisam e que querem aprender, e para isso precisam, também, de ferramentas; pedem para continuar a formar-se em diversas disciplinas artísticas, para o que é preciso dispor dos instrumentos necessários.

Os fins gerais das organizações – aqueles que se atingiriam se as organizações dispusessem de maior formação e melhor equipamento – são generosos e não excludentes, dado que estão relacionados

com a melhoria das condições de vida não só da população afrodescendente, mas da população em geral. Estes fins consistem em conseguir a erradicação do racismo e da discriminação, e em promover a justiça para todos, melhores sistemas de saúde e melhores condições de vida num planeta que deve ser cuidado por todos, para referir apenas alguns exemplos. As organizações estão a pensar, então, na obtenção de sociedades coesas, isto é, seguras, respeitadoras da diversidade e inclusivas.

O processo de construção da base de dados de organizações a serem contactadas permitiu verificar claramente a vida breve que algumas organizações têm e a enorme rotação de dirigentes; parece dar-se em alguns casos um processo de concatenação de alianças frágeis que dão como resultado o surgimento de organizações de curta duração. Também se observou a existência de organizações com diferentes níveis de maturidade institucional, com uma institucionalidade mais forte ou mais frágil. Esta última observação pode advir da falta de informação de que dispomos, mas também da existência de processos organizacionais mais recentes ou mais antigos – isto não significa necessariamente que as organizações mais recentes sejam mais frágeis, pois existem muitos exemplos do contrário –, com maiores ou menores fraquezas relativas à sua formação, à sua estrutura, à sua vida interna e, certamente, a outros fatores relacionados com a localização geográfica e a quantidade de associados. Este último fator parece ser um dado importante, pois há muitas organizações que contam com poucos associados¹⁴². Como referiram alguns dirigentes entrevistados, seria preciso sistematizar organizações, planos e projetos para poder usar os poucos recursos disponíveis de forma mais eficiente; para conseguir, em última análise, a sustentabilidade das organizações necessárias para os seus associados.

Existem diferentes tipos de organizações – as técnicas ou especializadas em assuntos diversos, e as dirigidas à mobilização social –, e também se verifica uma crescente diversidade – e confluência – de objetivos diferentes numa mesma organização. Entre as organizações dirigidas à mobilização social, algumas têm uma abordagem política clara. Estas organizações agem para incidir politicamente e exercer uma liderança orientada para apresentar necessidades específicas, geralmente relacionadas com a implementação de políticas públicas focadas, o reconhecimento de problemas e a construção de agendas nacionais para alcançar, por exemplo, a inclusão da pergunta pelo autorreconhecimento da população afrodescendente nos censos; também agem para contribuir para a definição das agendas internacionais. Entre as organizações técnicas ou especializadas observa-se uma maior confluência de objetivos diversos; há organizações dedicadas a fins artísticos de tipos muito diferentes, relacionadas algumas vezes também com objetivos educativos; organizações que têm objetivos ligados ao religioso, que também perseguem objetivos ambientais e educativos, entre outros; e organizações de migrantes que têm, naturalmente, objetivos relacionados com o apoio jurídico, bem como educativos e sociais.

Às organizações especializadas juntaram-se, há já décadas, organizações de mulheres afrodescendentes e, mais recentemente, uma grande quantidade de organizações de jovens, de estudantes, de pessoas que se reconhecem como LGBTI, de empreendedores e microempresários, de defensores do ambiente, entre muitas outras. Parece que esta diversidade deveria vir acompanhada, como dizem alguns dos entrevistados, não só por líderes formados nessas áreas – que existem e em muitos casos são bem-sucedidos e reconhecidos –, mas também por líderes com formação na sua gestão. Dir-se-ia que o desafio é profissionalizar as ações, os planos e os projetos das organizações, colocados anualmente à

consideração e à aprovação dos associados.

Destaca-se a liderança exercida pelas mulheres afrodescendentes; 50% das organizações participantes neste levantamento – que procuram atingir diferentes tipos de objetivos, não só a proteção dos direitos das mulheres – são dirigidas por mulheres, o que mostra a sua qualidade de líderes. Como referem alguns dos líderes entrevistados, atualmente mas não há muito tempo, as organizações e, em parte, a sociedade reconhece a especificidade dos problemas que as mulheres afrodescendentes enfrentam.

Em geral, as organizações trabalham em rede; têm mais relações com redes nacionais, dos seus respetivos países, do que com redes internacionais. Consideram que a formação de redes é um facto que traz benefícios, porque nelas se encontra informação, e se aprende e se ensina como resolver problemas mais rapidamente. Além disso, as organizações não só estão ligadas a redes da população afrodescendente, mas também a redes muito diversas, vinculadas à educação, saúde, desporto, religiões, arte, museus e empreendimentos, entre outras. As redes internacionais mais mencionadas são a Rede de Mulheres Afro-latino-americanas, Afrocaribenhas e da Diáspora, a Organização Negra Centro-Americana (ONECA), a Afroamérica XXI e a Rede de Escritórios Regionais para a Análise de Políticas de Equidade Racial (ORAPER).

O trabalho em rede está relacionado, naturalmente, com a ligação à Internet. A falta de conectividade ou a ligação intermitente ou disponível apenas por algumas horas, que se verifica no caso de muitas organizações, dificulta o trabalho em rede e, portanto, o usufruto dos seus benefícios.

No que respeita à relação com organismos governamentais, as organizações têm ligações com os seus respetivos governos nacionais, tanto com o Poder Executivo como com o Legislativo, mas também e mais frequentemente com governos locais, provinciais e regionais. Em geral, não obtêm recursos em dinheiro deles, mas apenas acompanhamento logístico para algumas atividades. Através das relações com os governos dos diferentes níveis, os líderes procuram incidir nesses espaços para conseguir a implementação de políticas públicas focadas na população afrodescendente, elaboradas sobre a base de dados fidedignos provenientes dos censos, e respeitadoras das diferentes diversidades.

As relações estabelecidas com os organismos internacionais, com as agências de cooperação bilateral, com os bancos multilaterais organizações internacionais religiosas e com fundações internacionais são mais profusas do que as estabelecidas com os respetivos governos nacionais; as organizações obtêm dessas instituições informação, cooperação para o financiamento de projetos e planos, reconhecimento e convites para reuniões internacionais para continuarem a formar-se e agindo para instalar temas e contribuir para a concepção de agendas globais.

Como foi referido por muitas organizações, é evidente que o solicitado no Programa de Ação de Durban não foi concluído e o mesmo irá acontecer com os planos relativos ao Decénio Internacional para os Afrodescendentes (2015-2024) se não houver coordenação entre o acordado a nível internacional o que está a ser programado a nível nacional de cada país, e se não se dispuser de recursos específicos. Este ponto está ligado ao que foi expresso por várias organizações acerca da necessidade de contar

com uma estratégia global contra o racismo que se sustenha no tempo, mesmo concluído o Decênio e qualquer outro plano, e cujo progresso seja revisto anualmente. Só uma estratégia deste tipo poderia garantir maiores sucessos na luta contra o racismo e as suas formas mais encobertas e dissimuladas. As redes sociais virtuais e o uso de serviços de mensagens e comunicação gratuita, amplamente usados pelas organizações mediante aplicações instaladas nos seus telefones móveis, poderiam contribuir de forma eficiente para a revisão da estratégia global e dos programas internacionais e nacionais. Esse uso das tecnologias da informação e da comunicação traria vários benefícios; por um lado, poderiam gastar-se menos recursos, sempre escassos, na organização de reuniões internacionais, dado que a participação poderia ser feita de forma remota; por outro, a revisão e, se fosse necessário, as alterações da estratégia e dos programas poderiam efetuar-se sem demora.

Dadas as necessidades de toda a ordem e nível que as organizações da população afrodescendente têm e até que se executem de forma fiável, em todos os países da região, políticas públicas que quebrem as duras exclusões, a única recomendação, muito geral e ambiciosa, é que seria preciso conceber e executar um grande programa de cooperação internacional dirigido à população afro-latino-americana, e diferentes programas nacionais relacionados com o programa regional com o objetivo de cobrir, pelo menos parcialmente, algumas dessas necessidades. Naturalmente seria preciso estabelecer as prioridades e as áreas temáticas desse programa regional segundo as necessidades da própria população afrodescendente. Embora se depreendam algumas possíveis áreas prioritárias da presente análise, considera-se pertinente a realização de uma nova consulta, agora já específica, orientada para dirigentes e associados das organizações. Esse programa de cooperação internacional não constituiria uma sorte de concessão; teria como objetivo nivelar o ponto de partida. Por outras palavras, procuraria compensar um desnível inicial eticamente inadmissível, para que a população afro-latino-americana possa desenvolver-se em condições de igualdade relativamente ao resto da população dos seus respetivos países.

O Relatório de Desenvolvimento Humano deste ano de 2016 aponta que não basta igualar ou equiparar no material porque as exclusões relacionadas com a população em situação de pobreza e marginalização ultrapassam o nível de rendimentos; não bastam recursos e serviços, sendo precisas políticas públicas focadas, mudanças na sociedade e o cumprimento cabal dos direitos humanos. Esse é o motivo por que nesse relatório se fala em “progresso multidimensional”. Não se pode concordar mais com isso; seria preciso acrescentar apenas que embora as exclusões relacionadas com raça, etnia, cor de pele e outras ultrapassem o nível dos rendimentos, são potenciadas no caso da sua combinação com outras formas de exclusão, por exemplo, com a pobreza. Portanto, são precisas tanto as políticas de reconhecimento, o cumprimento e o alargamento de direitos, e a legislação que penalize a discriminação, como os recursos e a expansão dos serviços públicos de qualidade ao alcance dessa população, inclusivamente em zonas remotas, pelo menos numa fase inicial.

6.

Bibliografia



6. Bibliografía

- Antón, Jhon, e Fabiana Del Popolo. 2009. "Visibilidad estadística de la población afrodescendiente de América Latina: aspectos conceptuales y metodológicos". Em: CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas) *Afrodescendientes en América Latina y el Caribe: del reconocimiento estadístico a la realización de derechos*. Santiago do Chile: CEPAL, Nações Unidas.
- Cassiani Herrera, Alfonso. 2015. "La diáspora africana y afrodescendiente en Latinoamérica: las redes de organizaciones como puntos de encuentros". Em: Silvia Valero e Alejandro Campos García (Eds.). *Identidades políticas en tiempos de afrodescendencia: auto-identificación, ancestralidad, visibilidad y derechos*. Buenos Aires: Corregidor.
- CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas) 2016. Panorama social de América Latina 2015. Santiago do Chile: CEPAL, Nações Unidas.
- García, Jesús "Chucho". 2001. "Comunidades afroamericanas y transformaciones sociales". Em: Daniel Mato (Comp.). *Estudios latinoamericanos sobre cultura y transformaciones sociales en tiempos de globalización*. Buenos Aires: Conselho Latino-Americano de Ciências Sociais (CLACSO).
- OREALC/UNESCO (Escritório Regional da Educação para a América Latina e as Caraíbas/Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura). 2014. *América Latina y el Caribe. Revisión regional 2015 de la educación para todos*. Santiago do Chile: OREALC/UNESCO. Outubro.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2016. *Relatório Regional sobre Desenvolvimento Humano para a América Latina e as Caraíbas 2016. Progreso multidimensional: bem-estar além da renda*. Nova Iorque: PNUD. Junho.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2013a. *Situación socioeconómica de la población afrodescendiente de Costa Rica según datos del X Censo Nacional de Población y VI de Vivienda 2011*. Panamá: PNUD. Investigación e versão preliminar: Luis Ángel López Ruiz e David Delgado Montaldo.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2013b. *Situación socioeconómica y mapa político y de liderazgo de la población afrodescendiente del Uruguay*. Panamá: PNUD. "Situación socioeconómica de la población afrodescendiente del Uruguay": investigadores do Centro de Informaciones y Estudios del Uruguay (CIESU); "Mapa político y de liderazgo de la población afrodescendiente del Uruguay": Instituto Factum do Uruguai.

- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2012a. *Análisis de la situación socioeconómica de la población afroperuana y de la población afrocostarricense y su comparación con la situación de las poblaciones afrocolombiana y afroecuatoriana*. Panamá: PNUD. Investigaçã e versão preliminar: Ramón Díaz e Oscar Madalengoitia.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2012b. *Visibilidad estadística. Datos sobre población afrodescendiente en censos y encuestas de hogares de América Latina*. Panamá: PNUD. Investigaçã e versão preliminar: Guillermo Cruces, Carolina García Domench e Florencia Pinto.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2011. *Derechos de la población afrodescendiente de América Latina. Desafíos para su implementación*. Panamá: PNUD.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2010a. *Situación socioeconómica de la población afroecuatoriana en el marco de los Objetivos de Desarrollo del Milenio*. Panamá: PNUD. Investigaçã e versão preliminar: Guillermo Cruces, Leonardo Gasparini e Fedora Carbajal.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2010b. *Situación socioeconómica de la población afrocolombiana en el marco de los Objetivos de Desarrollo del Milenio*. Panamá: PNUD. Investigaçã e versão preliminar: Guillermo Cruces, Leonardo Gasparini e Fedora Carbajal.
- PNUD (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento). 2009. *Las mujeres afrodescendientes y la cultura latinoamericana: identidad y desarrollo*. Panamá: PNUD.
- PNUD e SEGIB (Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento e Secretaria-Geral Ibero Americana). 2009. *Actualidad afrodescendiente en Iberoamérica. Estudio sobre organizaciones civiles y políticas de acción afirmativa*. Madrid: SEGIB.
- Rangel, Marta. 2009. "Una panorámica de las articulaciones y organizaciones de los afrodescendientes de América Latina y el Caribe". Em: CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas) *Afrodescendientes en América Latina y el Caribe: del reconocimiento estadístico a la realización de derechos*. Santiago do Chile: CEPAL, Nações Unidas.

Bibliografía citada pelas pessoas entrevistadas

- CEPAL (Comissão Económica para a América Latina e as Caraíbas) 2010. *Mujeres afrodescendientes: la mirada trabada en las intersecciones de organización por raza y género*. Brasília: CEPAL, Nações Unidas.
- Leiva, María Luján (comp.). 2005. *Diez años de libertad. El fin del apartheid*. Buenos Aires: INADI e Embaixada da África do Sul.
- Liboreiro, María Cristina. 1999. *¿No hay negros argentinos?* Buenos Aires: Editorial Dunken.
- Mosquera, Juan de Dios. 1999. *La etnoeducación afrocolombiana*. Guía para docentes, líderes y comunidades educativas. Bogotá: Docentes Editores.
- Mosquera, Juan de Dios. 2000. *Las comunidades negras de Colombia en el siglo XXI: historia, realidad y organización*. Bogotá: Docentes Editores.
- Mosquera, Juan de Dios. 2007. *Racismo y discriminación racial en Colombia*. Sigma Editores, Bogotá.
- Picotti, Dina V. (comp.). 2001. *El negro en la Argentina. Presencia y negación*. Buenos Aires, Editores de América Latina.

7.

ANEXOS



Anexo I

7.1. Formulários

Carta de apresentação da SEGIB
dirigida organizações

CS/16/006

Madri, 1 de fevereiro de 2016

Prezados/as senhores/as,

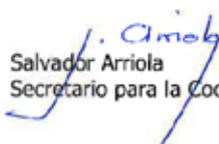
Em 2008, a Secretaria-Geral Ibero-Americana (SEGIB) e o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD) publicaram os Cadernos SEGIB-PNUD Nº 1. "Atualidade Afro-descendente na Ibero-América. Estudo sobre organizações civis e políticas de ação afirmativa", como uma contribuição para a luta contra invisibilidade estatística da população afrodescendente na Ibero-américa.

Por outro lado, no passado mês de setembro ocorreu em Cartagena de Índias (Colômbia), Workshop para a "Formulação do Programa de Cooperação com a População Afrodescendente" da Agência Espanhola de Cooperação Internacional para o Desenvolvimento (AECID). Nesta atividade participaram representantes de organizações afrodescendentes, governos, funcionários da AECID, entre outros. Um dos resultados desta reunião foi a solicitação, por parte dos representantes de 12 países, de atualização do estudo sobre as organizações afrodescendentes de 2008, incluindo um mapeamento de atores com o objetivo de criar uma rede de expertos e representantes.

No âmbito desta parceria conjunta entre o PNUD, AECID y SEGIB gostaríamos de convidá-los a participarem nesta nova edição do relatório, através do formulário preparado pela Dra. Silvia García Savino, a responsável pela coleta e sistematização de dados.

Sem dúvida alguma, a informação fornecida servirá de base para a tomar medidas eficazes de luta contra a discriminação racial, no marco da justiça e do desenvolvimento e em consonância com a Década Internacional dos Afrodescendentes 2015-2024.

Com os meus melhores cumprimentos,


Salvador Arriola
Secretario para la Cooperación

CS/16/005

Madrid, 1 de febrero de 2016

Estimados/as señores/as,

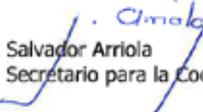
En 2008, la Secretaría General Iberoamericana (SEGIB) y el Programa de las Naciones Unidas para el Desarrollo (PNUD) publicaron el cuaderno **"Actualidad Afrodescendiente en Iberoamérica. Estudio sobre organizaciones civiles y políticas de acción afirmativa"** como aporte a la lucha contra la invisibilidad estadística de la población afrodescendiente en Iberoamérica.

Por otro lado, el pasado mes de septiembre tuvo lugar en Cartagena de Indias (Colombia), el taller para la "Formulación del Programa de Cooperación con Población Afrodescendiente" de la Agencia Española de Cooperación Internacional para el Desarrollo (AECID). En esta actividad participaron representantes de organizaciones afrodescendientes, gobiernos, personal de AECID, entre otros. Uno de los resultados de la reunión fue la solicitud, por parte de los representantes de 12 países, de actualizar el estudio sobre organizaciones afrodescendientes de 2008, incluyendo un mapeo de actores a efectos de crear una red de expertos y representantes.

En el marco de esta colaboración conjunta entre PNUD, AECID y SEGIB les invitamos a que participen en esta nueva edición del informe, a través del formulario preparado por la Dra. Doña Silvia García Savino que se encargará de recopilar y sistematizar los datos.

La información que nos proporcionen servirá, sin duda para contribuir a impulsar medidas eficaces para luchar contra la discriminación racial en un marco de justicia y desarrollo en consonancia con el Decenio Internacional de los Afrodescendientes 2015-2024.

Reciban un muy cordial saludo,


Salvador Arriola
Secretario para la Cooperación

Formulário de levantamento de organizações da sociedade civil da população afrodescendente da América Latina

- Você pode utilizar todo o espaço que necessita, mais do que aparece neste formulário; à medida que inserir texto, os espaços se ampliarão automaticamente.
- Se você considerar necessário poderá anexar documentos quando nos enviar este formulário.
- Ao concluir, solicitamos que envie este formulário completo ao endereço de correio eletrônico:

1. Nome da organização	Nome da organização (Se tiver, inclua a sigla entre parêntese ao finalizar)	
2. Nome da autoridade máxima Exemplo: Secretário/a Geral, Diretor/a, etc. Se se tratar de um órgão de direção colegiado, mencione todos seus integrantes.	Apellido/Nombre	Cargo
	Sobrenome/Nome	Desdobre e escolha
3. Localização	Endereço: rua, número, distrito, bairro	
	Cidade/País	
4. Telefones Lembre, por favor, de colocar o código de país e de área.	Telefone fixo	Fax
	Celular	
	O celular tem instalados os seguintes aplicativos	<input type="checkbox"/> whatsapp <input type="checkbox"/> Hangouts <input type="checkbox"/> Facebook Messenger
5. Página web/Redes sociais.	URL Web	www.exemplo.org.ar
	Blog	exemplo.blogspot.com
	Correio Eletrônico	Exemplo@gmail.com Exemplo@alternativo.com
	Twitter	@exemplo
	Facebook	Exemplo/Facebook.com
	Instagram	@exemplo
	Tumblr	Exemplo
	Flickr	Exemplo
	Otros	Faça clique para escrever o texto

6. Natureza da organização	<input type="radio"/> Associação <input type="radio"/> Fundação <input type="radio"/> Movimento social <input type="radio"/> Rede <input type="radio"/> Instituição acadêmica <input type="radio"/> Outra Faça clique para escrever o texto		
7. Âmbito	<input type="radio"/> Local <input type="radio"/> Nacional <input type="radio"/> Regional <input type="radio"/> Internacional		
8. Ano de criação da organização: quando foi legalmente constituída.	Dia/Mês/Ano		
9. Número de sócios / afiliados	Quantidade		
10. Número de trabalhadores	Remunerados	Quantidade	
	Não-Remunerados	Quantidade	
11. Objetivos institucionais/ missão da organização	Clique para escrever o texto		
12. Equipamento tecnológico (quantidade)	<input type="checkbox"/> Computador de mesa	Quantidade	Qual sistema operativo você tem? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac
	<input type="checkbox"/> Notebook	Quantidade	Qual sistema operativo você tem? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac

	<input type="checkbox"/> Netbook	Quantidade	Qual sistema operativo você tem? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac
	<input type="checkbox"/> Tablet		Quantidade
	<input type="checkbox"/> Celular		Quantidade
	<input type="checkbox"/> Scanner		Quantidade
	<input type="checkbox"/> Impressora		Quantidade
	<input type="checkbox"/> Scanner/Impressora		Quantidade
	<input type="checkbox"/> Outros		Quantidade
13. A organização tem acesso à internet ?	<input type="radio"/> Sim		<input type="radio"/> Todo o dia <input type="radio"/> Em horários restringidos
	<input type="radio"/> Não		<input type="radio"/> Não utilizam internet <input type="radio"/> Conectam-se desde endereços particulares
14. Quais atividades específicas desenvolve sua organização? Descreva-as sinteticamente, por favor. Caso sua organização tenha, inclua seu plano anual ou plurianual.	Clique para escrever texto		

<p>15. Sua organização faz parte de alguma rede? Em caso afirmativo, especifique se a rede é nacional ou internacional. Descreva, sendo breve, seu relacionamento.</p>	<input type="radio"/> Sim <input type="radio"/> Não	<input type="radio"/> Nacional <input type="radio"/> Internacional
<p>Clique para escrever texto</p>		
<p>16. Com que organismos internacionais sua organização tem ou teve acordo ou algum trabalho em comum? Descreva, sendo breve, seus relacionamentos e em que anos ocorreram. Se receberam financiamento de algum organismo internacional, descreva o projeto e/ou tipo de financiamento recebido e o ano de início dele.</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>17. Com que organismos governamentais sua organização tem ou teve acordo ou algum trabalho em comum? Descreva, sendo breve, seus relacionamentos e em que anos ocorreram. Se receberam financiamento de algum organismo internacional, descreva o projeto e/ou tipo de financiamento recebido e o ano de início dele.</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>18. Você considera que sua organização necessita ter mais relação com outras organizações semelhantes de outros países ou com redes de organizações semelhantes (internacionalizar-se)?</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>Por que (breve)?</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	

<p>19. Descreva, sendo breve, o local e o equipamento (mobiliário, automóvel, equipamentos de música, som e vídeo, etc.) dos escritórios da organização. Caso sua organização funcione em outra instituição ou na casa de um associado ou em algum outro local, descreva brevemente esse relacionamento.</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>20. Você considera que na sua organização falta algum equipamento (mobiliário, automóvel, equipamentos de música, som e vídeo, etc.) para realizar melhor suas atividades? Em caso afirmativo, descreva brevemente qual seria.</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>21. Descreva, sendo breve, a formação (nível de escolaridade finalizada, formação profissional etc.) de seus trabalhadores (remunerados e não remunerados).</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
<p>22. Você considera que sua organização poderia cumprir com seus objetivos mais eficientemente se seus trabalhadores (remunerados e não remunerados) e seus associados recebessem algum tipo de formação adicional?</p>	<p>Clique para escrever texto</p>	
	<p>Em caso afirmativo, mencione em quais áreas.</p>	<p>Clique para escrever texto</p>

Se você conhecer alguma outra organização da sociedade civil, além da sua, que represente genuinamente a população afrodescendente, solicitamos que nos envie seus dados com o fim de contatá-lo/s. Se você estimar que por alguma razão não poderemos nos contatar, por favor, façanos saber onde você se encontra e forneça-nos a informação que você tiver. Nós faremos tudo o que for possível para entrar em contato com elas.

Organização 1	
Nome	Clique para escrever texto
Endereço completo (ou dado que você conheça)	Clique para escrever texto
Número de telefone ou celular	Clique para escrever texto
Endereço de e-mail	Clique para escrever texto
Outros dados de contato	Clique para escrever texto

Organização 2	
Nome	Clique para escrever texto
Endereço completo (ou dado que você conheça)	Clique para escrever texto
Número de telefone ou celular	Clique para escrever texto
Endereço de e-mail	Clique para escrever texto
Outros dados de contato	Clique para escrever texto

Agradecemos a sua colaboração. Por favor, envie o formulário completo ao endereço de correio eletrônico:

Formulario de relevamiento de organizaciones de la sociedad civil de la población afrodescendiente de América Latina

- Usted puede utilizar todo el espacio que necesite, más que el que se muestra en este formulario, a medida que inserte texto los espacios se ampliarán automáticamente.
- Si así lo considera usted podrá adjuntar documentos al enviarnos este formulario
- Al concluir por favor, envíe este formulario completo a la dirección de correo electrónico:

1. Nombre de la organización	Nombre de la organización (si la tuviere incluya la sigla al finalizar entre paréntesis)	
2. Nombre de su autoridad máxima. Ejemplo: Secretario/a General, Director/a, etc. Si se trata de un cuerpo colegiado de gobierno, mencione a todos sus integrantes	Apellido/Nombre	Cargo
	Apellido/Nombre	Despliegue y elija
3. Ubicación	Dirección: calle, número, distrito, barrio, etc	
	Ciudad/País	
4. Teléfonos Recuerde, por favor, anteponer el código de país y área.	Telefono fijo	Fax
	Celular	
	El celular tiene instalados los siguientes aplicativos	<input type="checkbox"/> whatsapp <input type="checkbox"/> Hangouts <input type="checkbox"/> Messenger de Facebook
5. Página web/redes sociales	URL Web	www.ejemplo.org.ar
	Blog	ejemplo.blogspot.com
	Correo Electrónico	Ejemplo@gmail.com Ejemplo@alternativo.com
	Twitter	@ejemplo
	Facebook	Ejemplo/Facebook.com
	Instagram	@ejemplo
	Tumblr	Ejemplo
	Flickr	Ejemplo
	Otros	Haga clic aquí para escribir texto

6. Naturaleza de la organización	<input type="radio"/> Asociación <input type="radio"/> Fundación <input type="radio"/> Movimiento social <input type="radio"/> Red <input type="radio"/> Institución académica <input type="radio"/> Otra Haga clic aquí para escribir texto		
7. Ámbito	<input type="radio"/> Local <input type="radio"/> Nacional <input type="radio"/> Regional <input type="radio"/> Internacional		
8. Año de creación de la organización (legalmente constituida)	Día/Mes/Año		
9. Número de socios / afiliados	Cantidad		
10. Número de trabajadores	Remunerados	Cantidad	
	No-Remunerados	Cantidad	
11. Objetivos institucionales/ misión de la organización	Haga clic aquí para escribir texto		
12. Equipamiento tecnológico (cantidad)	<input type="checkbox"/> PC de Escritorio	Cantidad	¿Qué sistema operativo tiene? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac
	<input type="checkbox"/> Notebook	Cantidad	¿Qué sistema operativo tiene? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac

	<input type="checkbox"/> Netbook	Cantidad	¿Qué sistema operativo tiene? <input type="checkbox"/> Windows Vista/Me/Xp <input type="checkbox"/> Windows 7/8/10 <input type="checkbox"/> Linux <input type="checkbox"/> Mac
	<input type="checkbox"/> Tablet		Cantidad
	<input type="checkbox"/> Celular		Cantidad
	<input type="checkbox"/> Scanner		Cantidad
	<input type="checkbox"/> Impresora		Cantidad
	<input type="checkbox"/> Scanner/Impresora		Cantidad
	<input type="checkbox"/> Otros		Cantidad
13. ¿La organización tiene acceso a internet?	<input type="radio"/> Si		<input type="radio"/> Todo el día <input type="radio"/> En horarios restringidos
	<input type="radio"/> No		<input type="radio"/> No utilizan internet <input type="radio"/> Se conectan desde domicilios particulares
14. ¿Qué actividades específicas desarrolla su organización? Descríbalas, por favor, sintéticamente. Incluya su plan anual o plurianual en el caso en que su organización lo tenga.	Haga clic aquí para escribir texto		

<p>15. ¿Su organización forma parte de alguna red? En caso afirmativo, especifique si la red es nacional o internacional. Describa brevemente sus relaciones con esa o esas redes.</p>	<input type="radio"/> Si <input type="radio"/> No	<input type="radio"/> Nacional <input type="radio"/> Internacional
<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>		
<p>16. ¿Con qué organismos internacionales su organización tiene o tuvo acuerdo o algún trabajo en común? Describa brevemente sus relaciones y en qué años ocurrieron. Si recibió financiamiento de algún organismo internacional, describa el proyecto y/o tipo de financiamiento recibido y el año de inicio del mismo.</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>17. ¿Con qué organismos gubernamentales su organización tiene o tuvo acuerdo o algún trabajo en común? Describa brevemente sus relaciones y en qué años ocurrieron. Si recibió financiamiento de algún organismo gubernamental, describa el proyecto y/o el tipo de financiamiento recibido y la fecha de inicio del mismo.</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>18. ¿Considera usted que su organización necesita tener más relación con otras organizaciones similares de otros países o con redes de organizaciones similares (internacionalizarse)?</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>¿Por qué (brevemente)?</p>		<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>

<p>19. Describa brevemente el local y el equipamiento (mobiliario, automóvil, equipos de música, sonido y video, etc.) de las oficinas de la organización. En el caso en que su organización funcione en otra institución o en la casa de un asociado o en algún otro lugar, describa brevemente esa relación.</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>20. ¿Considera usted que a su organización le falta algún equipamiento (mobiliario, automóvil, equipos de música, sonido y video, etc.) para realizar mejor sus actividades? En caso afirmativo, describa brevemente cuál sería.</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>21. Describa brevemente la formación (nivel de escolaridad finalizada, formación profesional etc.) de sus trabajadores (remunerados y no remunerados).</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>	
<p>22. ¿Considera usted que su organización podría cumplir con sus objetivos más eficientemente si sus trabajadores (remunerados y no remunerados) y sus asociados recibieran algún tipo de formación adicional?</p>	<p>En caso afirmativo, mencione en qué áreas.</p>	<p>Haga clic aquí para escribir texto</p>

Si usted conoce **otra u otras organizaciones** de la sociedad civil que representen genuinamente a la población afrodescendiente, por favor, proporciónenos sus datos para que podamos contactarlas. Si usted considera que, por alguna razón, será muy difícil llegar a ellas, denos de todos modos los datos de que disponga y nosotros haremos todo lo posible por ponernos en contacto con ellas.

Organización 1	
Nombre	Haga clic aquí para escribir texto.
Dirección completa (o dato que usted conozca)	Haga clic aquí para escribir texto.
Número de teléfono y/o celular	Haga clic aquí para escribir texto.
Dirección de e-mail	Haga clic aquí para escribir texto.
Otros datos de contacto	Haga clic aquí para escribir texto.

Organización 2	
Nombre	Haga clic aquí para escribir texto.
Dirección completa (o dato que usted conozca)	Haga clic aquí para escribir texto.
Número de teléfono o celular	Haga clic aquí para escribir texto.
Dirección de e-mail	Haga clic aquí para escribir texto.
Otros datos de contacto	Haga clic aquí para escribir texto.

¡Muchas gracias por su colaboración!

Por favor, envíe este formulario completo a la dirección de correo electrónico:

Anexo II

7.2. Organizações participantes

País	Organizaçã	Cidade	Correio eletrônico
ARGENTINA	AfrosLGBTD	Cidade Autónoma de Buenos Aires	afroslgbtd@gmail.com; samysand07@gmail.com
ARGENTINA	Agrupación XANGO por la Inclusión y la Justicia Social	Cidade Autónoma de Buenos Aires	agrupacionxango@gmail.com; alvareznazreno@gmail.com
ARGENTINA	Asociación Civil Ile Ase Osun Doyo	Hurlingham, Provincia de Buenos Aires	infoiledoyo@gmail.com
ARGENTINA	Asociación de Residentes Senegaleses en la Argentina	Cidade Autónoma de Buenos Aires	ascivil.senegalesa@gmail.com
ARGENTINA	Asociación Multicultural Multiétnica	Cidade Autónoma de Buenos Aires	elidaobella@hotmail.com; tamarabarbara@hotmail.com
ARGENTINA	Casa de África en Argentina	Olivos, Provincia de Buenos Aires	casadeafrica2008@hotmail.com; casadeafricaenargentina@gmail.com
ARGENTINA	Comedia Negra de Buenos Aires	Tandil, Provincia de Buenos Aires	carmenplatero44@hotmail.com
ARGENTINA	Diáspora Africana de la Argentina	Cidade Autónoma de Buenos Aires	info@diafar.org
ARGENTINA	Grupo de Arte Afroecuatoriano Bejuco	Cidade Autónoma de Buenos Aires	bejucomarimba@gmail.com
ARGENTINA	Movimiento Afro-cultural	Cidade Autónoma de Buenos Aires	movimientoafrocultural535@gmail.com; samysand07@hotmail.com; grupoliberacion@gmail.com
ARGENTINA	Organización Negra Integradora de Raíces Africanas	Moreno, Provincia de Buenos Aires	mameto_onira@hotmail.com; isa_22291@yahoo.com.ar
ARGENTINA	Sociedad de Socorros Mutuos "Unión Caboverdeana"	Avellaneda, Provincia de Buenos Aires	sociedadcaboverdeana@yahoo.com.ar
ARGENTINA	Todo en Sepia Asociación de Mujeres Afrodescendientes en la Argentina	Cidade Autónoma de Buenos Aires	teatroensepia@gmail.com; alejandraegido@yahoo.es
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Asociación Cultural Sembrando Valores	La Paz	maconde02@hotmail.com
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Asociación Unión Afro para el Desarrollo	Santa Cruz	unionafrobolivia@gmail.com

BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Centro Afroboliviano para el Desarrollo Integral y Comunitario	La Paz	afrobolivia88@yahoo.es; contactos@cadic.org.bo
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Comunidad Cultural Afroboliviana Cochabamba	Cochabamba	afroboliviano78@gmail.com; clemens-apollo125@hotmail.com
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Concejo Nacional Afroboliviano	La Paz	africalera@gmail.com
BOLÍVIA (ESTADO PLURINACIONAL DA)	Fundación Intercultural Martin Luther King	Santa Cruz de la Sierra	afroboliiivanommb@gmail.com; afroboliviano_mmb@hotmail.com
BRASIL	Associação de Afro Envolvimento	Belém, Pará	coletivocasapreta@gmail.com
BRASIL	Associação Dos Amigos e Filhos do Ile Iya Omi Ase Ofa Kare	Belém, Pará	afaiaong2@gmail.com; edsonadv8@gmail.com
BRASIL	Associação Negra Quilombola Ribeirinha Águas do Miranda	Bonito, Ms	amorimaparecida@hotmail.com; boliva-39@hotmail.com
BRASIL	Centro de Estudos e Defesa do Negro do Pará	Belém, Pará	cedenpa@cedenpa.org.br
BRASIL	Centro de Tradições Afro Brasileiras	Olaria, Rio de Janeiro	cetrab@cetrab.org.br
BRASIL	Francisco de Assis Educação, Cidadania, Inclusão e Direitos Humanos	São Paulo	freidavid@franciscanos.org.br; educafro@franciscanos.org.br
BRASIL	Grupo de Estudos e Pesquisas em Autobiografias, Racismos e Antirracismos na Educação	Recife	silinhaead@gmail.com
BRASIL	Instituto de Assessoria a Projetos e Pesquisas em Educação e Etnia Odoya	Limeira, São Paulo	ongodoya@gmail.com
BRASIL	Instituto Ganga Zumba	Victoria, Es	gangazumbainstituto@gmail.com
BRASIL	Instituto Nangetu de Tradição Afro-Religiosa e Desenvolvimento Social	Belém, Pará	nangetu@bol.com.br
BRASIL	Kilombo Urbano Capao do Negro	Mato Grosso	xum.xum@hotmail.com
BRASIL	Mocambo Cultural - Coletivo de Artistas e Articuladores Negros	Porto Velho	mocambocultural@gmail.com; professorchiquinho@yahoo.com.br
BRASIL	Rede de Mulheres Negras do Paraná	Curitiba, Paraná	redemnegraspr@gmail.com
BRASIL	União de Negros Pela Igualdade	São Paulo	jeronimosilvajunior@gmail.com; edsonnfranca@gmail.com
CHILE	Grupo Social Cultural y Deportivo Mixtura Afro Azapeña	Arica	mixturaafrozapena@gmail.com; mabellopezc@gmail.com

CHILE	ONG de Desarrollo Afrodescendiente Lumbanga	Arica	onglumbanga@gmail.com
CHILE	Organización no Gubernamental Oro Negro de Desarrollo de Afrodescendientes Chilenos	Arica	afrochile@gmail.com
CHILE	Organización Social y Cultural de Mujeres Afrodescendientes de Chile. Luanda	Arica	milenros@hotmail.com
CHILE	Red de Mujeres Rurales Azapa y Lluta	Arica	marielcastillo7@yahoo.es
COLÔMBIA	Fundación "Lindos Corazones"	Simón Bolívar	funcor@hotmail.com
COLÔMBIA	Ancestros. Fundación de Comunidades Afrodescendiente	Santiago de Cali	acuario_gerencia@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación Afrocolombiana de Mujeres y Hombres Cabeza de Hogar	Zarzal, Valle	maicha75@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación Afrodescendiente para el Progreso Zarzaleño	Zarzal, Valle	belsy16@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación de Afrodescendientes Nelson Mandela -	Magdalena	asafronelman@hotmail.com; memaestrer@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación de Apoyo para el Desarrollo del Corregimiento de Santamaría Timbiqui Cauca	Bogotá	albertoocoro@yahoo.es; melanioz@yahoo.es
COLÔMBIA	Asociación de Comunidades Negras	La Paila, Valle del Cauca	jose_hugo1958@hotmail.com; asoconep.lapaila@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación de Mujeres Activas por un Futuro Mejor	Santiago de Cali	mafum05@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación de Mujeres Afrocolombianas	Santiago de Cali	amafrocol.cali@gmail.com; mfrcl@live.com
COLÔMBIA	Asociación de Mujeres Afrocolombianas	Bogotá	amuafro@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación Juvenil Juventudes Unidas para el Desarrollo de la Comunidad	Zarzal, Valle del Cauca	asojunipadeco.juventudes2013@hotmail.com; arhusa_2012@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación la Libertad	Santiago de Cali	asolibertad1@hotmail.com
COLÔMBIA	Asociación Movimiento Nacional por los Derechos Humanos de las Comunidades Afrocolombianas Cimarrón	Bogotá	cimarronnacional@movimientocimarron.org
COLÔMBIA	Asociación Mujeres Protagonistas del Desarrollo de Buenaventura	Buenaventura	muprodeb2@yahoo.es

COLÔMBIA	Asociación Mutual para el Desarrollo Integral de la Afrocolombianidad y el Empresarismo	Bogotá	afromutual@gmail.com; info@amdae.org
COLÔMBIA	Asociación para el Mejoramiento de los Afrocolombianos	Medellín	virginiamenac@yahoo.es
COLÔMBIA	Centagro	Tadó, Chocó	douglascope@gmail.com
COLÔMBIA	Centro de Autoreconocimiento Afrocolombiano	Cúcuta	autoreconocimientoafro@gmail.com
COLÔMBIA	Comité Afro "Somos Uno"	Santiago de Cali	lipsiaisis@yahoo.es
COLÔMBIA	Comunidad Afrodescendientes del Municipio de Roldanillo	Roldanillo Valle del Cauca	coafromurolroldanillo@gmail.com; danzasniche@hotmail.com
COLÔMBIA	Consejo Comunitario Cultural de la Vereda Villanueva	Mocoa, Putumayo	conccomunevi@hotmail.com
COLÔMBIA	Consejo Comunitario de Comunidades Negras de la Vereda Gamboa	Buenaventura	rositasolis@yahoo.com
COLÔMBIA	Corporación Afrocolombiana Katajena	Cartagena das Índias	katajena@gmail.com; mbezo10@yahoo.es
COLÔMBIA	Corporación Afrontar para el Desarrollo Social	Santiago de Cali	afrontarsocial@gmail.com
COLÔMBIA	Corporación Cámara de Emprendimiento y Comercio Cultural Afro	Santiago de Cali	anecaf@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación Champeta Criolla Cartagena de Indias	Cartagena das Índias	champpetacriolla@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación Cultural Afrocolombiana Sankofa	Medellín	sankofadanzafro@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación de Docentes y Maestros Etnoeducadores de la Educación	Cartagena das Índias	coretnoeducacion@gmail.com; obeso.miguel@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación de Educadores del Litoral Pacífico y Movimientos Populares	Santiago de Cali	amadocor1@yahoo.es; sindietnoeducadores2007@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación Geinnova	Quibdó	burny_lucas@geinnova.org
COLÔMBIA	Corporación para el Desarrollo Afrocolombiano	Bogotá	coprodepa@yahoo.es
COLÔMBIA	Corporación Pecuaria y Avícola de Tadó Burabata	Tadó, Chocó	lesliemena@hotmail.com
COLÔMBIA	Corporación Pilas Colombia	Cartagena das Índias	pilas.colombia@hotmail.com; edwin.salcedo@hotmail.com

COLÔMBIA	Afroamérica XXI	Santiago de Cali	rosacv2003@yahoo.com
COLÔMBIA	Federación de Consejos Comunitarios de Comunidades Negras del Valle y Otras Organizaciones de Colombia	Buenaventura	amilkarayala@gmail.com; amanayca@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación Afrocolombiana de Mutuo Cuerdo de Zarzal	Bogotá	fundacionafromuza@hotmail.com; ludaguza@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación Cívica y Social Promunicipio de Magui	Bogotá	funcipromagui@gmail.com; leonildericardina@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación Colonia Bonaverense	Santiago de Cali	coloniabonaverense@hotmail.com; tayronfernand@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación Colonias el Pacifico	Santiago de Cali	antocai13@yahoo.com
COLÔMBIA	Fundación de Menos a Más, Evolucionando en Comunidad	Santiago de Cali	walterpaz03@gmail.com; demenosamas.ong@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación el Monta Imbili	Santiago de Cali	funelmontaimbili@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación Instituto de Educación E Investigación Manuel Zapata Olivella	Marialabaja - Departamento de Bolívar	fimzo263@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación Pacifico Incluyente	Guapi-Cauca	fundación.pacificoincluyente@gmail.com; alvarocambindo@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación para el Desarrollo Integral de Mujeres y Sectores Vulnerables	Santiago de Cali	crearxxl@hotmail.es; limariela14@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación para la Educación, la Cultura y el Deporte de las Comunidades Negras de la Costa Pacífica de Nariño	Tumaco	colombiadespertar@gmail.com; egae@hotmail.com
COLÔMBIA	Fundación Profesionales Coach	Montería	profesionales2020@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación Sayra Huellas Humanas	Santiago de Cali	sayrah1966@yahoo.com.co
COLÔMBIA	Fundación Siempre Unidos	Santiago de Cali	fsiempreunidoscali@gmail.com
COLÔMBIA	Fundación Tierrapatria	Cartagena das Índias	tierrapatriaf@gmail.com
COLÔMBIA	Iniciativa Global Afrocolombiana	Santiago de Cali	hernandoviveros@gmail.com
COLÔMBIA	La Corporación Centro de Pastoral Afrocolombiana de Cali	Santiago de Cali	pastoralafrocali@gmail.com
COLÔMBIA	Movimiento Afro de Reconocimiento Étnico y Ancestral	Popayán	mareaorganizacion@gmail.com; vamospalauramba@gmail.com
COLÔMBIA	Organización Gestores y Asesores Ambientales	Buenaventura	luzmemuro@gmail.com

COLÔMBIA	Organización Étnica de Comunidades Negras los Palenkes	Bellavista	lospaleneskolombia@gmail.com
COLÔMBIA	Promotora de Bienes y Servicios del Pacifico "PBS del Pacifico"	Bogotá	pbspacifico@yahoo.com
COLÔMBIA	Sello Negro	Santiago de Cali	yorleoducas@yahoo.com; sellonegromagazin@yahoo.com
COSTA RICA	Afro Link Nefertiti	Limón Centro	careisa@hotmail.com
COSTA RICA	Amafrocinata	Cantón Matina, Limón	dorothythompson22@hotmail.com
COSTA RICA	Asociación Afroherediana	Heredia Centro	eveliapeck@gmail.com
COSTA RICA	Asociación Cultural Puebla de los Pardos	Cartago Centro	profundacionpuebladelospardos@yahoo.com
COSTA RICA	Asociación Foro de Mujeres Afro	Limón	laurarob2001@yahoo.com
COSTA RICA	Asociación para el Desarrollo de la Mujer Negra	São José	mujerdp@gmail.com
COSTA RICA	Asociación para el Desarrollo de la Mujer Negra Costarricense (Centro de Mujeres Afro)	São José	Skype: centro.de.mujeres.afro
COSTA RICA	Asociación Proyecto Caribe	São José	apc@proyectocaribecr.org
COSTA RICA	Association Black Women In Action	San Pedro de Montes De Oca	blackwomeninaction.costarica@gmail.com
COSTA RICA	Centro de Estudios de Cultura Étnica	São José	fundacioncecet@gmail.com
COSTA RICA	Centro de Investigación Afrolatinoamérica	Limón	ciacsa@yahoo.com
COSTA RICA	Comisión para el Gerenciamiento de las Manifestaciones Culturales Limonenses	Limón	smallasoc@gmial.com
COSTA RICA	Comité de Rescate de Valores de Siquirres	Siquirres	celiabcr19@yahoo.es
COSTA RICA	Emprendedores Profesionales Afrodescendientes	São José	emproa.cr@gmail.com
COSTA RICA	Fundación Afro de Arte y Cultura para el Desarrollo	São José	fuacde.cr@gmail.com
COSTA RICA	Fundación Alto Rendimiento Caribe	Limón	rdouglas@susgrow.com
COSTA RICA	Fundación Voz Propia	Guanacaste	vozpropia@tigomail.cr
COSTA RICA	Raíces Música Afrocaribeña	Siquirres	raices.siquirres@gmail.com
COSTA RICA	Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora	São José	ilambertm@yahoo.es
CUBA	Afrocubanas	La Habana	albertosanchez@osde.rimed.cu
CUBA	Cofradía de la Negritud	La Habana	nmesacarbonell@gmail.com
CUBA	Incomodo Films	La Habana	amilcardlapaz@gmail.com

CUBA	Organización Movimiento de Integración Racial Juan Gualberto Gómez	Guanajay	mal26755@gmail.com
CUBA	Red Barrial Afrodescendiente en la Habana, Contra el Racismo y la Discriminación Racial.	La Habana	rzulueta@gest.cujae.edu.cu; educolabora@cmlk.co.cu; damayanti@ipk.sld.cu
CUBA	Red Regional de Mujeres Afrodescendiente. Red Cubana "Aprendiendo a querernos"	La Habana	colorcubano@cubarte.cult.cu
EQUADOR	Asociación Selvalegreños	Guayaquil	wmedina-18@hotmail.com
EQUADOR	Asociación "Afro 29" de Junio "Por la Plena Vigencia de los Derechos Humanos"	Quito	afro29dejuni@yaho.com
EQUADOR	Asociación Cultural de Artistas, Intérpretes y Autores Afroecuatorianos	Quito	asafre2014@hotmail.com mplo@gmail.com; alamirojb@hotmail.com
EQUADOR	Asociación de Afrodescendientes del Cantón la Libertad	La Libertad	d_51@hotmail.es
EQUADOR	Asociación de Artistas Afroecuatoriano	Guayaquil	asoarafe@gamil.com; normarodriguezgruezo@gmail.com
EQUADOR	Asociación de Mujeres Afroecuatorianas "Fuerzas Unidas"	Durán	cruzday49@gmail.com
EQUADOR	Asociación de Mujeres Negras Yemanya	Quito	lapilar@hotmail.com
EQUADOR	Asociación Impulsando el Desarrollo Social	Guayaquil	impulsandoeldesarrollosocial@outlook.com
EQUADOR	Asociación Social y Cultural para la Integración de la Raza Negra en el Ecuador	Quito	ascirne@hotmail.com
EQUADOR	Centro Cultural Afro "Chuchurranga"	La Libertad	santanaecuador@yahoo.es
EQUADOR	Centro de Desarrollo y Equidad Racial en el Ecuador "Desmond Tutu"	Quito	cedestuecuador@yahoo.ec
EQUADOR	Centro de Investigación de la Mujer de Piel Africana	Quito	ofediosaoshun@yahoo.es; diferlac@yahoo.es
EQUADOR	Colectivo Afro Juvenil Tungurahua	Ambato	colectivoafrojuveniltungurahua@hotmail.com
EQUADOR	Comisión Nacional Afroecuatoriana	Guayas	conafroecuatoriana@gmail.com; luisalfredocaicedo@gmail.com; conafroecuador@gmail.com
EQUADOR	Comité de Mujeres Pablo Neruda	Guayaquil	cmujerespabloner@hotmail.com

EQUADOR	Confederación Nacional Afroecuatoriana	Quito	confederacionfroecuatoriana@gmail.com; malcomxes2@gmail.com
EQUADOR	Cooperativa de Producción Acuícola Afros Prosperando	Quito	cooproacaf@gmail.com
EQUADOR	Coordinadora Nacional de Mujeres Negras, Capítulo Carchi	La Concepción	conamunecarchi@yahoo.es
EQUADOR	Federación de Comunidades y Organizaciones Negras de Imbabura y Carchi	El Chota	acosta.salomon@yahoo.es
EQUADOR	Fundación Afroamérica XXI	Guayaquil	afroamec_21@hotmail.com
EQUADOR	Fundación de Desarrollo Social y Cultural Afroecuatoriana Azúcar	Quito	pielafricana@yahoo.com
EQUADOR	Fundación para el Desarrollo Social y Humano	Guayaquil	fundacion_fundashu@hotmail.com
EQUADOR	Grupo de Pensamiento Afrodescendiente	Quito	gpafrodescendiente@gmail.com; gpafroequipo@gmail.com
EQUADOR	Negra Bonita -/ Comisión Nacional Afroecuatoriano-Pichincha	Quito	comisionacionalafro@gmail.com; vertientedeluz@gmail.com
EQUADOR	Proyecto "Ecuador habla inglés"	Guayas	arrosa-@hotmail.com
EQUADOR	Palenke Cultural Afroecuatoriano de Danza y Música-Yowa	Quito	rafaelocles@gmail.com; gloria_enamorada_2000@yahoo.es
EQUADOR	Red de Mujeres Afrodescendientes y Diversas	Esmeraldas	edorysbennett@hotmail.com; reddemujeresafrodiversas@gmail.com
EQUADOR	Unidad Educativa Particular A Distancia "Dr. Eugenio Espejo"	Guayaquil	unidadparticulardreugenioespejo@hotmail.com; cenequinte@hotmail.com
EL SALVADOR	Afrodescendientes de el Salvador	São Salvador	afroes.2013@gmail.com; el.talapo@gmail.com
GUATEMALA	Afroamérica XXI Sección Guatemala	Guatemala	ngloria29@yahoo.com
GUATEMALA	Asociación de Turismo Comunitario Garífuna *Laru-Beya*	Livingston	delmar.leiva@gmail.com
HONDURAS	Asociación Hondureña de Mujeres Negras	Tegucigalpa	asohmun2004@yahoo.com; muladdu@yahoo.com
HONDURAS	Centro Independiente para el Desarrollo de Honduras	Tegucigalpa	organizacioncidh@yahoo.com
HONDURAS	Ecología y Salud	La Ceiba	ecosalud98@yahoo.es
HONDURAS	Enlace de Mujeres Negras de Honduras	Honduras C.A	lacayobertha@yahoo.com

HONDURAS	Juventud Garífuna Unidos por Honduras	La Ceiba	jgarifuna2016@gmail.com; lwagia@yahoo.com
HONDURAS	Organización de Desarrollo Étnico Comunitario	La Ceiba	odeco.hn@gmail.com; celeoal@gmail.com
HONDURAS	Organización Negra Centro Americana	San Pedro Sula	mircolon@aol.com
MÉXICO	A.C. Tercera Raíz en Acción	Jamiltepec, Oaxaca	kadiva87@hotmail.com
MÉXICO	Afromexican@s AC	Distrito Federal	teremojica@yahoo.com.mx
MÉXICO	Alianza para el Fortalecimiento de las Regiones Indígenas y Comunidades Afromexicanas	Santa María Huazolotitlán, Oaxaca	colectivo_africa@hotmail.com
MÉXICO	Asociación Cultural Xquenda A.C.	Distrito Federal	contacto@xquenda.com
MÉXICO	Asociación de Mujeres de la Costa de Oaxaca A.C.	Santa Cruz Huatulco-Oaxaca	casalros@hotmail.com
MÉXICO	Colectiva de la Costa de Oaxaca Ña'A Tunnda A.C.	Villa de Tututepec, Oaxaca	cacy.570@hotmail.com
MÉXICO	Colectivo Afro Tamiahua, A.C.	Tamiahua, Veracruz	orígenes_tamiahua@hotmail.com
MÉXICO	Ecosta Yutu Cuii	Tututepec, Oaxaca	heladioreyes@yahoo.es
MÉXICO	Fundación Afromexicana Petra Morga A.C	Azoyú, Guerrero	fapetramorga@hotmail.com
MÉXICO	Mano Amiga de la Costa Chica A.C.	Cuajinicuilapa, Guerrero	* * * *
MÉXICO	México Negro	Cuajinicuilapa, Guerrero	cuijla2012@hotmail.com
MÉXICO	Organización para el Desarrollo del Pueblo Afromexicano	Cuajinicuilapa, Guerrero	afromex_17@hotmail.com
MÉXICO	Organización para el Desarrollo Social y Productivo de los Pueblos Indígenas y Comunidades Afrodescendientes – Socpinda A. C.	Huazolotitlan, Oaxaca	isidro_ram_lop@hotmail.com; organización.socpinda@gmail.com
MÉXICO	Púrpura, Investigación y Asesoría para el Desarrollo, Asociación Civil	Pinotepa Nacional, Oaxaca	jfziga@gmail.com; jfziga@yahoo.com.mx
MÉXICO	Unidad para el Progreso de Oaxaca Asociación Civil	Pinotepa Nacional, Oaxaca	unproax@hotmail.com; bac_2708@hotmail.com
NICARÁGUA	Afros Voices Center of Nicaragua	Bilwi, Puerto Cabezas	duhindo@yahoo.com; bush-black@hotmail.com

NICARÁGUA	Red de Mujeres Afrolatinoamericanas, Afrocaribeñas y de la Diáspora	Managua	comuni@mujeresafro.org; rmafroni@ibw.com.ni
PANAMÁ	Centro de la Mujer Panameña	San Miguelito, Panamá	cemppanam@gmail.com
PANAMÁ	Centro de la Mujer Panameña – los Santos	La Villa de Los Santos, Los Santos	adepa0615 @gmail.com; dallysnuvia31@gmail.com
PANAMÁ	Fundación de la Etnia Negra	Colón	colonfundacionetnianegra@gmail.com; fundacionetnienegracolon@live.com; elchicoemprendedor22@hotmail.com
PANAMÁ	Fundación para la Gestión del Arte	Cidade do Panamá	cwynter@fugalibros.com
PANAMÁ	Fundación Privada en Pro del Desarrollo Económico y Social	Cidade do Panamá	prodes26@gmail.com
PANAMÁ	Fundación Unidos por Colón	Colón	fundacionunidosporcolon@gmail.com
PANAMÁ	Sociedad de Amigos del Museo Afroantillano de Panamá	Cidade do Panamá	vforte12samaap@gmail.com
PANAMÁ	Voces de Mujeres Afrodescendientes en Panamá	Cidade do Panamá	voces.mujeresafro.pt@gmail.com
PARAGUAI	Asociación Grupo Tradicional Kamba Cuá	Cidade Fernando de la Mora	balletkambacua18@hotmail.com
PERU	Ashanti Perú – Red Peruana de Jóvenes Afrodescendientes	Lima	ashantiperu@ashantiperu.org; ashanti.peru@gmail.com
PERU	Asociación Negra de Defensa y Promoción de los Derechos Humanos	Lima	asonedh@asonedhperu.org; asonedh@gmail.com; afro_peruano@hotmail.com
PERU	Centro de Desarrollo de la Mujer Negra Peruana	Lima	cedemunep@gmail.com
PERU	Centro de Desarrollo Étnico	Lima	cedetdir@gmail.com; renatoomhi@hotmail.com
PERU	Lundu – Centro de Estudios y Promoción Afroperuanos	Lima	brenda.garay.r@gmail.com; lundu@lundu.org.pe
PERU	Pastoral Afro Peruana	Callao	pbrovtorres@gmail.com
PERU	Red Nacional de Mujeres Afroartesanías	Callao	afroartesanias@hotmail.com
R. DOMINICANA	Centro de Orientación, Investigación Social y Asesoría, Inc.	Santo Domingo	ceorisa@gmail.com
R. DOMINICANA	Escuela Cultural y Folklórica Comunitaria Cacutai	Santo Domingo Este	yaquelin69@hotmail.com
R. DOMINICANA	Fundación Étnica Integral	Santo Domingo	ong.fe@gmail.com

R. DOMINICANA	Jóvenes y Mujeres por el Cambio	Santo Domingo	lidiambobea@yahoo.es; risegu1@hotmail.com; jumoem@gmail.com
R. DOMINICANA	Movimiento de Mujeres Dominicano Haitianas	Santo Domingo Este	mudhadepartaamentolegal@gmail.com; luis cristian@yahoo.com
URUGUAI	Afrogama	Montevideo	afrogama1995@gmail.com
URUGUAI	Asociación Civil Africanía	Montevideo	toliverach@hotmail.com
URUGUAI	Centro de Estudios E Investigaciones Afro (Organizaciones Mundo Afro; O.M.A.)	Montevideo	mundoafro@mundoafro.uy; coordinacionoma@hotmail.com; nestorsilvaxxi@gmail.com
URUGUAI	Colectiva Mujeres	Montevideo	colectivamujeres@yahoo.com ; colectivamujeresuru@gmail.com
URUGUAI	Organizaciones Mundo Afro	Montevideo	miguelafro1@gmail.com; coordinacionoma@hotmail.com
VENEZUELA (REPÚBLICA BOLIVARIANA DE)	Colectivo de Intercambio Solidario Afrodescendiente 5 de Julio	Bermúdez, Sucre	chapielunico@gmail.com

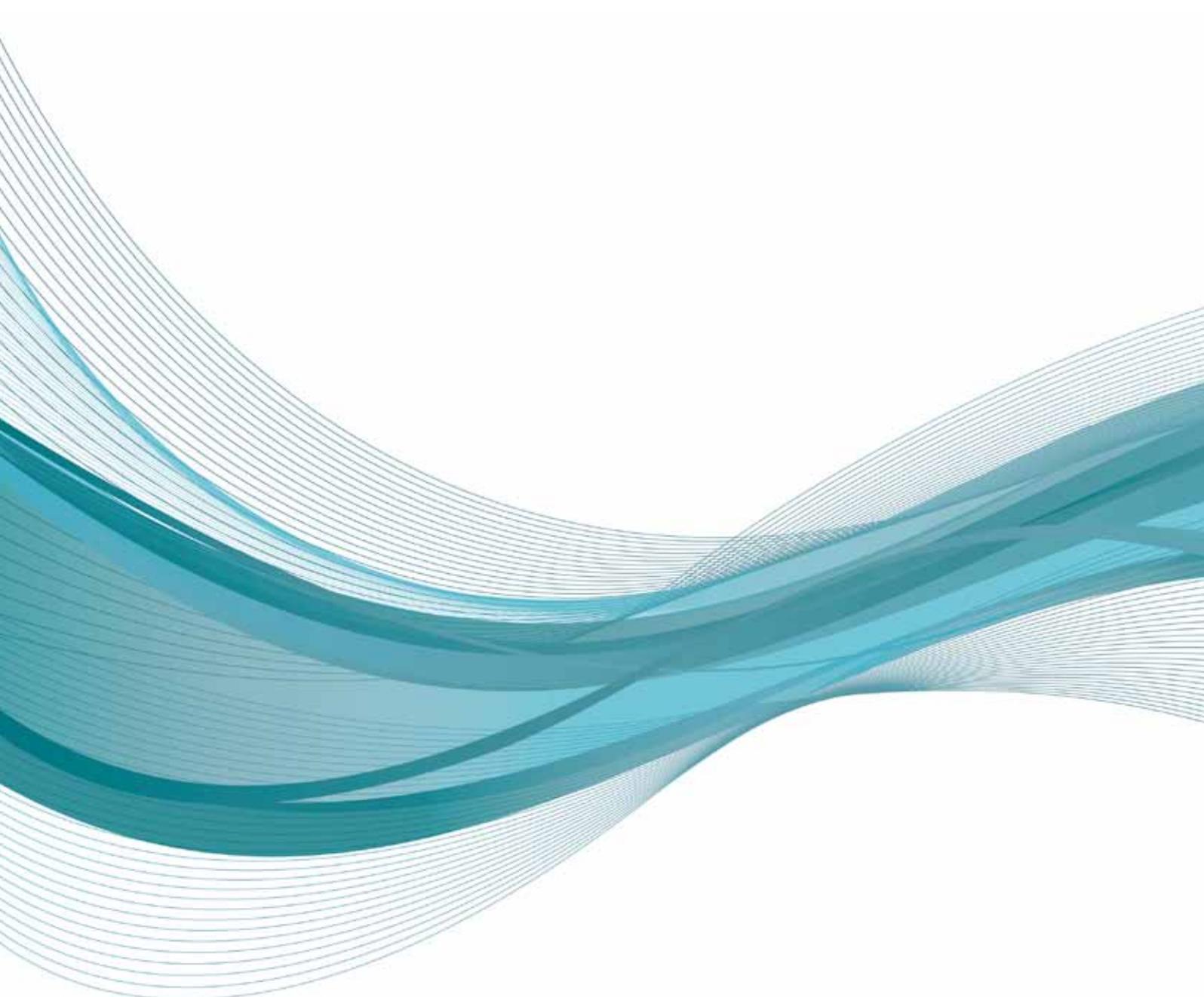
SILVIA B. GARCÍA SAVINO

Especialista em cooperação internacional, gestora de projetos e programas com 20 anos de experiência na gestão de projetos bilaterais e multilaterais. Nos últimos 10 anos tem-se dedicado a escrever, executar e dirigir projetos regionais sobre a população afrodescendente da América Latina para organismos internacionais, entre eles a SEGIB e a UNDP/PNUD regional, com particular ênfase na discriminação, racismo, mulheres e grupos vulneráveis.

Agradecimentos

Agradeço muito especialmente à Dra^a Lucía Wisnieski, sem cuja brilhante inteligência analítica a gestão das bases de dados, das centenas de formulários recebidos e dos milhares de dados contidos nesses formulários teria sido impossível. Houve pessoas que, com maior ou menor proximidade, contribuíram com dados de organizações e nomes de dirigentes, e que também me alentaram quando parecia que todo o esforço era em vão. O meu profundo agradecimento a Miriam Gomes, da Argentina; Cristian Báez, do Chile; Fernando Urrea Giraldo, da Colômbia; Sonia Vega Benavidez, da Costa Rica; Jhon Antón Sánchez, da Colômbia, residente no Equador; Valeria Cabrera, do Estado Plurinacional da Bolívia, residente no Panamá; Oswaldo Bilbao, do Peru e Teresa Mojica Morga, do México. A todos eles e a todos quantos me ofereceram o seu apoio durante a realização deste trabalho, muito obrigado!

Andorra Bolívia Colômbia Cuba R. Dominicana El Salvador Guatemala México Peru Panamá Uruguai
Argentina Brasil Costa Rica Chile Equador Espanha Honduras Nicarágua Portugal Paraguai Venezuela



Com o apoio de:

